



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação - PPG
Departamento de Educação – DEDC/CAMPUS I
Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade -
PPGEduC

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES/AS ACERCA DA EDUCAÇÃO
PREVENTIVA AO USO E ABUSO DE DROGAS NAS ESCOLAS.

ARIANA BAHIA BITENCOURT

Salvador – Bahia
2017

ARIANA BAHIA BITENCOURT

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES/AS ACERCA DA EDUCAÇÃO
PREVENTIVA AO USO E ABUSO DE DROGAS NAS ESCOLAS.**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado da Bahia - Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade, como requisito para qualificação ao título de mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Natanael Reis Bomfim.

**Salvador – Bahia
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Bitencourt, Ariana Bahia

Representações sociais de professores/as acerca da educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas –. Salvador, 2017.

Orientador: Natanael Reis Bonfim

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade.

Contém referências e apêndices.

1. Drogas. 2. Educação Preventiva. 3. Representações Sociais. I. Bonfim, Natanael Reis.
II. Universidade do Estado da Bahia. Campus I. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc.

CDD 362.2917

FOLHA DE APROVAÇÃO

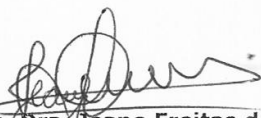
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES ACERCA DA EDUCAÇÃO PREVENTIVA NAS ESCOLAS

ARIANA BAHIA BITENCOURT

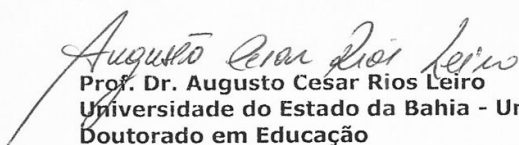
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 23 de maio de 2017, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



Prof. Dr. Natanael Reis Bomfim
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Université du Québec à Montréal -UQ, Canadá



Profa. Dra. Jeane Freitas de Oliveira
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Doutorado em Saúde Coletiva
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dr. Augusto César Rios Leiro
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, sempre, à Deus, pelo dom da vida, pelo cuidado incansável e por capacitar-me e guiar meu caminho. Sei que todas as minhas realizações são frutos dos meus esforços, mas também da permissão de Deus! A minha gratidão, sempre!

Aos meus pais, por todo investimento afetivo, disponibilidade e cuidado. Por tanto amor e presença. Sou abençoada por tê-los comigo nessa jornada! Amo vocês. À minha grande família, que me ensina tanto cotidianamente. Ao meu companheiro, Rubem Mario, que esteve tão presente nesse processo, inclusive nos momentos mais difíceis, acompanhando de perto as ansiedades, angústias, paralisações, e sendo colo, aconchego e incentivo.

Ao meu incrível parceiro e orientador, Natan! Encontrá-lo foi um presente de Deus, mais uma prova do quanto sou abençoada. Eu poderia escrever uma vida inteira para dizer o quanto lhe sou grata por me acompanhar de uma maneira tão humana nessa jornada. Não tenho palavras. Não existem palavras para dar conta do que quero expressar. Você é iluminado! Gratidão por cada segundo de dedicação e afago. Sorte de quem lhe tem na vida!

Outras pessoas foram essenciais nessa caminhada; os meus anjos terrenos, minha força em forma de amizade: Leo, Di, Tica. Companheiros da vida, das agonias e das alegrias. Foi mais fácil porque tenho vocês! Gratidão por cada escuta, compreensão, orientação, indicações, incentivo, e principalmente, pela certeza de nunca estar sozinha. Muito amor por vocês! Thy e Anderson, meus presentinhos da vida! Que sorte a minha! Vocês foram essenciais nessa caminhada. Meus consultores, incentivadores, inspirações. Obrigada por acreditarem tanto em mim, por serem tão presentes!

À minha parceira de mestrado, Thai, por toda a disponibilidade, pelos momentos de desabafo e incentivo, por ser companhia e força. Por tornar o caminho Feira-Salvador menos pesado. Minha admiração e carinho por você serão eternos. Gratidão por tornar o caminho mais leve! Aos colegas do GIPRES, por tanto conhecimento compartilhado, pelo crescimento acadêmico.

Aos professores/as, coordenadores, funcionários, e diretoras da Escola Paulo VI, pelo acolhimento, abertura e principalmente, pelo comprometimento com a educação. Aos componentes da banca, pela disponibilidade em dividir comigo esse momento tão importante.

Aos meus alunos, muitos dos quais são verdadeiros incentivadores e me fortalecem com a torcida e os votos de sucesso. Isso é por vocês também! Aos amigos que torcem, acompanham, cuidam: cada manifestação de carinho é um alento! Aos pacientes, que me ensinam tanto e me instigam a ser melhor, a buscar mais, a não parar!

Eu não conseguiria sozinha. Só cheguei até aqui porque vocês todos estiveram comigo, e foram fonte de motivação, força e incentivo. Gratidão!

“(…) na prevenção, o sucesso resulta da coragem de denunciar as contradições e as hipocrisias da sociedade, levantando, ao invés da bandeira do conformismo ao “*status quo*”, aquela de uma ética que admite questionar e que tenta compreender os desvios do homem, quer se trate de drogadição ou de outras formas de marginalização. Senão, a prevenção não passa de mais uma das manobras de obscurecer os males que se trata de enfrentar” (Bucher, 2010, p. 123)

BITENCOURT, Ariana Bahia. Representações sociais de professores/as acerca da educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas. 105 f.il. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

RESUMO

Essa pesquisa buscou compreender como o conteúdo das representações sociais de professores/as de uma escola pública sobre a educação preventiva ao uso e abuso de drogas podem contribuir com/para a promoção e/ou consolidação da educação e práticas preventivas nesses espaços. Partiu-se do pressuposto de que compreender como esses professores/as (re)significam a educação preventiva pode auxiliar na apreensão de pistas que contribuam para a elaboração e orientação de práticas preventivas dentro das escolas, que uma vez exercidas pelo corpo docente da mesma - envolvendo também a família e comunidade - pode vir a minimizar o envolvimento de jovens com as drogas. O recorte foi feito com os professores/as de uma escola pública de Feira de Santana, inserida em uma área de vulnerabilidade social, em um bairro periférico. O levantamento de informações se deu em 3 etapas, a saber: a aplicação de um questionário sociodemográfico, seguido de um questionário de evocação livre, finalizando com a entrevista semi-dirigida realizada individualmente ao total de dez professores/as, sendo este o instrumento utilizado para construção do corpus de análise. Os dados foram descritos e analisados, à luz da metodologia processual das representações sociais e de Bardin, e em seguida sobrepostos para se chegar aos resultados do conteúdo das representações sociais que foi discutido à luz de outros autores. A realização desse estudo permitiu concluir que a educação preventiva é concebida pelos professores/as como uma temática de grande relevância no cenário atual, e como uma alternativa viável para o enfrentamento do envolvimento dos jovens com as drogas, principalmente àqueles inseridos em condições de vulnerabilidade social. Os resultados denotam ainda a consciência dos professores/as acerca da responsabilidade da escola na formação dos sujeitos, assim como a participação essencial deles nessa tarefa. Por fim, acredita-se que essa pesquisa pode e deve ser ampliada para outras escolas que vivenciam o mesmo contexto, a fim de ampliar essa discussão, e a partir disso ampliar as possibilidades de intervenção nessa realidade.

Palavras-chave: Drogas, educação preventiva, representações sociais.

BITENCOURT, Ariana Bahia. Social representations of teachers about preventive drug education in schools. 105 f.il. Dissertation (Master in Education and Contemporaneity) - State University of Bahia, Salvador, 2017.

ABSTRACT

This research sought to understand how the content of the social representations of teachers of a public school on preventive education to drugs can contribute with / to the promotion and / or consolidation of education and preventive practices in these spaces. It was assumed that understanding how these teachers (re) mean preventive education can help in the apprehension of clues that contribute to the elaboration and orientation of preventive practices within the schools, that once exerted by the faculty of the same - also involving The family and the community - may minimize the involvement of young people with drugs. The clipping was done with the teachers of a public school in Feira de Santana, inserted in an area of social vulnerability, in a peripheral neighborhood. Data collection took place in three stages, namely: the application of a sociodemographic questionnaire, followed by a free recall questionnaire, ending with a semi-addressed interview conducted individually for a total of ten teachers. The data were described and analyzed in light of the methodologies (structural and procedural) of RS and then overlaid to reach the results of RS content that was discussed in the light of other authors. The realization of this study allowed us to conclude that preventive education is conceived by teachers as a topic of great relevance in the current scenario, and as a viable alternative for confronting the involvement of young people with drugs, especially those inserted in conditions of social vulnerability. The results also indicate the teachers' awareness of the responsibility of the school in the training of subjects, as well as their essential participation in this task. Finally, it is believed that this research can and should be extended to other schools that experience the same context, in order to broaden this discussion, and from this, to expand the possibilities of intervention in this reality.

Keywords: Drugs, preventive education, social representations.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CASE – Comunidade Socioeducativa

EP – Educação preventiva

GIPRES – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Representações, Educação e Sociedades Sustentáveis

PPGEduC – Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade

RS – Representações Sociais

TRS – Teoria das Representações Sociais

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa	45
Tabela 2.	Expressão “uso e abuso e abuso de drogas”	50
Tabela 3.	Expressão “Educação preventiva ao uso e abuso e abuso de drogas”	52
Tabela 4.	Concepções de educação preventiva ao uso e abuso de drogas para os professores/as	55
Tabela 5.	O papel da escola na prevenção	60
Tabela 6.	Papel do Professor na Educação Preventiva	68
Tabela 7.	Identificação e análise dos resultados das práticas	73

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 TRAJETÓRIA DE UMA PSICÓLOGA EDUCADORA E A JUVENTUDE ENVOLVIDA COM AS DROGAS.	14
2. DESENVOLVIMENTO.....	22
2.1 CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO PREVENTIVA, JUVENTUDE E DROGAS	22
2.2 CAPÍTULO II: REPRESENTAÇÃO SOCIAL COMO TEORIA: CAMINHOS POSÍVEIS PARA O ENTENDIMENTO DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA AO USO E ABUSO DE DROGAS NA ESCOLA.	34
2.2.1 Tendências e limites dos estudos abordando os constructos: RS, educação preventiva na escola e juventude	Error! Bookmark not defined.
2.3 CAPÍTULO III: DELINEAMENTO DO ESTUDO EMPÍRICO	41
2.3.1 Representação social como método: técnicas de apreensão, análise e interpretação das representações sociais dos professores/as	41
2.3.2 Hipóteses	42
2.3.3 Procedimentos	42
2.3.3.1 <i>Lócus de Pesquisa</i>	42
2.3.3.2 <i>Seleção dos Participantes da Pesquisa</i>	44
2.3.3.3 <i>Elaboração e Aplicação das Técnicas de levantamento de informações</i>	46
2.3.3.4 <i>Método de Análise dos dados</i>	47
2.4 CAPÍTULO IV: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES/AS ACERCA DA EDUCAÇÃO PREVENTIVA AO USO E ABUSO DE DROGAS NAS ESCOLAS.....	48
2.4.1 Imagem das RS sobre Educação Preventiva	48
2.4.2 Imagem da Educação preventiva ao uso e abuso de drogas.....	55
2.4.3 O modelo das representações sociais dos professores/as do Colégio Paulo VI acerca da educação preventiva à drogas nas escolas.....	79
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
4. REFERÊNCIAS	88
APÊNDICES.....	92

1. INTRODUÇÃO

As drogas são produtos que acompanham a história da humanidade. Desde os tempos remotos, os humanos utilizavam essas substâncias psicoativas com diversas finalidades, seja pela possibilidade da transcendência e capacidade de alterar consciências; de suprimir a dor, a fome ou cansaço; de dar sentido à rituais coletivos, em festividades religiosas; e até como medicamentos. Seja na perspectiva do prazer e da recreação ou pela possibilidade de encontro com suas divindades, esses produtos sempre fizeram parte da vida humana. A presença das drogas na sociedade é uma realidade imutável, porém o que se observa hoje na sociedade contemporânea é uma mudança no que diz respeito aos padrões de consumo dessas substâncias. Se antes, estas eram utilizadas com um objetivo definido, situado em rituais coletivos, que exerciam um certo controle, encontramos hoje um padrão de consumo muitas vezes marcado pela impulsividade, pela ausência de significados, pautados na perspectiva da consumo exagerado e busca do prazer imediato. Essa realidade tem levado à inúmeras discussões sobre as possibilidades de alteração desse cenário.

Aqui faz-se importante fazer uma distinção entre os diversos padrões de consumo de drogas encontrados na atualidade. Inicialmente, é preciso dizer que nem todas as pessoas que fazem uso de tais substâncias, sejam elas lícitas ou ilícitas, se tornarão dependentes delas ou terão graves prejuízos causados pelo consumo, embora em qualquer um dos padrões de uso, existam riscos para a saúde e ameaça à vida.

Para termos de compreensão, serão apresentadas aqui rapidamente os quatro padrões de uso explicitados por Nery Filho (1999), a saber: Experimentação; Uso recreativo ou ocasional; Uso abusivo de drogas/Abuso de drogas; Dependência/Toxicomania. No primeiro, fala-se de usuários que, circunstancialmente, entram em contato com uma substância psicoativa, usa uma, duas ou três vezes, vê como funciona e abandona o consumo; nesse caso não há uma doença instalada, mas ainda assim faz-se necessário um trabalho de informação para alertá-los dos riscos e problemas. O uso recreativo ou ocasional é caracterizado pela utilização da substância de forma repetitiva sem que isso traga prejuízos para a vida do usuário e nesse caso, a falta da substância não provoca sofrimento. No uso abusivo, há um aumento de riscos e consequências prejudiciais para o usuário nos níveis físico, mental e/ou social e há um uso continuado, apesar de evidências claras de que este foi responsável ou contribuiu para danos físicos, sociais e interpessoais. A dependência de drogas caracteriza-se por um padrão mal adaptativo de uso, levando a prejuízo ou sofrimento clinicamente significativo, marcado pelo forte desejo ou

compulsão pela substância, que pode ser para experimentar o seu efeito e/ou para evitar o desconforto provocado pela sua ausência; bem como pelo abandono de atividades sociais, ocupacionais e/ou recreativas e a redução dos interesses por questões não relacionadas às drogas.

Os diferentes padrões de uso variam de indivíduo para indivíduo, o que demonstra as diversas relações possíveis com as substâncias psicoativas. Essa relação é individual, subjetiva e como pode-se ver na descrição acima, a depender do padrão de uso, a droga pode apresentar poucos riscos, ou pode apresentar uma série de problemas, levando a prejuízos biológicos, psicológicos e sociais. Em todos os padrões de consumo, faz-se necessário intervenções, que podem ir desde a simples informação e alerta quanto aos riscos até um tratamento específico com uma equipe multidisciplinar e o envolvimento das diversas esferas da sociedade.

Embora o envolvimento com as drogas seja uma realidade presente em todas as classes sociais e faixas etárias, essa pesquisa traz o recorte do uso na juventude. Esta, inserida em uma sociedade que alimenta a competição, preconiza o sucesso, favorece a cultura de prazer, ao tempo em que encoraja e valoriza a busca de vivências desafiadoras e arriscadas, mas que em contrapartida nem sempre desenvolve a conscientização sobre a responsabilidade pessoal e social das consequências das suas ações e decisões (Albertani, 2013). Dessa forma, o desenvolvimento da tolerância à frustração e do controle dos impulsos, tornam-se difíceis, formando jovens em busca de recompensas imediatas e com dificuldade de lidar com as questões emocionais. Ao tratar das possíveis questões envolvidas no uso e abuso de drogas entre os jovens, Carlini-Cotrim e Pinsky (1989) apontam as tensões sociais vivenciadas pela juventude, que utilizaria a droga como um escape às pressões e frustrações vividas; um sistema educacional inadequado e distante da realidade dos jovens; ausência de opções de lazer, cultura e fechamento de espaços de participação política; e a falta de perspectivas no mercado de trabalho.

Araldi et al (2012) apontam para a interdependência dos contextos escolar, familiar, comunitário, midiático, e social no que diz respeito ao entendimento do aumento do uso e abuso de drogas atualmente. A realidade vivida pelos jovens, em todas as dimensões do contexto que o cerca, influencia na sua formação e na sua postura diante das drogas. Diante dessa complexidade e da multifatorialidade que envolve essa problemática, faz-se necessário encarar a questão das drogas de forma aprofundada e integrada, pensando alternativas eficazes, que possam levar os jovens a responsabilizar-se pelas suas escolhas na vida. Nesse contexto, o

investimento na educação surge como uma alternativa, e a escola como um lugar de práticas preventivas surge como um espaço de grande potencial para o trabalho com a juventude. Para Dalbosco e Pereira (2013), a escola seria então um espaço de sensibilização e construção de práticas preventivas, partindo de capacitações e disseminação de projetos de prevenção, tendo os alunos e professores/as como protagonistas nesse processo de caráter coletivo. Para tanto, faz-se necessário transformar a escola em um espaço de acolhimento e não de exclusão, onde os educadores devem ser preparados para identificar e lidar com diferentes situações de risco, estando articulados com as diferentes redes e atores da comunidade, a fim de realizar encaminhamentos corretamente, quando necessário.

O papel ativo do professor é fundamental na implementação de práticas preventivas nas escolas, seja pela capacidade de dialogar ou pela possibilidade de se articular com a rede. Dessa forma, este deve desenvolver a consciência de seu protagonismo, assumindo o grande desafio de ter uma postura de educador, e não simplesmente de professor, em função de seu papel fundamental na formação integral dos seus educandos, ajudando-os no estabelecimento de ações de autocuidado e na opção de escolhas saudáveis (Dalbosco, 2013). Dada a importância do papel do professor nas práticas de prevenção, julga-se necessário ampliar o olhar para as significações construídas por eles, uma vez que estas podem estar diretamente ligadas às práticas desenvolvidas na escola. Isso pode possibilitar um maior conhecimento sobre a temática da educação preventiva, orientando intervenções efetivas no real. Para tal, faz-se necessário investigar as RS sociais destes acerca da questão, ampliando assim as possibilidades de discussão no âmbito acadêmico e na sociedade em geral, bem como de gestão e controle social em uma perspectiva de empoderamento comunitário e participação social na questão das drogas nas escolas. Levando em consideração essa análise, podemos obter como consequência propostas de estratégias que possam promover transformações sociais no contexto estudado, orientando condutas e práticas socioeducativas e preventivas para modificar a realidade em questão.

Na pesquisa em questão, a saber: RS dos professores/as de escolas públicas acerca da educação preventiva ao uso e abuso de drogas, o recorte foi feito com os professores/as de uma escola pública de Feira de Santana, inserida em uma área de vulnerabilidade social, em um bairro periférico, com índices altos de uso e tráfico de drogas. Essa escola foi escolhida por já ter sido lócus de uma pesquisa anterior realizada na disciplina Representações e Educação, nesse programa de mestrado. Foram investigadas na época, as representações sociais sobre as

drogas construídas por alunos e professores/as, e os resultados levaram a suposição de que nesta escola existem práticas preventivas, e professores/as com uma visão crítica acerca da questão do envolvimento da juventude com as drogas. Ademais, a relação comunidade/escola é uma realidade nesse contexto, através das ações promovidas pela comunidade escolar. Acredita-se que compreender como esses professores/as significam a educação preventiva pode auxiliar na apreensão de pistas que contribuam para a elaboração e orientação de práticas preventivas dentro das escolas, que uma vez exercidas pelo corpo docente da mesma - envolvendo também a família e comunidade - pode vir a minimizar o envolvimento de jovens com as drogas.

Diante do exposto, esta premissa nos leva a colocar as seguintes questões de pesquisa: Quais as representações sociais acerca das práticas preventivas construídas pelos professores/as, e como o conteúdo dessas representações podem contribuir para a promoção e/ou consolidação da educação preventiva no espaço escolar?

Para tal elaboramos o objetivo geral: compreender como o conteúdo das representações sociais (RS) de professores/as sobre a educação preventiva ao uso e abuso de drogas podem contribuir com/para a promoção e/ou consolidação da educação e práticas preventivas nesses espaços. Nessa perspectiva, para tentar responder as questões de pesquisa, elaboramos os objetivos específicos desta investigação: Apresentar o conteúdo das representações sociais dos professores/as; Analisar o conteúdo das representações sociais dos professores/as acerca da educação preventiva na escola; Compreender como os professores/as analisam as suas práticas na escola e como avaliam os resultados das mesmas.

Depois de colocadas a contextualização, a implicação social, o problema e os objetivos de pesquisa, julga-se relevante apresentar a trajetória acadêmica/profissional da pesquisadora, a fim de possibilitar a visualização de como o objeto de pesquisa foi se delineando ao longo de sua vida e prática profissional.

1.1 TRAJETÓRIA DE UMA PSICÓLOGA EDUCADORA E A JUVENTUDE ENVOLVIDA COM AS DROGAS.

Em 2007, após a minha formação em Psicologia, passei por algumas instituições sociais, de saúde e ensino, que me fizeram amadurecer a prática social, e definir as minhas áreas de interesse. No percurso da minha formação, a área social, a saúde mental e a educação me encantaram de forma particular. Logo, a docência, um desejo presente desde a minha graduação, tem sido hoje, uma realidade prazerosa e objeto de meu investimento.

No último ano de minha graduação em Psicologia, iniciei a pós-graduação em Saúde Mental. Foi nesta oportunidade que vislumbrei algumas definições na minha prática enquanto psicóloga. Dentre tantos assuntos abordados durante essa especialização, um me chamou atenção: a especificidade do cuidado na saúde mental no que tange ao abuso de substâncias psicoativas, comumente chamadas de drogas. Desde então, houve de minha parte um investimento em cursos, congressos, leituras, que culminou na escolha do tema para o Trabalho de Conclusão de Curso, a saber: a relação do abuso e uso de drogas com os atos infracionais cometidos pela juventude. O aprofundamento das leituras em questão, fez-me deparar com um conceito, que passou a me intrigar durante um tempo: a Educação preventiva. Esse conceito, embora tenha me chamado muita atenção na época, não foi explorado por mim, pois a princípio não cabia no recorte que havia feito para a pesquisa, tampouco nas práticas que estava desenvolvendo. Porém, o encontro com essa nova perspectiva, tão diferente do que estava posto na época, me inquietou, e esta inquietação seguiu comigo durante os anos seguintes.

Nessa época, as perspectivas de cuidado aos usuários estavam baseadas em tratamentos que pregavam a abstinência total das substâncias, a internação voluntária ou involuntária, os tratamentos ambulatoriais, e a redução de danos, que estava começando a ganhar visibilidade na Bahia, através do competente trabalho realizado pelo Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD), em Salvador. O fato é que todas as alternativas que eu conhecia na época e que eram valorizadas pelos serviços social e de saúde estavam baseadas em intervenções com os sujeitos quando estes já haviam utilizado as substâncias de forma nociva. Porém, o encontro com o conceito de Educação preventiva me levou a pensar que havia outras alternativas; que era possível agir antes que esse encontro do sujeito com a droga trouxesse consequências desastrosas.

Mas durante muito tempo, isso ficou apenas no campo do pensamento e das elucubrações, pois os espaços que atuei daí em diante não me permitiram colocar isso em prática, uma vez que o público alvo das instituições eram sujeitos que já haviam desenvolvido uma relação problemática com as drogas. Aqui cabe fazer um adendo importante. Quando falamos de uso de drogas, dizemos de padrões de consumo que podem ir desde o consumidor experimentador até o dependente químico. Isso quer dizer que nem todas as pessoas que se envolvem com drogas vão passar a ter problemas em função do uso ou se tornarão dependentes dessas substâncias. Há pessoas que fazem uso dessas substâncias de forma controlada e responsável, continuando a vivenciar sua rotina, sem prejuízos significativos - esses podem ser

classificados como usuários ocasionais ou recreativos. Porém, existem pessoas que ao se relacionar com as drogas de forma abusiva, desenvolvem um padrão de uso problemático, que o leva a experimentar consequências danosas em sua vida social, familiar, e em sua rotina de trabalho e estudos. Geralmente, as intervenções estão voltadas para os sujeitos que desenvolveram uma relação de abuso das drogas, ou seja, quando o problema já está instalado.

Iniciei a minha prática profissional atuando em uma Comunidade Terapêutica, em Feira de Santana, um espaço de internação para dependentes químicos, que além de receber internos voluntários, recebia também jovens em conflito com a lei, encaminhados pela Justiça para cumprimento de medida protetiva. Nesse espaço, comecei a perceber os grandes desafios de práticas relacionadas à drogadição, e analisando os discursos desses sujeitos, identificava a relevância dos fatores de risco aos quais foram expostos durante sua vida, e a escassez dos fatores de proteção. Os discursos desses jovens me traziam uma realidade diferente da minha. Era corriqueiro histórias de ausência de figuras paternas, seja pela morte ou prisão do pai, por abandono, ou afastamento por maus tratos. As mães, na grande maioria das vezes, assumiam a criação desses filhos sozinhas, mas precisavam se desdobrar em diferentes funções. A evasão escolar era uma realidade na vida de muitos, as escolas não conseguiam atrair esses jovens, eles não conseguiam vislumbrar um futuro pela educação ou simplesmente não queriam esperar tanto tempo para se “tornar alguém”. As drogas e as infrações permitiam a eles sentirem-se visíveis e reconhecidos em suas comunidades. A ausência de oportunidades e a escassez de políticas públicas voltadas para juventude completavam esse quadro.

Desde então comecei a perceber o quanto era importante investir nos sujeitos, em sua educação, formal e informal, antes que eles encontrassem as drogas, e decidissem por elas. Pensava: “alguma coisa tem que ser feita para que esses meninos não cheguem até aqui”, “como podemos impedir isso?”, “como a educação preventiva pode contribuir para a diminuição desses casos?”. Os pensamentos me inquietavam, mas não conseguia amadurecer a ideia. Segui atuando com os que já estavam comprometidos em decorrência do uso abusivo das drogas, e não conseguia concretizar nenhuma experiência de educação preventiva no meu fazer enquanto psicóloga.

Após essa experiência, atuei em um Hospital Psiquiátrico, em Salvador, na ala de dependência química. Era um trabalho ainda mais desafiador, porque se tratava de um espaço que internava sujeitos de forma involuntária, e muitos deles apresentavam comorbidades psiquiátricas. Mas lembro dessa experiência como um momento em que a minha sensibilidade

com esse público e a minha paixão por essa área de atuação foram confirmadas. E eu sempre pensava: o que pode ser feito para evitar que as pessoas cheguem à essa situação?

Em seguida, atuei em um Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), no município de Caldas de Cipó, um trabalho extremamente instigante, por me proporcionar o contato com públicos e demandas diversas, e principalmente, por me permitir trabalhar com aquilo que minhas experiências anteriores já havia me apontando como significativo: a educação para prevenção. No CRAS pude trabalhar em parceria com a comunidade, com as escolas, ministrando palestras, oficinas, sobre os mais variados temas, buscando formar e informar as pessoas. Foi um trabalho gratificante, porque era possível ver a importância dele para a comunidade como um todo. Especificamente, uma parte do trabalho me mobilizava, no sentido de me sentir ainda mais implicada. Era o grupo com crianças. O CRAS trabalha com populações em vulnerabilidade social, e as histórias dessas crianças me fazia lembrar dos jovens atendidos por mim na Comunidade Terapêutica. As histórias eram parecidas, com uma diferença: aquelas crianças não haviam entrado em contato direto com a droga, ou seja, não haviam experimentado. E isso me deu a possibilidade de começar a construir um caminho na educação preventiva, a construir ações que tinham um objetivo: desenvolver nelas sentimentos positivos, de autoconfiança, autoestima, autocuidado, resiliência, que pudessem fortalecê-las e possibilitá-las a fazer escolhas acertadas na vida. De poder dizer não às drogas, por compreender que essas poderiam impedir o desenvolvimento de suas potencialidades. Não era um trabalho fácil, pois o contexto no qual elas viviam ofereciam diversos entraves para o desenvolvimento dessas competências socioemocionais. Porém, a maioria era bem receptiva com as propostas de atividades, desenvolviam vínculos positivos com a equipe, passavam a nos contar os problemas que vivenciavam em casa. Outras mostravam-se resistentes, opositoras, mas ainda assim eram incluídas nas atividades e acolhidas em suas especificidades. Trabalhar lá foi uma experiência rica, por marcar o início de um amadurecimento de uma prática, que há muito já fazia parte das minhas reflexões.

Após essa experiência, no final de 2009, voltei à Feira de Santana, minha cidade natal, onde permaneço até hoje, para trabalhar em uma Comunidade Socioeducativa (CASE), instituição de privação de liberdade para jovens em conflito com a lei. Iniciei minha trajetória nesse espaço, como psicóloga, e posteriormente como coordenadora técnica. Novamente, me deparei com a temática da drogadição, dessa vez, de uma maneira mais carregada, porque as experiências de drogadição eram atravessadas pela violência e pelo crime. Por quatro anos,

convivi com histórias de violação de direitos, de falta de oportunidades e perspectivas, de invisibilidade social, de educação precária no nível formal e informal; e a suspeita de que a droga e a violência, na maioria das vezes, são consequências e não causas, foi se fortalecendo. Os relatos dos jovens revelavam que tais jovens não vivenciaram ao longo de sua trajetória experiências de prevenção e/ou proteção dentro de suas comunidades em relação à droga, pois eram oriundos de espaços onde esse objeto era banalizado e muitas vezes incentivado, como símbolo de poder, prestígio e respeito. Durante os anos de trabalho nessa instituição, foi possível perceber o quanto a vulnerabilidade vivida por esses jovens ao longo de seu desenvolvimento, em seus territórios de exclusão socioterritorial, tornava-se fator de risco para o envolvimento com as drogas, seja pelo uso, ou pelo tráfico.

Ao mesmo tempo, convivi com diversas opiniões preconceituosas e estereotipadas acerca dessa juventude, mesmo de pessoas que atuavam no sistema de proteção, geralmente construídas com base no discurso reducionista da mídia e/ou da experiência individual de alguns que haviam sido vitimados por jovens em conflito com a lei. Discursos que criminalizam a juventude e a responsabiliza pela violência que temos hoje; que reduz o comportamento violento e a criminalidade ao desejo do sujeito de se tornar um infrator, desconsiderando todas as questões sociais, familiares e culturais que envolvem a violência da forma como se apresenta hoje. Ainda é comum ouvir as pessoas atestarem que os jovens se envolvem em crimes simplesmente porque querem ou por falta de caráter, ou ainda porque são preguiçosos e querem vida fácil. Infelizmente esses estereótipos se perpetuam na sociedade como um todo, inclusive dentro das escolas, que são facilmente abandonadas ou que passam a ser frequentadas apenas para o desenvolvimento do tráfico.

Na maioria das vezes, quando me envolvia em uma discussão sobre esses jovens, tentando contextualizar a presença das drogas e a criminalidade na vida destes, sentia que era em vão; que a maioria das pessoas que não tem acesso às histórias e à realidade desses jovens realmente não estavam dispostas a construir um outro olhar sobre a temática, nem propor outras alternativas que vislumbrassem o mecanismo da prevenção e o investimento na educação, na garantia de direitos, no desenvolvimento dessa juventude. Queria apenas julgar e encontrar justificativas reducionistas para os comportamentos infracionais. Sempre compreendi que essa postura só aumenta a realidade de exclusão e violência a que estão submetidos esses jovens, reforçando o comportamento infracional e o uso e abuso de drogas, e que se medidas

preventivas não forem acionadas, principalmente pela via da educação, essa realidade continuará se fazendo presente na nossa sociedade.

Todo a minha trajetória com os jovens em conflito com a lei, com a drogadição, nos diversos espaços que atuei, sempre me conduziram a reflexão sobre a prática da educação preventiva. A prática com a drogadição é desafiadora, difícil, e por diversas vezes nos coloca em contato com o sentimento de impotência e frustração. Isso porque enquanto você trabalha com o sujeito reflexões, intervenções que visem uma reorganização de pensamentos e ideias, de motivação para a mudança, você percebe o contexto sociocultural inalterado. Nenhuma mudança é realizada nem para evitar que novos jovens se envolvam com essa realidade, tampouco para favorecer a reinserção social dos que já estão vivenciando a situação da drogadição. Isso me leva a pensar na importância do envolvimento da sociedade civil, na responsabilização das comunidades, das escolas, das famílias, e no quanto a união desses esforços podem facilitar experiências de prevenção e ressocialização.

Em 2010, decidi investir integralmente na docência. Apesar desse desejo ter surgido na minha graduação em Psicologia, e se fortalecido na pós-graduação, eu optei por priorizar a prática por um tempo, antes de assumir salas de aula, por acreditar que não faria sentido ministrar aulas teóricas, sem ter experiências práticas para dar sentido a estas. Assim, me apresentei para seleção na Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), e após a aprovação, fui convocada para ministrar as disciplinas de Psicopatologia, Dependência Química, Teorias da Aprendizagem e Exclusão Social. Dois anos depois, fui selecionada também pela Faculdade Anísio Teixeira (FAT), para ministrar as disciplinas Avaliação Psicológica I e II. A experiência docente proporcionou-me um amadurecimento profissional, e uma aproximação com a pesquisa e extensão. Ministrei cursos de extensão em Saúde mental, e em Dependência Química, aulas em pós-graduação, bem como orientei trabalhos de conclusão de curso nessas temáticas. O envolvimento maior com a docência fez-me optar por deixar o cargo de coordenadora técnica na CASE, em 2013, para focar na carreira docente e no processo de seleção do mestrado.

Passei a procurar um programa de mestrado que estivesse próximo da minha experiência profissional, e em 2014.2 me inscrevi para seleção para aluna especial no Programa de pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Fui selecionada para duas disciplinas: Representações e Educação, na linha 3; e Educação e Pluralidade cultural, na linha 1, me identificando com a proposta da Linha 03.

Ao cursar a disciplina Representações Sociais e Educação, da Linha 03, deparei-me com uma teoria que se aproximava da minha prática, e que poderia me ajudar a desenvolver o meu projeto de pesquisa, que já estava começando a ser construído. Paralelo à disciplina, insere-me no Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Representações, Educação e Sociedades Sustentáveis (GIPRES), no qual pude aprofundar os meus conhecimentos acerca da teoria das RS, bem como partilhar de experiências que me auxiliaram no amadurecimento do meu projeto de pesquisa.

Na disciplina, desenvolvemos uma pesquisa - em uma escola pública de Feira de Santana, localizada em um bairro de extrema vulnerabilidade, com a presença intensa do tráfico de drogas - que a princípio tinha como objetivo investigar as representações sociais dos estudantes dessa escola acerca das drogas. A pesquisa consistia na aplicação de questionários de evocação livre, aplicado aos estudantes, que deviam responder à um termo indutor “drogas”, escrevendo as cinco palavras que vinham à sua cabeça após ouvir a palavra estímulo. Os resultados nos mostraram que mesmo morando em um bairro onde o uso de drogas é extremamente naturalizada e até incentivada, a maioria dos jovens apresentavam representações negativas a respeito dessas substâncias, chegando inclusive a rechaçá-las. Isso nos levou a pensar que, talvez, a escola em questão pudesse estar funcionando como um espaço protetivo para esses jovens, pois nas visitas e conversas informais que fizemos, percebemos que se tratava de um ambiente afetivo, e que as relações entre alunos e funcionários ultrapassavam a questão profissional. Pensamos que a forma como estes profissionais significavam e compartilhavam os seus pensamentos sobre o uso e abuso de drogas pudessem estar influenciando na s representações sociais desses jovens.

Passamos a investigar uma outra questão: as representações sociais dos professores/as acerca das drogas e como estas repercutiam nas práticas docentes e na percepção dos alunos acerca desse objeto. Percebemos que a forma como os professores/as lidam com a questão influencia de forma relevante na representação que o jovem estudante faz do objeto, demonstrando a importância do papel do professor não só como facilitador de conhecimentos, mas como agente potencializador do desenvolvimento pessoal dos alunos. Sendo assim, ele é peça fundamental para o desenvolvimento de práticas preventivas nas escolas, práticas que estimulem o desenvolvimento socioemocional dos alunos, que auxiliem na construção de um projeto de vida saudável, que invista nas potencialidades. Essa pesquisa me ajudou a amadurecer o projeto que viria a ser apresentado para a seleção de aluna regular do programa.

Apresentei-me para a seleção para aluna regular do PPGEduc/UNEB, na Linha de

Pesquisa 3: Educação, Gestão e Desenvolvimento Local Sustentável, obtendo resultado favorável, e encontro-me hoje desenvolvendo a pesquisa “Representações sociais de professores/as de uma escola pública de Feira de Santana acerca da educação preventiva ao abuso de drogas nas escolas”. Acredito que os conteúdos das representações sociais dos professores/as a respeito de práticas preventivas poderão servir como pistas para a ampliação do conceito de educação preventiva, que já está bastante desenvolvido teoricamente, mas encontra-se pouco aplicado e estudado na prática.

A escola, como um dos primeiros espaços socializadores, pode agir como um espaço de exclusão e perpetuação de estigmas, ou de humanização, fomentador de reflexões e ações, envolvendo a família e a comunidade. Nesse sentido, é possível pensar que medidas preventivas podem ser acionadas, em particular, pela educação. O professor pode contribuir bastante para o desenvolvimento ou consolidação das práticas preventivas na escola, pelo seu papel de mediador, e por ser um acompanhante diário dos alunos, podendo perceber pistas, indícios de comportamento, que podem estar denunciando algo, necessitando de alguma intervenção. Isso requer que o professor saia de uma postura conteudista e reconheça a importância de um investimento afetivo nos alunos. Acredito que investigando as representações sociais dos professores/as acerca da educação preventiva nas escolas, poderemos contribuir para a efetivação e/ou consolidação da educação e práticas preventivas, vislumbrando assim a possibilidade de minimizar o envolvimento dos jovens com o uso das drogas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO PREVENTIVA, JUVENTUDE E DROGAS

A questão das drogas tem sido bastante discutida, principalmente no contexto da juventude. Tal juventude, aqui compreendida não apenas como uma fase do ciclo vital, mas como uma categoria sociológica que envolve diversas possibilidades formativas e abrange sujeitos de diferentes segmentos sociais e redes de pertencimento (Leiro, 2004), tem sido afetada pelas mudanças globais e consequentes transformações sociais em curso. Melluci (1996) afirma que a juventude tem sido diretamente exposta aos dilemas contemporâneos, frutos de uma sociedade de consumo e do conhecimento, geradora de vulnerabilidades e desigualdades. Os jovens estão entre os mais prejudicados por processos de exclusão, mesmo dentro de políticas públicas geradas para eles, uma vez que o impacto destas na vida deles é muitas vezes desconhecido, ao tempo em que não alcança as situações de risco psicossocial aos quais estão submetidos (Sposito e Corrochano 2005). Os mesmos autores afirmam que essa fase não pode ser definida como uma categoria fechada, pois não se trata de um grupo heterogêneo, e sim de uma fase permeada por contrastes.

Nessa sociedade, pautada no consumo exagerado, na competitividade e na vivência de conflitos existenciais, os critérios morais, éticos e as relações afetivas saudáveis estão dando lugar à subjetividade dos excessos e aos vínculos fragilizados (BAUMAN, 1997). A falta de perspectiva, sensação de insegurança, as incertezas, os vínculos afetivos enfraquecidos - e outras consequências da modernidade - pode levar o homem a compensar seus conflitos no consumo exagerado, favorecendo a criação de um sujeito vulnerável às armadilhas sociais (CONTE, 2007). Não há como ignorar que esta conjuntura possa exercer influência na vida dos jovens, uma vez que esse cenário favorece o aparecimento de um indivíduo vulnerável a formar padrões abusivos de consumo, elegendo objetos para tal - e entre estes, a droga pode ser uma opção.

Freud (1929) já assinalava as drogas como uma medida paliativa nas quais o homem podia buscar alívio para os sofrimentos, decepções e tarefas da vida. As drogas já eram vistas por ele como um amortecedor de preocupações, que permitia o afastamento da realidade e o refúgio em um mundo próprio com condições melhores do que as experimentadas no mundo

real. Assim, o uso e abuso de drogas pode proporcionar, de maneira fugaz, um modo agradável de estar no mundo.

Sendo assim, faz-se necessário pensar que não se pode analisar a questão das drogas, partindo apenas das propriedades farmacológicas das substâncias, mas sim por uma contextualização, onde são analisados o indivíduo, o meio social e as drogas. Ou seja, na análise da relação do homem com a sociedade em que está inserido, consigo mesmo e com a substância (SODELLI, 2010).

A discussão sobre as drogas tem sido realizada em diversos segmentos, do senso comum à academia, ganhado espaço na mídia e influenciado as comunicações nos ambientes sociais e familiares. Ao mesmo tempo, pode-se perceber no discurso da mídia e da sociedade, uma tentativa de explicação reducionista e simplista para a questão das drogas, desconsiderando os significados construídos pela juventude, bem como o contexto sociocultural da qual essa prática emerge. Tal prática tende a gerar estereótipos, que por sua vez, pode resultar em intervenções ineficazes. Por outro lado, outros discursos começam a emergir, com uma compreensão de que o fenômeno das drogas é multifacetado, envolvendo diversas esferas – econômica, social, política, familiar, cultural e educacional – apontando que qualquer ação que se proponha efetiva deve considerar todas essas questões.

A depender do discurso que se adote, uma ou outra forma de intervenção é defendida. De um lado, os que apoiam as políticas proibicionistas e de repressão, dando ênfase ao aparato policial e repressivo, utilizando informações com apelo moral e produção de medos, pregando a abstinência e uma sociedade livre de drogas, ao tempo em que negligenciam as políticas de educação e prevenção. Machado e Boarini (2013) apontam para o fato de que, ainda hoje, há uma predominância das políticas de cunho proibicionista. Tais políticas concentram nos âmbitos da justiça e da segurança pública grande parte dos recursos públicos destinados à questão das drogas. As medidas proibicionistas tem como modelo de intervenção a repressão, priorizando a redução da oferta de drogas, em detrimento da prevenção ao uso e da reinserção social. Atuam ainda seguindo um modelo moral e criminal, preconizando o enfrentamento das drogas pela estigmatização e exclusão de seus usuários. São características dessas políticas, ações baseadas no medo, na persuasão moral, e na imposição da abstinência, pregando uma sociedade livre de drogas. Bucher e Oliveira (1994) corroboram ao pontuar que:

“Entre as diversas abordagens da “questão das drogas”, nas sociedades modernas, destaca-se aquela que enfatiza o “combate às drogas”, apresentando-o como a única

maneira capaz de enfrentar e erradicar o “grave flagelo”. De expressão rigorosamente condenatória, caracteriza-se pela veemência de uma argumentação mais emotiva e alarmista do que serena e objetiva, mais sensacionalista do que científica, mais moralista do que isenta de juízos valorativos. Desta forma, incita a uma “cruzada anti-drogas”, cuja beligerância encobre uma série de fatores que, de certo, contribuem decisivamente para a expansão do fenômeno” (BUCHER E OLIVEIRA, 1994, p. 137).

Segundo os autores citados acima, tal abordagem é limitada, uma vez que não considera os múltiplos determinantes para chegar a propostas que possam trazer resultados favoráveis. Dessa maneira, é imputado às drogas, a função de bode expiatório, colocando-as como a maior responsável pelos flagelos sociais, o que impede o correto dimensionamento dos mesmos, causando assim pré-julgamentos e interpretações unidirecionais e tendenciosas. Esses discursos se apresentam como uma abordagem unilateral e restritiva, de natureza persuasiva, que fortalece posições radicais, principalmente contra os usuários.

Moreira et al (2006) salientam que as políticas proibicionistas estimulam a proibição, a diminuição da oferta das substâncias, com informações caracterizados pelo apelo moral e produção de medos, persuadindo as pessoas à abstinência, negligenciando o outro lado dessas substâncias, a saber, o prazer inegável que proporciona aos jovens. Nessa abordagem, não há uma preocupação com os diferentes padrões de consumo, nem com o enfoque nos fatores que levam ao abuso das drogas. As intervenções acontecem de forma pontual, e segundo Machado e Boarini (2013), os investimentos realizados em aparatos eletrônicos de vigilância, armamento policial, testes de drogas, leis duras e prisões compulsórias relacionadas à drogas, apenas aumentam drasticamente os espaços em prisões destinados a esses, mas não apresentam os resultados esperados, uma vez que o consumo de drogas continuava a crescer em nível mundial.

Uma das explicações para isso é que a perspectiva proibicionista não abre espaço para a compreensão da droga como um fenômeno multideterminado, ao contrário adota uma postura repressora e moralista, realizando tentativas de intimidação dos jovens, o que tem mostrado-se ineficiente (MULLER ET AL, 2008).

“Constata-se, de fato, que a cegueira da posição repressiva radical traz mais estragos do que benefícios, por fazer prevalecer uma visão unidimensional, inapropriada para o trato do fenômeno em toda sua complexidade. As numerosas implicações ideológicas daquela visão não encontram o necessário contrapeso através de análises sociais profundas, pertinentes e abrangentes” (CARLINI-COTRIM & PINSKI, 1989 P.137).

Diante disso, Sodelli (2010) pontua a necessidade de desconstruir a abordagem proibicionista, e de reconhecer que o desejo de drogas recreativas é tão legítimo quanto

inextinguível, e que qualquer abordagem que tenha como princípio a erradicação da droga na humanidade estaria fadada ao fracasso. Aponta para a necessidade de abordar o tema a partir de uma perspectiva preventiva, considerando a singularidade da condição humana, bem como as suas vulnerabilidades, rompendo definitivamente com os preceitos proibicionistas, que tem se mostrado ineficientes e irrealistas. Moreira et al (2006) complementa ao trazer a necessidade de políticas que pensem o oferecimento de alternativas, educação para a saúde e modificações nas condições de ensino, uma vez que considera que mais importante do que alardear sobre proibições é criar possibilidades de reflexão e preparação para o enfrentamento dos desafios da vida. Bucher e Oliveira (1994) pontuam que a políticas preventivas defendem uma análise objetiva e contextualizada da situação das drogas em uma determinada sociedade, e o respeito por uma experiência humana milenar, para que se possa a partir daí apreender suas significações na contemporaneidade.

O posicionamento desses autores (SODELLI, 2010; MOREIRA ET AL, 2006; BUCHER E OLIVEIRA, 1994) reconhece que um mundo sem drogas é uma utopia, dado o caráter milenar e cultural destas substâncias, e apoia políticas educacionais preventivas, nas quais o investimento maior é dado à educação e à participação de todos os atores envolvidos. Nesse contexto, as políticas educacionais preventivas surgem como uma alternativa, na medida em que consideram que não há como produzir modificações em uma realidade, sem o desenvolvimento de reflexões e críticas acerca desta, sem considerar o que os sujeitos pensam e produzem.

Para ser preventiva, é necessário que a educação se situe em um espaço amplo: o uso e abuso de drogas tem que ser inserido no contexto geral da saúde, da convivência social e da questão dos valores. As práticas preventivas, para se tornarem eficazes, precisam ser contextualizadas e adequadas às diversidades socioculturais.

Dowbor (2006) afirma que na contemporaneidade, espera-se da educação não só conhecimentos gerais, mas também a compreensão de como os conhecimentos gerais se materializam em possibilidades de ação no plano local. Ela deve oferecer conhecimentos necessários para que os jovens possam transformar as suas realidades, fornecendo a apropriação do território em que vivem, estudando de forma científica e organizada a realidade que conhecem por vivência. A educação, formal e informal, passa a ser uma educação emancipadora, na medida em que assegura ao jovem os instrumentos de intervenção sobre a realidade que é sua. Este precisa passar a conhecer os problemas comuns, as alternativas, os

potenciais, e ser capaz de refletir e agir individualmente e coletivamente no seu espaço vivido (BOMFIM, 2007).

A educação, para Dowbor (2006) precisa tirar os sujeitos da posição de espectadores críticos, de pessimistas passivos, e devolver a estes a compreensão de que é possível ser dono de sua própria transformação social, desde que haja uma dinâmica local que facilite o processo e uma sinergia entre diversos esforços. Assim, eles passam a se identificar em uma rede de pertencimento, a enfrentar problemas conjuntamente, e a aproveitar de forma eficiente os recursos e potencialidades da comunidade local. Dessa forma, os jovens passam a conhecer e compreender a realidade onde vivem, participando de forma ativa das iniciativas capazes de transformar o seu entorno. Para isso, a escola tem um papel importante, e deve estar articulada com os diversos espaços de aprendizagem para mostrar-se transformadora, para que os jovens se sintam familiarizados e inseridos na realidade.

Albertani (2013) pontua que a missão da educação é procurar compreender a realidade, e não negá-la, formando pessoas que saibam conviver com ela de forma crítica, fazendo escolhas conscientes e autônomas. Dessa forma, investindo em reflexões sobre valores e pertencimento, sobre a significação de cada ato e a responsabilização por estes, é que a educação pode vir a fazer sentido e tornar-se preventiva. No caso do fenômeno discutido até aqui, as drogas, analisar os conflitos e as motivações individuais e sociais que intervêm no consumo, as pressões do grupo ou as dinâmicas intrafamiliares tem mais valor preventivo do que a simples informação sobre as drogas e seus efeitos.

Corroborando com as ideias expostas, Bucher (1989) aponta que diante da constatação da insuficiência dos meios repressivos e proibicionistas - verificado através da expansão do consumo - torna-se necessário o investimento na educação para prevenir o uso e abuso de drogas, visando responsabilizar os jovens pelas escolhas efetuadas durante a vida. A informação não é suficiente para fundamentar as opções individuais em termos do uso ou não de drogas; faz-se necessário formar pessoas capazes de lidar com a questão das drogas. Logo, a partir do discurso do autor, entendemos que pela educação o investimento é na formação de pessoas, e não só na informação delas, sendo então necessárias medidas preventivas que sejam acionadas pela educação. Concordando com o que foi dito anteriormente, Albertani (2013) reitera que a abordagem da questão das drogas é multidisciplinar e envolve diversos tipos de ação, sendo necessário a criação de uma rede de cuidados. Nesta, a educação está presente, e o seu papel refere-se à prevenção.

A educação preventiva (BUCHER, 1989) compreende que o fenômeno das drogas é multifacetado, envolvendo vários fatores das diversas esferas: educacional, social, econômica, política, familiar, cultural e individual; considerando ainda que é mais viável prevenir os usos das drogas do que tratar do problema quando ele já está instalado. A educação preventiva surge então como um investimento no incentivo à autorealização, à autoestima, ao desenvolvimento do senso de responsabilidade em relação à própria vida. É preciso conscientizar os jovens sobre a importância da opção pessoal quanto às condutas sadias, oferecendo meios necessários para escolhas conscientes, para que se possa responsabilizar por elas com conhecimento de causa. O autor relata que, a partir dessa educação, pretende-se mobilizar nos jovens atitudes e valores considerados como positivos, encorajando o desenvolvimento de sua personalidade, de sua criatividade e de atitudes profissionais e sociais que se coadunem com esses valores. A ênfase dessa nova abordagem consiste em “orientar o desenvolvimento do potencial sócio-afetivo em direção a um estilo saudável de vida, em que o uso e abuso de drogas não desperte sequer interesse, ou então um interesse que não prejudique nem a pessoa nem a sociedade” (BUCHER, 1989, p. 15-16).

Para que isso ocorra de uma maneira efetiva, faz-se necessário um investimento na educação, em todos os âmbitos, um envolvimento conjunto de diferentes setores da sociedade e de instituições, incluindo a escola. A escola como um espaço de construção e desenvolvimento, pode ser um ambiente propício para o desenvolvimento de ações preventivas, através da abertura de canais de comunicação e participação, e do envolvimento de diversos atores sociais que podem contribuir para a concretização de tais ações.

Durante muito tempo, a abordagem do tema drogas foi considerada tabu nas escolas brasileiras e as poucas ações existentes eram focadas no modelo de amedrontamento, com discussões infladas por juízos de valor, pré-julgamentos ou preconceitos. Porém, atualmente considera-se que essa temática precisa ser adequadamente debatida no ambiente escolar sob pena de continuar reproduzindo ações ineficazes, como afirma Sodelli:

“A insistência em preconizar o modelo proibicionista, a pedagogia do controle, o distanciamento do sentido de educar do sentido de prevenir, poderá custar a todos nós a perpetuação da inexistência de um autêntico trabalho de prevenção ao uso nocivo de drogas no âmbito escolar. Ou seja, o esquecimento de um dos sentidos mais próprios da educação: reduzir vulnerabilidades” (SODELLI, 2010, p. 643).

É fato, que a escola, enquanto espaço social contribui, em parte, para o desenvolvimento de competências no ser humano, desde a fase de criança, passando pela adolescência até a

melhor idade. Segundo Bomfim, (2004), a constituição social do sujeito se estrutura, nos diversos espaços sociais, como família, escola, trabalho, lazer, por meio de suas relações e práticas socioespaciais. Libanêo (2005) considera que a mesma tem os seguintes objetivos: preparar o aluno para a vida de trabalho; contribuir para uma formação crítica, participativa e ética. Já para Saviani (1983/2009), ela é um ambiente que pode suscitar transformações no sujeito, possibilitando que o mesmo adquira base para viver em sociedade. Logo, mais que um espaço de compromisso com a aprendizagem formal, ela ultrapassa as atividades de ensino e tem como diretriz auxiliar na constituição de sujeitos críticos, reflexivos e criativos. É interessante notar que estes conceitos se afinam com o de Lefebvre (1974), quando na dimensão das práticas sociais dos sujeitos no espaço físico, o autor explica que espaço traz uma infinidade de diferenças e que é nele que se conquista a pluralidade que é formado a partir da maneira como os sujeitos vivem, também, exaltando que é nesse espaço que ocorre os conflitos. Tem-se assim que a formação dos sujeitos vai além dos conteúdos ensinados, envolve a educação afetiva, moral, envolve o sujeito como um todo.

Ora, se teoricamente a escola, é um dos primeiros espaços socializadores, e onde as práticas sociais são exercidas, é possível pensá-la, também, como um espaço protetivo e de humanização de jovens nela inseridos, principalmente se as ações foram refletidas em conjunto com os atores sociais das instituições: escola, família e comunidade local, com vistas a fortalecer esses grupos sociais e indivíduos, tornando estes protagonistas de suas ações. É possível pensar que através da educação, os sujeitos podem fazer escolhas conscientes e saudáveis, e se responsabilizar por elas; que através da educação escolar, é possível evitar que os jovens se envolvam com as drogas, que é o que preconiza a educação preventiva. Diante desse contexto, a escola tem sido levada a refletir sobre suas práticas, assumindo um papel importante na prevenção ou minimização dos impactos trazidos pelas drogas entre os jovens. Ela passa a ser considerada um espaço importante para a realização de atividades preventivas ao uso e abuso de drogas, e considerando que ela não está isolada do conjunto maior da sociedade, faz-se necessário construir pontes que aproximem, a escola e sua rede, propondo assim intervenções efetivas, diminuindo as vulnerabilidades encontradas nesses espaços (DALBOSCO E PEREIRA, 2013).

Muller et al (2008) destacam a escola como um local privilegiado para trabalhar a prevenção às drogas, devido à natureza educacional de seu trabalho, e pelo fato de que parte significativa da população passa por ela. Porém, ressaltam que muitas vezes, estas escolas estão

despreparadas para acolher as dificuldades sociais e transformações culturais, e chamam a atenção para o fato de que é preciso estar atento as necessidades e a demanda que surgem no cotidiano escolar às práticas preventivas. A escola como espaço de prevenção deve envolver alunos, professores/as, família e comunidade, os quais devem assumir o papel de promotores de sua própria saúde. Desenvolvendo a reflexão crítica sobre a realidade, a escola deve favorecer a abertura de canais de comunicação e participação, promovendo a expressão de sentimentos e pensamentos, além de criar espaços para que os jovens possam vivenciar experiências significativas dentro e fora da sala de aula, incluindo arte e esportes. Ao mesmo tempo, garantir espaços para orientações dos pais, para que estes se sintam preparados para lidar com os desafios dessa temática. O modelo preventivo acredita que quanto mais realizado e consciente o jovem estiver, menores são as chances de se envolverem com as drogas.

“Na prática, o modelo visa articular ações que envolvam o conhecimento científico, educação afetiva, oferecimento de alternativas, educação para saúde e modificação das condições do sistema de ensino. (...) Na atualidade, os grandes chamamentos têm sido direcionados para a valorização da vida e para a expansão de atividades que favoreçam a melhoria da qualidade de vida” (MULLER et al, 2008, p. 611).

Nesse sentido, a escola é tomada como um lugar de grande potencial para atuar na prevenção ao uso de substâncias e na promoção da saúde dos estudantes (ARALDI et al, 2012). Nesta mesma perspectiva, Bomfim (2007) acrescenta que o processo socioeducativo deve ser fomentador de reflexões e ações dos sujeitos, nos seus diversos grupos e espaços educativos, a fim de desenvolver práticas e atitudes sustentáveis no ambiente. Acredita-se ser necessário verificar e potencializar os fatores protetivos nesse espaço, com o objetivo de minimizar a vulnerabilidade apresentada. A preocupação com o uso e abuso de drogas pode contribuir para a criação de um espaço de prevenção dentro da escola, visando o fortalecimento dos grupos e indivíduos, tornando estes protagonistas dessas ações. Dalbosco e Pereira (2013) alegam que as ações preventivas precisam construir espaços onde a juventude possam pensar e refletir de maneira crítica e consciente sobre as suas vidas, suas escolhas, desejos, frustrações e futuro. Acrescentam que a escola pode funcionar como um espaço para sensibilização e construção de potenciais preventivos, a partir de capacitações específicas e disseminação de projetos de prevenção e promoção da saúde, tornando os educadores e os alunos os protagonistas das ações de caráter coletivo.

A abordagem preventiva na escola propõe a educação afetiva, cuja ênfase está na personalidade do aluno. Deve-se priorizar o autoconhecimento, a autoestima, a autoafirmação, as relações interpessoais, a capacidade de lidar com a ansiedade, a habilidade de decidir, de lidar com grupos, de resistir às pressões grupais, fortalecer a resiliência, o dizer não, o pertencimento, a autonomia, a criatividade, o respeito aos valores. Em contrapartida, enfraquecer a ansiedade, o desamparo, a vulnerabilidade, a insegurança, os estigmas e os preconceitos (FONSECA, 2006).

O ato de prevenir o uso e abuso de drogas, de acordo com a mesma autora, admite três níveis de intervenção: a primária, a qual consiste em intervir antes que o consumo de drogas ocorra. Aqui a instituição escolar deve atuar promovendo um estilo de vida saudável para os alunos, desde a infância até a juventude; a secundária, que destina-se aos alunos que fazem uso leve ou moderado das drogas, que não são dependentes, mas já se expõem a riscos. A escola deve atuar como um apoio, reintegrando os alunos à escola, ao seu grupo e à família, ao tempo em que faz os encaminhamentos necessários; e a terciária, que dirige-se ao usuário dependente, o qual precisa de intervenções delicadas, que ainda assim, precisam ser acompanhadas de perto pela escola, evitando a exclusão do mesmo da vida escolar.

Albertani (2013) aponta três focos de prevenção na escola, a saber: a estrutura da escola, as ações implícitas e ações explícitas. Em relação à estrutura da escola, a autora pontua que a forma como a escola se organiza pode favorecer a diminuição da vulnerabilidade das crianças e jovens ao uso e abuso de drogas. Segundo ela, existem algumas características que diferenciam as escolas que ajudam a prevenir as drogas, como por exemplo: tais escolas possuem um clima acolhedor e afetivo, um ambiente no qual os alunos se sentem reconhecidos como pessoas e onde há o favorecimento de vínculos; há o envolvimento e responsabilidade dos alunos nas tarefas e decisões da escola; a presença de regras definidas, estas com a participação de todos e cobradas com coerência; a valorização dos alunos e de sua cultura, e crença nas possibilidades de crescimento e superação de dificuldades; desenvolvimento de uma educação de qualidade, do ponto de vista dos conteúdos do ensino, bem como da formação pessoal e social dos estudantes.

Em relação às ações implícitas, a autora considera que o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais para manejar as situações e os desafios cotidianos é importante para os alunos, para que eles que possam fazer escolhas responsáveis em qualquer âmbito e momento da vida. Essas habilidades podem ser trabalhadas pelo conjunto de educadores, e incluem o

desenvolvimento e a manutenção de vínculos interpessoais, da capacidade de reflexão e de uma visão crítica da realidade, o fortalecimento de autoestima, a capacidade de manejar emoções e tomar decisões, a habilidade de resolver problemas e a construção de um projeto de vida. Em relação às ações explícitas, faz-se necessário o acesso a informações sobre as drogas, seus efeitos e riscos, com base em dados científicos, atualizados e sem preconceitos. Isso pode incluir: reflexão sobre as diferentes possibilidades de relação com as drogas; desmistificação do uso e dos usuários de drogas; informações sobre os tipos de drogas e seus efeitos; reflexão sobre a forma de reduzir os riscos e danos associados ao consumo de drogas; pesquisa sobre os recursos da comunidade relacionados à prevenção, tratamento e inserção social. Essas ações são relevantes para que os estudantes tomem decisões responsáveis sobre o uso e abuso de drogas em qualquer momento de suas vidas, pois terão dados de avaliação suficientes para compreender as consequências possíveis de suas ações.

Fonseca (2006) enumera ainda as habilidades e experiências de efeito protetor que podem ser desenvolvidas na escola, que segundo ela são: a promoção do autoconceito, que pode ser incentivada pela criação de um clima cooperativo de amizade, confiança e respeito; o desenvolvimento de atitude autônoma, através do estímulo da aprendizagem por descoberta, permitindo a participação ativa; facilitação das interações pessoais, promovendo também o contraste de opiniões, exercitando a argumentação e contrargumentação; colocação de situações para decidir e julgar. Como competências sociais a serem desenvolvidos pelos alunos no âmbito escolar, a autora pontua: a tomada de decisão responsável, desenvolvimento de mecanismos de defesa, aptidão para negociar, capacidade de resistir a pressões grupais, valorizar a autopreservação diante de riscos desnecessários e criatividade na resolução dos problemas. Aliado ao desenvolvimento de habilidades e competências, há ainda algo que pode ser feito dentro das escolas, a promoção de afetividade, através do estímulo do diálogo, do reforço das atitudes positivas, desenvolvimento do espírito crítico, estimulação do autoconhecimento e elevação da autoestima.

A implantação de estratégias de prevenção ao uso e abuso de drogas nas escolas, de acordo com essa autora, deve ainda incluir os diversos âmbitos desses espaços, desde o Projeto Político Pedagógico até a atuação prática em sala de aula. O projeto político pedagógico da escola deve incluir as estratégias de prevenção, priorizando a adesão aos princípios da vida, a formação de valores e o conhecimento da natureza e do efeito das substâncias psicoativas, oferecendo atividades criativas e prazerosas desde as crianças de menor idade. Por sua vez, a

gestão da escola deve favorecer a participação coletiva e responsável na definição de princípios, objetivos e decisões a serem tomadas. Isso pode acontecer através do acolhimento e envolvimento das famílias com a educação dos filhos, promovido através de encontros para discutir o uso e abuso de drogas e os modos de prevenção; através da promoção de cursos, e debates para os educadores, oferecendo sempre reciclagens sobre o tema; e ainda, a criação de uma rede de intercâmbio e troca de informações entre as escolas, a fim de fortalecê-las.

Dalbosco e Pereira (2013) corrobora o autor acima, quando pontua que os profissionais das escolas públicas devem ser preparados para uma atuação coletiva nas ações preventivas e de promoção da saúde no contexto escolar, e para a elaboração e o desenvolvimento de projetos de prevenção do uso e abuso de drogas em articulação com a rede da escola. Pensar em uma escola saudável é dialogar com todos os atores que fazem parte de seu contexto de inserção, valorizando os recursos disponíveis e a parceria com os diversos pontos da rede social e comunitária, valorizando as potencialidades existentes na própria escola e na comunidade que a cerca. A articulação com as diferentes redes e atores é de extrema importância para os corretos encaminhamentos, quando necessário, e enfrentamento de desafios de forma conjunta: saúde, segurança, educação, assistência social, conselhos municipais, famílias, alunos, funcionários, lideranças comunitárias e religiosas, entre outros.

Albertani (2013) concorda ao pontuar que o trabalho de prevenção na escola será efetivo se for construído e realizado de forma coletiva, inserido no currículo e desenvolvido ao longo da escolaridade, não apenas de forma pontual em momentos específicos. Faz-se necessário ainda, segundo Dalbosco (2013), conhecer o potencial preventivo existente nas escolas, as estratégias adotadas, e as parcerias acionadas para a resolução das questões, além das concepções dos educadores sobre a temática, uma vez que estas podem influenciar diretamente a forma como as práticas preventivas estão se dando dentro das escolas, e por isso têm um papel relevante nesse processo.

Nesse contexto, o professor é percebido como uma peça chave no planejamento e na gestão de práticas preventivas ao uso e abuso de drogas na escola, uma vez que estão em um lugar privilegiado, de convivência diária com os alunos, tendo acesso às demandas trazidas por estes, e percebendo outras que não são ditas diretamente. Ademais, é necessário considerar que todos os atores sociais do espaço escolar se relacionam e se influenciam mutuamente, e ponderar que as práticas eleitas pelos educadores para manejar a questão das drogas podem influenciar na forma como os alunos vão se relacionar com esse objeto.

De acordo com Dalbosco (2013) as concepções dos educadores sobre as drogas e a educação preventiva serão determinantes para uma boa abordagem do assunto no contexto escolar, no encaminhamento das situações e na visão dos alunos como sujeitos singulares. Enquanto o educador apresentar apenas sentimentos negativos em relação às drogas, será quase impossível que consiga se comprometer com o trabalho preventivo. O que se percebe é que ao mesmo tempo em que há o anseio por ações preventivas e um olhar acolhedor sobre o usuário de drogas, muitos educadores apresentam comportamentos preconceituosos e excludentes. Por isso, a prevenção deve ser pensada a partir da formação do educador, da mudança de paradigma e de suas representações estereotipadas sobre a juventude e as drogas, sendo necessário mais preparo do que conteúdo. A abordagem para a prevenção nas escolas precisa ser realista e despida de preconceitos, dessa forma os educadores podem contribuir. A visão de mundo de educador e dos gestores da escola serão determinantes para a escolha do encaminhamento adequado, pois o maior desafio é encarar o problema e tentar ajudar, embora muitos achem mais prático excluir o aluno. O papel do educador, a sua visão de mundo e as representações sociais sobre o tema são determinantes para que se atinjam resoluções das situações problemas (DALBOSCO, 2013; DALBOSCO E PEREIRA, 2013).

Percebe-se que muitas vezes, os atores da escola não se sentem preparados para lidar com o fato da drogadição, o que pode gerar a paralisação dos educadores, que não sabem agir frente a essa problemática. Podemos pensar que além da prevenção, os educadores devem estar preparados para lidar com diferentes situações-problema relacionadas ao consumo de drogas, bem como para a realização adequada de encaminhamentos. Nesse contexto, o professor é peça fundamental na educação preventiva, pois estes podem auxiliar os alunos a construir um sistema de valores pessoal que os levem a adotar um estilo de vida no qual a droga não encontre sentido. Por isso, o protagonismo do educador é fundamental para que se tenha sucesso nesse enfrentamento (DALBOSCO E PEREIRA, 2013). Segundo estes autores, a escola deve atuar então, como um espaço de educadores preparados para lidar com diferentes situações de risco identificadas, como um espaço de acolhimento e não de exclusão. Eles devem ser capacitados e engajados em projetos, bem como reconhecer a importância de suas práticas incluírem a comunidade, a relação com as famílias, e a rede de proteção que precisa ser construída e fortalecida.

Albertani (2013) ressalta que o papel do educador, está para além de ensinar o conteúdo programático, incluindo o estabelecimento de boas relações com os alunos, o auxílio no

desenvolvimento de habilidades e atitudes, e a preparação para continuar a aprender, construindo conhecimentos com autonomia e seriedade para ampliar sua visão crítica do mundo e se comprometer com ele. Complementa pontuando que o trabalho educacional não envolve apenas o crescimento intelectual dos alunos, mas o seu desenvolvimento pessoal e social na construção de um projeto de vida.

O papel ativo do professor em qualquer situação problema dentro da escola é fundamental para que qualquer ação no contexto escolar tenha sucesso. O desafio é despir-se dos preconceitos e dos julgamentos e assumir a postura de educador e não simplesmente de professor. A experiência de vida e a maturidade para lidar com as situações problema despontam como competências necessárias a um bom encaminhamento da questão e para ajudar a formar jovens para vida (DALBOSCO, 2013).

2.2 CAPÍTULO II: REPRESENTAÇÃO SOCIAL COMO TEORIA: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA O ENTENDIMENTO DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA AO USO E ABUSO DE DROGAS NA ESCOLA.

A teoria das Representações Sociais (RS) foi elaborada no início dos anos 60, por Serge Moscovici, a partir da Sociologia e da Psicologia Social, com o objetivo de entender e explicar a maneira como os indivíduos e grupos elaboram, transformam e comunicam as suas realidades sociais. Essa teoria compreende que a representação da realidade é, sobretudo, social, ou seja, elaborada de acordo com as características sociais do indivíduo e compartilhada pelo grupo de outros indivíduos que tenham a mesma característica. As representações sociais podem ser definidas como “sistemas de opiniões, conhecimentos e crenças particulares a uma cultura, a uma categoria social ou a um grupo com relação aos objetos no ambiente social” (ABRIC et al, 2012).

Para Alves-Mazzotti (2008), o estudo das representações sociais investiga como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana, partindo do pressuposto de que essas representações ajudam a forjar a identidade grupal e o sentimento de pertencimento do indivíduo ao grupo, orientando condutas e práticas.

Esta autora aponta que o estudo das RS tem sido bastante utilizado no campo da educação, por estas constituírem elementos essenciais à análise dos mecanismos que interferem na eficácia do processo educativo, pelo papel exercido na orientação de condutas e das práticas

sociais. A intenção de provocar mudanças através da educação exige que se compreendam os processos simbólicos que ocorrem na interação educativa, e esta não ocorre em um vazio social. Assim, faz-se necessário compreender como e porque as percepções, atribuições, atitudes e expectativas são construídas e mantidas, recorrendo aos sistemas de significação socialmente enraizados e partilhados que as orientam e justificam. Essa compreensão pode ser alcançada através do estudo das Representações Sociais, que através de um olhar psicossocial, pode potencializar os efeitos da prática educativa. Segundo Bomfim (2015) as pesquisas em representações aplicadas à educação na contemporaneidade, exigem uma interdisciplinaridade.

Compreender os diversos fenômenos educacionais na perspectiva interdisciplinar é reconhecer a subjetividade inerente ao sujeito, não aquele epistêmico; então, pelo viés da epistemologia, a pesquisa educacional aqui é compreendida, como um processo histórico de produção de sentidos, onde os sujeitos atribuem significados ao objeto. Logo, a racionalidade científica é uma das possibilidades de compreensão desse objeto de estudo e jamais a única possibilidade de construção do conhecimento (LIMA E MIOTO, 2007).

Ainda sobre teoria e sua aplicabilidade nos estudos, ela evolui em três orientações de pesquisa: sociogênico/processual (MOSCOVICI, 1961; JODELET, 1989), estrutural (ABRIC, 1993) e sociodinâmico (DOISE, 1989). O primeiro modelo teórico explica a origem gradual da RS, cujos fenômenos são desenvolvidos processualmente pela objetivação¹ e ancoragem². O segundo busca explicar como se forma e se estrutura cognitivamente as RS, pelos elementos periféricos que protegem o núcleo central. Permitindo, então, entender como os sujeitos pensam o objeto social. Finalmente, o terceiro modelo, baseado no processo de ancoragem, busca compreender a construção de RS nos diferentes grupos sociais, ou seja, tenta “conciliar a complexidade da sua estrutura e com suas inserções nos contextos ideológicos e sociais plurais” (ABRIC et al, 2012, p. 9).

Estudos reafirmam a importância da escola como um espaço de grande potencial para atuar na prevenção ao uso abusivo de drogas e no desenvolvimento psicossocial dos estudantes (Araldi et al, 2012; Ferreira et al, 2010; Martini e Fugerato, 2008; Dalbosco e Pereira, 2013; Albertani, 2013; Sudbrack e Gussi, 2013). Segundo esses autores, o ambiente escolar deve

¹Organização dos elementos constituintes da representação e o percurso pelo qual estes elementos adquirem materialidade, explicando assim como o sujeito reconstitui a realidade.

²Processo no qual explica como o sujeito assimila e associa o novo objeto social, em categorias que lhe são familiares.

debater e trabalhar essa temática para o desenvolvimento de práticas preventivas que sejam eficazes. Para tal, é necessário o envolvimento de todos os sujeitos que vivenciam o ambiente escolar.

Ferreira et al (2010) afirma que no Brasil, os professores/as são considerados agentes potenciais para a prevenção do uso e abuso de drogas, embora estes muitas vezes não se reconheçam habilitados para tratar do tema com os alunos, “seja pela sua falta de informação, interesse ou habilidade para abordar o assunto” (p. 551). Sodelli (2010) aponta para o fato de que os cursos oferecidos aos professores/as sobre prevenção não estão sendo capazes de provocar mudanças comportamentais e nos valores dos professores/as, ao tempo em que não os deixa seguros para atuação, apesar do reconhecimento de que a escola tem condições de desenvolver um trabalho de prevenção. Noto e Moreira (2006) apontam ainda que em algumas escolas podem ser observadas intervenções espontâneas de educadores que acolhem os alunos com alterações de comportamento, criando um vínculo positivo, sem sequer se dar conta da função preventiva de sua atitude. Chama atenção também para o fato de que outras intervenções, por não estarem sistematizadas adequadamente, acabam inibindo a produção de conhecimento sobre tais práticas preventivas. O fato é que esses professores/as são importantes veículos de formação e de informação e como tal influenciam no comportamento de seus alunos. Os discursos, as atitudes e os comportamentos destes são relevantes. O professor como formador de opinião de qualidade é peça fundamental nesse processo.

Estudos sobre RS dos professores/as acerca do uso e abuso de drogas na escola sugerem que há relação entre a representação e a prática social, uma vez que essa RS serve como guia para as ações dos sujeitos na sua relação com o mundo (Araldi et al, 2012; Ferreira et al, 2010; Martini e Fugerato, 2008).

Na revisão de literatura realizada, não foram encontrados trabalhos que tratem diretamente da questão das RS dos professores/as acerca da educação preventiva nas escolas. Estudos se debruçam a respeito das RS acerca do uso e abuso das drogas, e indiretamente os resultados trazem algo das RS da educação preventiva.

Diante do exposto, percebemos que o tema das representações se apresenta como um largo campo das pesquisas nos diferentes setores das ciências sociais e humanas: Psicologia do espaço (PIAGET ET INHELDER 1964; DENIS, 1989); Semiologia (MEUNIER, 1998; ERALY, 2000; BOUDON, 2000), Psicologia social (MOSCOVICI, 1961, GUIMELLI, 1994; ABRIC, 1996; JODELET, 1989), entre outras.

No Brasil, os estudos que buscam uma relação entre as representações, a educação e as drogas, no campo interdisciplinar, são raros. As Representações como teoria e método têm despertado interesse de professores/as e pesquisadores, destacando-se, em Psicologia e Educação, por exemplo, os grupos de pesquisa em Educação (JUDITH ALVES-MAZZOTTI), Núcleo central (CELSO DE SÁ), Desenvolvimento teórico e esquemas cognitivos de base (RAFAEL WOLTER) e Preconceito e educação (DENIS NAIFF E LUCIENE NAIFF), esses atuando no Rio de Janeiro; em Educação (Maria Emília Coutinho), Comportamento político, estereótipo e preconceito (LEÔNICIO CAMINO E ANA RAQUEL TORRES), na Paraíba; em Estereótipo e preconceito (MARCUS EUGÊNIO LIMA), Estereótipo, preconceito e emoções (ELZA TECCHIO), Educação (ANTÔNIO MARCOS CHAVES, NATANAEL REIS BOMFIM, LOURDES ORNELLAS), na Bahia e Sergipe.

Na Bahia, em particular na cidade de Salvador, destacam-se os trabalhos de Natanael Bomfim, atualmente, Professor Titular do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Representações, Educação e Sociedades Sustentáveis (GIPRES). Suas pesquisas que abordam a representação socioespacial, e particularmente o espaço escolar, têm demonstrado que negligenciar as RS dos alunos e professores/as, como saberes do senso comum, é contribuir para a fragmentação do conhecimento científico. Nessa perspectiva, as práticas sociais exercidas nesse e outros espaços sociais ficariam desorientadas, entendendo as RS como uma orientadora de práticas sociais a partir do conteúdo apreendido sobre o objeto social.

Nos estudos brasileiros sobre representações sociais, drogas e escola, os autores analisam, entre outras coisas, a participação dos professores/as nas práticas preventivas desenvolvidas nas escolas, situando-os como peças fundamentais nessa conjuntura.

De sua parte, Martini e Fugerato (2008) buscou investigar as representações dos professores/as de uma escola de ensino básico de Florianópolis sobre o uso e abuso de drogas, através de um estudo do tipo qualitativo descritivo com uma grupo investigado de 16 professores/as. Os achados desse estudo indicam que os professores/as representam o jovem como alguém vulnerável, portador de inúmeras carências afetivas, familiares, sociais, que aumentam a probabilidade do uso e abuso de drogas, pois estas são utilizadas como uma possibilidade de fuga da realidade. Outro achado desse estudo fala da referência dos professores/as ao trabalho de prevenção, este entendido como algo a ser pautado no conhecimento interdisciplinar e intersetorial. O curioso é que dos 16 docentes entrevistados

apenas 2 mencionaram o papel da escola na prevenção ao uso e abuso de drogas, um dado preocupante, uma vez que a escola tem sido apontada como um espaço privilegiado para essa ação. As autoras concluem que esse estudo demonstrou que os docentes vêem o uso e abuso de drogas como um problema de jovens sujeitos a determinadas vulnerabilidades, o que segundo elas é uma concepção simplista que não dá conta da complexidade dos fatores envolvidos na questão.

No estudo de Ferreira et al (2010), que buscou através de entrevistas com 20 professores/as, investigar as percepções e atitudes destes perante o tema drogas, os autores encontram que embora os profissionais se reconheçam como formadores de opinião, não se sentem habilitados para tratar da questão com os alunos. Alegam não ter informações suficientes sobre o tema para discuti-lo com os discentes, mesmo já tendo participado de eventos sobre a questão, pois estes traziam informações básicas, mas não os preparavam para abordagem na escola. Outro achado foi que alguns professores/as obtinham informações através de leituras e vivências pessoais, o que dava margem a opiniões deturpadas e estereotipadas acerca das drogas. Além disso, os autores perceberam que os professores/as demonstraram medo e incapacidade para lidar com a prevenção do uso e abuso de drogas. Apesar disso, compreendem que a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento de um trabalho que se destine à prevenção. Os autores concluem que o investimento em uma educação preventiva nas escolas perpassa também pelo aumento da disponibilidade e da motivação dos professores/as para que os benéficos possam ser concretos.

Em um outro estudo acerca das representações sociais dos professores/as sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência, Araldi et al (2012) encontraram que estas representações são caracterizadas por uma visão estigmatizante dos jovens e do uso e abuso de drogas nessa fase da vida. Os autores apontam que esse tipo de postura dificulta o diálogo aberto sobre a questão com os jovens, e conseqüentemente a implantação de um projeto de prevenção nas escolas.

A maioria destes pesquisadores tentam demonstrar que os professores/as concebem a educação preventiva na escola como algo importante e possível, mas parecem ainda não saber como fazer, por falta de informação ou medo, ou ainda o fazem sem perceber. Discutem ainda a importância do papel do professor para a formação da opinião dos alunos, em função da repercussão que suas práticas podem ter na vida deles, e a importância de uma educação preventiva que não seja pautada apenas na disseminação de informações, mas sim no

desenvolvimento de habilidades pessoais, investimento na autoestima, enfrentamento de dificuldades, e construção de projetos de vida.

Estes estudos contribuíram para avançar o conhecimento das representações sociais dos professores/as acerca das drogas nas escolas e acirrar novas discussões, nesta área recente de pesquisa no Brasil, porém ainda deixam a desejar no que diz respeito à apreensão das estruturas das representações sociais no que concerne à educação preventiva.

O estudo das RS nos permite investigar como funcionam os sistemas de referências que utilizamos para interpretar os acontecimentos do nosso cotidiano, bem como classificar pessoas e grupos. As RS são criadas a partir das interações sociais, com a finalidade de dar conta do objeto, e ao serem compartilhadas facilitam a comunicação e orientam condutas. Assim a identidade de grupo e o sentimento de pertencimento do indivíduo ao grupo são forjados. As RS são teorias coletivas sobre o real, que determinam os valores e ideias compartilhadas, e que por isso definem as condutas que são admitidas naquele grupo. Dessa forma, vê-se que as representações tem um papel importante na orientação de condutas e práticas sociais, constituindo assim elementos essenciais à análise dos mecanismos que podem interferir no processo educativo (ALVES-MAZZOTTI, 2008). Segundo essa autora, a teoria das RS “oferece um instrumental teórico-metodológico de grande utilidade para o estudo da atuação do imaginário social sobre o pensamento e as condutas de pessoas e grupos” (p.40)

Abric et al (2012) pontua que a teoria das RS possibilita a compreensão de como os grupos elaboram, e comunicam suas realidades sociais. Elas são elaboradas a partir das características sociais do indivíduo e é compartilhada pelo grupo de pessoas que possuem as mesmas características. Caracterizam-se por influenciar o pertencimento social dos indivíduos e permitem aos mesmos distinguirem-se dos outros que não compartilham das mesmas opiniões. Sendo assim, as RS são sistemas que permitem o entendimento e a interpretação do ambiente social, interferindo também nas interações entre os grupos, justificando ou legitimando comportamentos. Sendo assim, de acordo com esses autores, constitui-se como uma teoria essencial para analisar problemas sociais.

Propiciar mudanças através da educação exige que os processos simbólicos que ocorrem na interação educativa sejam compreendidos, e para isso é necessário um olhar psicossocial. O estudo das RS mostra-se um caminho promissor na medida em que estuda os sistemas de referências que utilizamos para interpretar os acontecimentos da realidade, bem como o seu papel na orientação de condutas e práticas.

Estudos (Araldi et al, 2012; Ferreira et al, 2010; Martini e Fugerato, 2008) apontam que as RS sociais dos professores/as acerca de determinadas temáticas repercutem nas ações de prevenção nas escolas. Araldi et al (2012) afirma que as representações dos educadores se materializam na prática desses profissionais e na maneira como eles reagem frente às problemáticas vivenciadas nas escolas. Entende-se assim que estudar as percepções, atribuições e atitudes de professores/as, bem como elas são criadas e mantidas, e os efeitos destas sobre os alunos, podem nos levar a uma compreensão efetiva da educação preventiva nas escolas. Uma vez que essas representações, quando enraizadas e compartilhadas podem orientar e justificar práticas, faz-se necessário estudá-las, nesse caso, a partir da abordagem estrutural, para investigar a influência das representações sociais na atuação dos professores/as no contexto escolar. Segundo Bomfim (2015), esse contexto nos convida a pesquisar tendo como referência as diversas realidades a partir da abordagem interdisciplinar, assim como nos impõe uma análise de simultaneidade, tensões, confrontos, contradições e mudanças que nos permite escolher uma variedade de métodos e técnicas que nos aproxime da compreensão dos diversos fenômenos alvo das pesquisas em representações sociais e educação. Logo, buscaremos no próximo capítulo descrever o caminho metodológico dessa investigação.

2.2 CAPÍTULO III: DELINEAMENTO DO ESTUDO EMPÍRICO

2.3.1 Representação social como método: técnicas de apreensão, análise e interpretação das representações sociais dos professores/as

Esse capítulo trata da postura epistemológica da pesquisa, apresentando assim a sua fundamentação. A pesquisa é de abordagem participante, uma vez que “busca a plena participação da comunidade na análise da própria realidade para promover a transformação social para o benefício dos participantes na pesquisa” (VIO GROSSI, 1988 apud ESTEBAN, 2010, p. 178). Para Esteban (2010), essa abordagem possibilita alcançar um conhecimento aprofundado dos problemas da comunidade, com o objetivo de levá-la a uma tomada de consciência e envolvê-la no processo de busca por soluções. Afirma ainda que esse tipo de pesquisa origina-se do desejo de conhecer determinada realidade social e transformá-la; dessa forma, ultrapassa as descrições dos problemas e possibilita gerar junto à comunidade os conhecimentos necessários para tornar possível a melhoria de dada realidade.

Nossa perspectiva paradigmática é do tipo construcionista social (ESTEBAN, 2010), pois esta nos permite dirigir a atenção para a construção social do conhecimento, e para geração coletiva de significados. A perspectiva construcionista compreende que os significados emergem da nossa interação com a realidade e na intersubjetividade, que o conhecimento constrói-se a partir da interação entre os seres humanos e o mundo, e é compartilhado em contextos sociais. Sendo assim, contribui para essa pesquisa, pois pensar e agir no espaço social fazem parte dos elementos fundantes da teoria e método das RS. Por outro lado, a pesquisa também é de abordagem interpretativa, uma vez que esta compreende que o contexto é um fator constitutivo dos significados sociais, afirmando que apenas o contato direto com uma dada realidade pode permitir o conhecimento do papel que o contexto social tem na construção de significados, e da compreensão que as pessoas têm deles (ESTEBAN, 2010). Dessa forma, busca-se compreender de forma aprofundada o objeto de estudo, a saber, educação preventiva ao uso e abuso de drogas na escola, bem como oferecer um tratamento holístico, natural e dinâmico do fenômeno estudado, considerando que este tratamento deve se apoiar em um quadro teórico, ou dentro de uma definição de problemática que orienta a atenção sobre as coisas a olhar, os dados a serem produzidos em um contexto definido (ALVES-MAZZOTTI, 2008).

O tema proposto, a partir da revisão de literatura, pode ser considerado como pesquisa exploratória, pois os estudos empíricos sobre educação preventiva são raros, a despeito de estudos teóricos. Neste sentido, os resultados podem contribuir para uma maior familiaridade com objeto de estudo, e para tal, o engajamento da pesquisadora na escola, possibilita uma socialização com os diversos atores sociais, bem como a observação de situações por eles vividas no seu cotidiano. Logo, os resultados deste estudo podem contribuir para promoção e consolidação do conceito de educação preventiva em espaços formais e não formais.

Considerando o pressuposto citado, trata-se de um tema que em tese pode ser considerado como um estudo significativo em representações sociais (RS), sobre educação preventiva, na busca da construção de um saber que oriente práticas preventivas exercidas pelos agentes de educação na escola, pois esta teoria nos permite ter uma noção ampliada dos atores, principalmente sobre crenças, estereótipos, atitudes e mitos a respeito da temática.

Assim, esta pesquisa é caracterizada pela intenção de conhecer, compreender e explicar em contexto socioeducativo, a estrutura e o processo de construção da RS sobre o tema educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas.

2.3.2 Hipóteses

A partir dessa perspectiva, o presente estudo parte de três premissas: 1) os professores/as apresentam competências e habilidades cognitivas para lidar com as demandas do cotidiano escolar referente ao envolvimento da juventude com as drogas; 2) as experiências vividas e compartilhadas nesse espaço social podem oferecer pistas que nos permitam compreender o conceito de educação preventiva; 3) uma vez compreendidas as RS sobre a educação preventiva, abrem-se possibilidades para o desenvolvimento e/ou fortalecimento de práticas preventivas nas escolas.

2.3.3 Procedimentos

2.3.3.1 *Lócus de Pesquisa*

O Colégio Estadual Paulo VI foi fundado em 1977, com o propósito de atender as crianças e seus familiares que residem em todo entorno. A escola envolve toda população do

Bairro Aviário e adjacências, promovendo além de suas atividades pedagógicas, eventos socioeducativos, buscando sempre a participação dos pais e da comunidade. Os estudantes da sede do Colégio Estadual Paulo VI, são oriundos de famílias carentes, com renda familiar até três salários mínimos, com histórico de separação de pais, vivendo em sua maioria com suas mães, sem a presença paterna. Grande parte das famílias desses alunos são assistidos pelo Bolsa Família. A instituição atende a 2.317 alunos (dois mil trezentos e dezessete alunos), da 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, distribuídos nas Modalidades de Ensino Regular (fundamental I e II), Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), funcionando nos três turnos (matutino, vespertino e noturno). A unidade escolar conta com uma diretora, três vice-diretoras e 82 professores/as.

Além do prédio sede, funcionam dois anexos da escola: um localizado na Comunidade de Atendimento Socioeducativo Zilda Arns (instituição de privação de liberdade para jovens em conflito com a lei), e outro no Presídio de Feira de Santana. A pesquisa em questão será realizada no prédio sede da instituição, como já dito, localizada no Bairro Aviário³.

Optou-se pela Escola Estadual Paulo VI, em Feira de Santana/BA, a partir dos seguintes critérios: estar localizada em uma área de vulnerabilidade social, onde há uma presença forte do uso e da comercialização das drogas; a familiaridade da escola com a temática das drogas, uma vez que a mesma possui anexos funcionando no presídio da cidade e em uma comunidade de atendimento socioeducativo para jovens em conflito com a lei; além da inserção da pesquisadora na ocasião de uma pesquisa anterior, que resultou na apreensão de representações sociais sobre as drogas construídas por alunos, que conduziu às hipóteses de que existem indícios de educação preventiva nessa escola, bem como uma boa relação entre comunidade/escola. Desde o início do primeiro contato com os responsáveis pela escola, percebeu-se um acolhimento grande à pesquisa e o reconhecimento da necessidade de ajuda de profissionais especializados para ajudá-los a pensar a abordagem da temática das drogas no espaço escolar. Essa sensibilidade à questão demonstrada desde as primeiras conversas informais, somados aos outros fatores aqui descritos, reafirmou a crença de que esse espaço seria um lugar adequado à pesquisa.

³ Informações retiradas do site do Colégio Paulo VI e de conversas informais com as diretoras da escola. Para maiores informações acessar o site <http://colegiopaulo6.blogspot.com.br/>

O Bairro Aviário é considerado um dos mais populosos da cidade, e conta com quatro condomínios do Programa Minha casa, Minha vida, além de um campus do Instituto Federal da Bahia, e um Centro de Referência da Assistência Social. Este bairro é marcado por uma vulnerabilidade social grande, com a presença cotidiana de violência, tráfico de drogas, entre outras questões associadas à situação de exclusão que esses moradores vivenciam. Ao realizar uma pesquisa em um dos sites de notícia de maior credibilidade da cidade⁴ é possível encontrar diversas reportagens sobre o bairro que denotam o índice de violência e vulnerabilidade a que estão expostos os moradores. No ano de 2016, vários crimes foram registrados, e a maioria deles relacionados ao uso e tráfico de drogas. Alguns deles serão citados aqui como forma de ilustração: “Adolescente é morto a tiros no bairro Aviário” (27/12/2016); “Homem é assassinado no bairro Aviário com vários tiros” (05/10/2016); “Jovem morre após trocar tiros com policiais no bairro Aviário” (10/08/2016); “Duas pessoas assassinadas e duas baleadas em residencial do Minha Casa, Minha Vida no bairro Aviário”(07/07/2016); “Homem é encontrado morto no bairro Aviário” (27/05/2016); “Homem baleado no Aviário morre no Hospital Clériston Andrade” (17/05/2016); “Homem é assassinado após ter casa invadida durante a madrugada no bairro Aviário” (26/04/2016); Jovem de 18 anos baleado no bairro Aviário morre no HGCA (03/03/2016). No primeiro semestre de 2016, segundo informações passadas pela Polícia Militar ao site Acorda Cidade, o Aviário foi considerado o bairro mais violento de Feira de Santana; em 2015, esteve em terceiro lugar no ranking da violência e em 2014, foi o bairro que mais registrou assassinatos na cidade. Segundo entrevistas dadas ao site, os representantes da polícia militar alegam que o aumento do número de residenciais do Minha casa, minha vida e também a disputa pelo tráfico de drogas são pontos que fazem com que a criminalidade aumente no local.

A condição de vulnerabilidade e de exclusão socioterritorial do bairro também é reconhecida pelos professores/as entrevistados, que chegam a apontar isso como um dos grandes dificultadores da eficácia das ações de prevenção.

2.3.3.2 Seleção dos Participantes da Pesquisa.

⁴ Informações retiradas do site Acorda Cidade, jornal eletrônico da cidade de Feira de Santana, que veicula as principais notícias da cidade. Para informações mais completas, acessar <http://www.acordacidade.com.br/noticias/>

Foram convidados para o grupo investigado os professores/as, de ambos os sexos, que atuam na escola com a juventude. Todos os professores/as que preenchiam esses critérios foram convidados, a partir da mediação realizada pela diretora da escola, para um primeiro contato com a pesquisadora. Na ocasião, foi apresentado o projeto de pesquisa e ressaltou-se a importância dos mesmos, bem como o caráter voluntário da participação e o sigilo sobre os dados colhidos. Dos 26 professores/as presentes na reunião, apenas 10 se voluntariaram para pesquisa, após terem sido familiarizados com a mesma. Os contatos dos mesmos foram registrados, e em seguida foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pautados pelos critérios éticos estabelecidos na pesquisa com seres humanos (BRASIL, 1996), para leitura e assinatura. Todos os participantes ficaram com uma cópia do TCLE assinada pela pesquisadora e seu orientador.

Nesse primeiro momento, após a seleção dos participantes por meio do voluntariado, aplicou-se à grupo investigado selecionada um questionário sociodemográfico a fim de conhecer o perfil dos professores/as, que a partir daquele momento, seriam os sujeitos da pesquisa. O perfil sociodemográfico será apresentado na tabela a seguir.

Tabela 1. Perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa

Variáveis	Frequência
Sexo	
Feminino	09
Masculino	01
Idade	
30-39	01
40-49	06
50-59	03
Tempo de formação (em anos)	
0-09	02
10-19	05
20-29	03
Tempo de trabalho na escola (em anos)	
0-09	04
10-19	03
20-29	03

Fonte: Dados de pesquisa da autora (2017).

Dos professores que participaram da pesquisa, dois deles atuavam nos anexos, nenhum deles havia feito curso sobre a temática da Educação preventiva, e apenas dois haviam realizado cursos sobre drogas.

2.3.3.3 Elaboração e Aplicação das Técnicas de levantamento de informações

Nos estudos de RS, várias técnicas de levantamento de informações podem ser utilizadas: questionários, entrevistas, grupo focal, imagens, etc. Segundo o tipo de pesquisa, o referencial teórico e o tipo de grupo investigado dessa pesquisa, o levantamento de informações se deu em 3 etapas, a saber: a aplicação de um questionário sociodemográfico, seguido de um questionário de evocação livre, finalizando com a entrevista semi-dirigida realizada individualmente. Todas as etapas foram realizadas na própria escola, em um ambiente reservado e sigiloso. Os modelos das técnicas utilizados na pesquisa encontram-se em anexo para consulta.

Optou-se por iniciar o levantamento de informações com a aplicação de um questionário sociodemográfico, com a finalidade de traçar o perfil dos participantes. Nesse questionário foram levantadas questões referentes ao tempo de formação, de atuação na escola da pesquisa, aos cursos de especialização, e especificamente sobre cursos relacionados às drogas e à prevenção nas escolas. Teve como objetivo compreender as particularidades do público-alvo e sua familiaridade com a temática trabalhada na pesquisa. Esse questionário foi aplicado no mesmo dia em que a seleção dos professores/as aconteceu. Após a assinatura do TCLE, eles foram instruídos a preenchê-lo, e em seguida responder ao questionário de evocação livre.

A utilização do questionário de evocação livre teve como um dos objetivos sondar os professores/as a respeito do que eles pensavam, sabiam e acreditavam sobre o objeto da pesquisa. Essa etapa consistiu em determinar os conceitos e proposições que figurariam nas questões da entrevista, que foi aplicada em outro momento, e os objetivos que guiaram essa investigação.

A etapa do Teste de evocação livre de palavras consistiu em, a partir de duas expressões indutoras, pedir ao indivíduo para produzir palavras que lhe vinham à mente. Para tal foi pedido aos participantes que escrevessem cinco palavras que lhes vinham a mente quando eles pensavam na expressão “Uso e abuso de drogas”, com a finalidade de entender o significado atribuído aos termos. Em seguida, foi pedido aos mesmos para escrever mais cinco palavras

quando eles pensam em “educação preventiva” na perspectiva de apreender o conteúdo das RS, de forma estruturada e hierarquizada. Esta exploração inicial serviu também como base para construção do roteiro de entrevistas, que foi aplicado na segunda etapa da investigação.

A segunda etapa buscou verificar a centralidade das RS, permitindo integrar o conteúdo das mesmas aos elementos situacionais, as atitudes e os valores que subtendem a produção dos indivíduos, as referências ao vivido individual ou coletivo. Aqui buscou-se captar as ligações entre a RS e o conjunto de fatores psicológicos, cognitivos e sociais que a determinaram. Para isso, foi utilizada a entrevista semi-dirigida, com um roteiro inicial de 05 questões referentes as concepções dos professores/as sobre a educação preventivas às drogas, bem como as opiniões acerca das práticas realizadas nas escolas, e mais especificamente, por eles. A entrevista (Minayo, 2014) consiste em uma fonte de informação importante que auxilia na coleta de opiniões, fatos e crenças dos sujeitos, bem como de seus sentimentos e amaneira de atuar e se comportar frente a um dado objeto. Ela permite uma comunicação verbal, servindo como um meio importante de coleta de informações sobre o objeto de pesquisa. Buscou-se com a entrevista, fazer a análise do objeto sob a visão do entrevistado, incluindo os seus valores, sua compreensão e vivência. A elaboração do roteiro levou em consideração a análise dos dados encontrados no questionário de evocação livre. Algumas questões foram previamente padronizadas no roteiro, porém outras foram surgindo, a medida da necessidade de compreender os discursos trazidos pelos professores/as. As entrevistas foram realizadas no período de outubro a novembro de 2016, individualmente, em um local reservado na própria escola, de modo a garantir a não interrupção, deixando o entrevistado confortável. As mesmas foram gravadas, com o consentimento dos professores/as, a fim de garantir a integridade do discurso. Posteriormente, foram transcritas para análise.

2.3.3.4 Método de Análise dos dados

As entrevistas realizadas foram gravadas e posteriormente transcritas. A partir desses conteúdos, elaborou-se tabelas, que foram submetidas à análise de conteúdo de Bardin (2013). Esta consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens. Essa técnica se compõe de três grandes etapas: 1) a pré-análise, sendo esta

uma fase de organização, onde estão presentes diversos procedimentos, como a leitura flutuante, as hipóteses, os objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação; 2) a exploração do material, no qual os dados são codificados a partir das unidades de registro; e 3) o tratamento dos resultados, ou a categorização, que consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns (BARDIN, 2013).

As tabelas foram elaboradas, uma para cada categoria trabalhada, a partir da seleção dos termos ou frases consideradas centrais, construídas com o intuito de categorizar e comparar as respostas dos participantes, encontrando-se concordâncias ou discordâncias nos discursos. Dessa forma, a análise de conteúdo foi realizada a partir da análise categorial, através do desmembramento do texto em unidades e da construção de categorias temáticas - conforme os temas que emergiram - nas quais buscou-se encontrar as significações dos sujeitos. Para classificar os elementos em categorias foi preciso identificar o que eles tinham em comum, permitindo seu agrupamento. A partir disso, foram realizadas interpretações em relação ao tema investigado, que posteriormente foram analisados teoricamente, a partir do diálogo de diversos autores, como pode ser visto no capítulo a seguir, que trata dos resultados da pesquisa.

2.4 CAPÍTULO IV: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES/AS ACERCA DA EDUCAÇÃO PREVENTIVA AO USO E ABUSO DE DROGAS NAS ESCOLAS

Nesse capítulo é realizado a análise, interpretação e discussão dos dados obtidos através do questionário de evocação livre e da entrevista semi-dirigida, sob o suporte da teoria das representações sociais. Finalmente, após a sobreposição dos resultados obtidos desses conteúdos, desvelamos a imagem das RS de professores/as sobre a educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas, buscando compreender como e porque as percepções, atribuições, atitudes e expectativas são construídas e mantidas, sobre a educação preventiva, recorrendo aos sistemas de significação socialmente enraizados e partilhados que orientam e justificam as suas práticas.

2.4.1 Imagem das RS sobre Educação Preventiva

A partir do questionário de evocação, utilizou-se inicialmente o termo indutor ‘uso e abuso de drogas’, e formulou-se cinco categorias de análise (Tabela 2): multifatorialidade/sentimentos associados, consequências, exemplos, qualificação/descrição e sujeitos envolvidos. Aqui, as palavras semanticamente próximas foram agrupadas, divididas em categorias, analisadas em termos de frequência e os dados discutidos em interlocução com os autores.

Na primeira categoria, os professores/as elencaram os motivos pelos quais acreditam que uma pessoa faz uso das drogas, na segunda, a qual obteve o maior número de termos, as consequências deste uso, na terceira citaram exemplos de drogas, na quarta categoria buscaram qualificar e/ou descrever o objeto, e por último, citaram os atores que julgaram estar envolvidos na problemática. Importante ressaltar que, independente da categoria, a maioria dos termos utilizados foram negativos.

Tabela 2. Expressão “uso e abuso de drogas”

Multifatorialidade/ Sentimentos associados	Consequências	Exemplos	Qualificação/ Descrição	Sujeitos envolvidos
Tristeza/ Depressão/ Lágrimas (4)	Destruição (5)	Bebida	Doença (2)	Família
Solidão/ Carência/ Desamparo (4)	Morte (5)	Cigarro	Prazer temporário	Adolescentes
Angústia/ Desespero (3)	Violência (4)	Maconha		
Fuga	Marginalização (4)	LSD		
Problemas	Dependência (2)	Cocaína		
Rebeldia	Prisão (2)			

Fonte: Dados de pesquisa da autora (2017).

Nessa etapa, foi possível perceber que os professores/as avaliam as drogas em termos de suas consequências, sendo estas representadas maciçamente por termos negativos. Os termos utilizados parecem refletir o fato de que ao pensar em uso e abuso de drogas, os professores/as imediatamente remetem-se a usuários abusivos ou dependentes, ignorando a existência de usuários experimentadores ou recreacionais. Parece que a droga só se torna uma questão quando os resultados desse uso passam a ser visíveis e catastróficos, como representados nas palavras “morte, violência, marginalização, dependência, prisão”, induzindo de certa forma, a uma criminalização do uso de substâncias. Dessa forma, as ações podem se tornar ineficazes, se começam a existir apenas quando a situação já atingiu um nível delicado pra intervenções. Faz-se necessário pensar e/ou perceber as consequências das drogas antes que elas se tornem irremediáveis, para que as ações alcancem também os sujeitos que ainda não se envolveram ou não se relacionaram de maneira problemática com as drogas. É preciso olhar para todos, antes que a droga de fato se torne um problema na vida dos indivíduos (Bucher, 2010).

Por outro lado, ao pensar os motivos que levam ao envolvimento com as drogas, os professores/as parecem estar cientes da multifatorialidade da questão. Aspectos externos (problemas, desinformação, fuga, ociosidade) e internos (tristeza, solidão, angústia, carência, desamparo, depressão, desesperos, entre outros) foram utilizados para descrever as possíveis motivações para o uso. Pode-se inferir que esse grupo de professores/as faz uma análise contextualizada do uso e abuso de drogas, reconhecendo as inúmeras variáveis envolvidas nesses processo, bem como a vulnerabilidade social e emocional as que estão expostos os seus alunos. Essa visão afasta-se das análises reducionistas e preconceituosas, que tendem a

dificultar as intervenções nas escolas. Os aspectos emocionais foram bastante citados como possíveis justificativas para o uso, denotando uma certa sensibilidade na análise feita por parte dos professores/as. Para Dalbosco (2013), a experiência de vida dos professores/as, a sensibilidade e a maturidade para lidar com as questões do cotidiano devem ser utilizadas como competências importantes para um bom encaminhamento e para formação dos jovens. Dessa maneira, faz-se necessário “mais preparo que conteúdo, e uma resposta, acima de tudo, humana” (p.22). Bucher (2010) aponta para a importância de uma abertura dos educadores às vivências dos jovens, pelos seus sistemas de pensamento, contexto vivenciado, suas expectativas, ideias, sentimentos, mais até do que pelo desempenho escolar ou pelas performances nas avaliações.

A terceira categoria, que traz os exemplos de drogas, chama a atenção de forma positiva, pelo fato das drogas lícitas, a saber, a bebida e o cigarro, também serem citadas, o que demonstra uma clareza e conhecimento ampliados acerca da temática, uma vez que o senso comum geralmente as ignora quando questionado sobre os tipos de drogas.

A quarta categoria qualifica ou descreve o uso de droga. O termo doença foi utilizado como descrição, o que mais uma vez leva a pensar que alguns professores/as se atentam à questão das drogas apenas quando ela realmente se torna um problema sério, o que pode desviá-los de ações preventivas que minimizem ou evitem um envolvimento problemático com as drogas por parte dos alunos. Ou ainda, pode indicar uma visão pouco esclarecida a respeito do uso e abuso de drogas.

Os sujeitos envolvidos compõem a quinta categoria. Nota-se que a família e o adolescente são citados, porém o número limitado de dados nessa categoria não nos permite fazer inferências ou hipóteses elaboradas, e portanto será explorada na etapa das entrevistas.

Dos dados obtidos nesse primeiro questionário, podemos inferir que os professores/as dessa escola não apresentam uma visão estigmatizante do uso e abuso de drogas, ao contrário, fazem uma boa contextualização da problemática, demonstrando um reconhecimento das vulnerabilidades vividas, bem como uma sensibilidade aos aspectos emocionais envolvidos no processo de drogadição. Embora alguns poucos dados nos remetam a uma visão reducionista, a grande maioria dos professores/as demonstra um bom esclarecimento acerca da questão colocada, o que leva a uma boa perspectiva. Dalbosco (2013) alerta para o fato de que a prevenção precisa ser pensada a partir da formação do educador, incluindo a mudança de paradigmas e das representações sobre a juventude e drogas, pois caso estas estejam

estereotipadas, haverá uma dificuldade na abordagem do tema. As concepções dos professores/as serão determinantes para uma boa abordagem da problemática, e um bom encaminhamento das situações enfrentadas. Araldi et al (2012) trazem que uma visão estigmatizante da juventude e do uso e abuso de drogas dificulta o diálogo aberto sobre o assunto com os jovens, bem como para prevenção nas escolas.

A visão de mundo e as representações sociais que os educadores fazem sobre a temática são determinantes sobre suas práticas, por isso para que estes possam contribuir para ações de prevenção dentro da escola, faz-se necessário partir de uma abordagem realista e despida de preconceitos. O protagonismo do educador é fundamental para se tenha sucesso no enfrentamento, e por isso faz-se necessário valorizar o papel de protagonista deste no que diz respeito ao auxílio aos estudantes a fazerem escolhas saudáveis na vida (Dalbosco e Pereira, 2013).

A partir do segundo termo indutor “Educação preventiva ao uso e abuso de drogas”, formulou-se quatro categorias de análise (Tabela 2): ações (incentivo, conscientização e orientação), ações intersetoriais, educação afetiva e repercussões. Percebe-se aqui, ao contrário da primeira tabela, representações maciçamente positivas.

Tabela 3. Expressão “Educação preventiva ao uso e abuso de drogas”

Ações Incentivo, conscientização e orientação	Ações Inter setoriais	Educação afetiva	Repercussões
Palestras Informação (08)	Cidadania	Amor/ Afeto/ Cuidado (05)	Vida (02)
Acolhimento/ Aconselhamento/ Apoio (06)	Esporte	Respeito	Transformação (02)
Prevenção	Família	Proteção	Reintegração
Leitura	Saúde	Liberdade	Perspectiva
Reeducação	Pesquisa	Felicidade	Autonomia
Holismo	Educação	Valores	Responsabilidade
Projetos	Segurança	Empenho	Protagonismo

Fonte: Dados de pesquisa da autora (2017).

Na primeira categoria, os professores/as elencaram as ações que julgaram ser importantes para a ocorrência de uma educação preventiva, como palestras, acolhimento, aconselhamento, informação, projetos, entre outros. Na tabela anterior, a desinformação foi apontada como um dos motivos para o envolvimento com drogas, e aqui a educação preventiva aparece como uma resposta à isso, no momento em que deve possibilitar que os alunos tenham acesso à

informação, seja através de palestras, de aconselhamento ou acolhimento. Preparar os jovens para lidar com as drogas, nesse caso, perpassa pelo conhecimento sobre a mesma, bem como de suas consequências. O apoio e a inclusão também apontados como ações importantes podem ser vistos como respostas para os sentimentos negativos associados ao uso (tabela 2), a saber, tristeza, solidão, desamparo, carência, fuga. Albertani (2013) afirma que para que os jovens possam tomar decisões acertadas em relação as drogas, é necessário que os mesmos tenham dados de avaliação suficientes para compreender a problemática. Para isso, as informações passadas aos mesmos sobre as drogas, os efeitos e riscos devem estar atualizadas, fundamentadas em conhecimentos científicos e isentas de preconceitos. Noto e Moreira (2006) apontam a importância das informações serem isentas e não tendenciosas, e chama a atenção para o fato de que apesar da informação ser fundamental, quando aplicada isoladamente não traz resultados, pois apesar de mudar alguns conceitos, não necessariamente leva a mudanças de comportamento. Porém, afirma o autor, a disponibilidade de informações de qualidade é um dos primeiros passos para a prevenção.

A análise da segunda categoria demonstra que os professores/as compreendem que a educação preventiva engloba diversas áreas, que não só a educação formal. Outras instâncias e instituições precisam também se envolver para que os resultados sejam eficazes. Família, saúde, segurança, esporte, pesquisa, educação, entre outros, são pilares importantes para que a educação preventiva de fato se torne uma realidade transformadora para os jovens. Segundo Dalbosco e Pereira (2013) a temática das drogas deve ser adequadamente debatida e trabalhada na escola, para que haja condições de se fazer um trabalho preventivo que beneficie todos os envolvidos na dinâmica escolar, sejam educadores, colaboradores, alunos e famílias. Pensar em uma escola saudável é dialogar com todos os atores que fazem parte dela, valorizando os recursos disponíveis e a parceria com os diversos pontos da rede social e comunitária. Faz-se necessário o desenvolvimento de ações intramuros, valorizando as ações realizadas pelos educadores, estes capacitados e engajados nos projetos, incentivando o protagonismo dos próprios alunos na proposição de ações e envolvendo os demais colaboradores; mas faz-se necessário também pensar na ações extramuros, voltando-se para o território, para a comunidade, a relação com as famílias, bem como fortalecer as boas práticas e a comunicação com a rede de proteção, tanto no âmbito governamental, quanto não governamental (Dalbosco e Pereira, 2013).

A terceira categoria trata dos sentimentos envolvidos na educação preventiva, e revelam a sensibilidade dos professores/as envolvidos na pesquisa. Amor, cuidado, respeito, afeto, proteção foram alguns dos sentimentos citados por eles ao falar de educação preventiva, o que nos leva a pensar que estes sabem da importância da educação afetiva para concretização dos objetivos educacionais. O ambiente afetivo e acolhedor proporcionado por tais sentimentos podem minimizar os danos causados pela solidão, angústia, desamparo, tristeza, depressão vivenciados por esses jovens e apontados na tabela 1 como motivadores do envolvimento com drogas. Dessa forma, um ambiente que ofereça uma educação afetiva pode transformar-se em um espaço preventivo e protetivo para os jovens, minimizando o envolvimento problemático com as drogas e suas possíveis consequências. Carlini-Cotrim e Pinsky (1989) trazem a educação afetiva como uma proposta de modificar fatores pessoais que são tidos como fatores de risco para o uso e abuso de drogas. Nesse sentido, é preciso atuar no desenvolvimento da personalidade do jovem, buscando desenvolver a autoestima, a capacidade de lidar com as pressões do grupo, com a ansiedade, e de tomar decisões. A droga em si, apesar de ser um dos tópicos tratados no projeto, não é a questão central. Para tanto, de acordo com Albertani (2013), os professores/as teriam que passar por um treinamento intenso, ao tempo que precisam estar sensibilizados e dispostos a estabelecer uma dinâmica diferente em sua prática, a fim de estarem atentos e conseguir lidar com as questões pessoais e psicológicas de seus alunos. O professor deve estar ciente de que o trabalho educacional envolve não apenas o crescimento intelectual dos educandos, mas também o seu desenvolvimento pessoal e social na construção de um projeto de vida.

A quarta categoria, que trata das repercussões da educação preventiva, traz expressões bastante positivas e encorajadoras. A educação preventiva é associada à vida, transformação, reintegração, protagonismo, entre outros. É colocada como possibilitadora de transformação da vida dos jovens; é vista como algo positivo, que pode trazer novas perspectivas e desenvolver autonomia e responsabilidade. Nesse sentido a missão da educação, tendo o professor como peça chave, é procurar compreender a realidade e formar pessoas que estejam aptas a conviver com ela de maneira crítica, podendo fazer escolhas conscientes e autônomas. Essas ações buscam reduzir as vulnerabilidades de cada pessoa, desenvolvendo a capacidade de decisão para fazer escolhas que favoreçam o exercício da liberdade com responsabilidade para uma vida realizadora e saudável. O autor alerta ainda que os jovens que não desenvolverem a autonomia

poderão desenvolver dificuldades de agir com critérios claros e fundamentados, podendo-se envolver facilmente em comportamentos arriscados (Albertani, 2013).

Percebe-se aqui que as RS sociais dos professores/as acerca da educação preventiva envolvem as dimensões afetivas e cognitivas, e é significada como positiva e eficaz; e ainda, eles compreendem que a mesma pode se dar através de ações práticas, que associadas à uma educação afetiva e envolvendo ações intersetoriais, pode vir a transformar a vida dos jovens, reintegrando-os à sociedade, oferecendo novas perspectivas de vida, ao tempo em que pode ainda formar jovens autônomos, responsáveis e protagonistas de suas ações.

2.4.2 Imagem da Educação Preventiva as drogas

Nesse segundo momento desse capítulo, tem-se as análises da entrevista semi-dirigida, que deu origem à imagem das RS sobre a Educação Preventiva. As entrevistas foram gravadas com a devida autorização dos professores/as, posteriormente transcritas, categorizadas e analisadas a partir da análise de Conteúdo de Bardin. Foram estabelecidas quatro categorias de análise a partir da seleção e classificação dos dados, a saber: concepções de educação preventiva para os professores/as; o papel da escola na prevenção; o papel do professor na educação preventiva nas escolas; identificação e análise das práticas realizadas por eles. Após categorizados, os dados foram analisados teoricamente.

Tabela 4. Concepções de educação preventiva ao uso e abuso de drogas para os professores/as

Concepções de educação preventiva	Frequência
Alertar/Esclarecer/Informar/Levar conhecimento/Conscientizar	08
Evitar o envolvimento	05
Mostrar as consequências do envolvimento	04
Realizar de projetos e atividades pedagógicas	04
Envolver família e funcionários da escola	03
Considerar a vulnerabilidade da juventude	02

Fonte: Dados de pesquisa da autora (2017).

Os discursos dos professores/as demonstram que a maioria deles (p1, p2, p3, p5, p6, p7, p9, p10) pensa a educação preventiva como uma proposta que deve alertar, esclarecer, informar e conscientizar os alunos acerca do envolvimento com as drogas e suas consequências

negativas. Acreditam que, uma vez que esses alunos tenham conhecimento sobre o assunto, mais preparados eles estarão para lidar com a questão.

Educação preventiva é **esclarecer aos jovens sobre o uso de drogas**, o que as drogas podem levar. Pode levar **à morte, à destruição** (...) (p1)

Então quanto mais cedo ter essa prevenção, a conversa com ele, uma consciência do que é e o mal que faz (...) Então, eu acho que, **essa conscientização**, essa prevenção, na escola, também é importante (...) Aí, mais tarde, se alguém tentar colocar ele nesse ramo, ele já vai saber as **consequências** e já vai ter mais um pouco de cuidado (p2)

Colocar meios que venha **tratar desse assunto** com os meninos (...) Sempre abordando isso em sala de aula. Pra que eles venham estar inteirados, sabendo, das **consequências** que a droga pode causar na vida deles (...) (p3)

(...) tem que levar às pessoas o **conhecimento** sobre aquilo, para “prevenir” alguma coisa. No caso das drogas, as crianças, os adolescentes, eles têm que ser **esclarecidos** sobre o que é a droga (...) (p10)

Bucher (1989) coloca a informação como importante, porém alerta que ela só tem efeito se integrada em um contexto educacional amplo, que busque formar pessoas para lidar com a esteira das drogas e não apenas informá-las. Bucher (2010) afirma que informar sobre as drogas é importante, mas não é suficiente, uma vez que a informação é um elemento entre outros na formação do aluno. Estas devem ser passadas de maneira sóbria e objetiva, contextualizadas e sem apelar a efeitos emocionais, visando o amedrontamento. Faz-se necessário então,

(...) situar a questão do consumo de drogas dentro do contexto social amplo: ele é em primeiro lugar uma realidade, a ser encarada como um sintoma – dentre uma série de outros – de um mal-estar, de um disfuncionamento social, vinculado a fatores como a injustiça social, as crises econômicas, políticas e de valores existenciais que marcam as sociedades mais avançadas (p. 121).

A abrangência, a objetividade e atualização das informações é um ponto fundamental em termos de educação preventiva. Devem ser descartados os enfoques alarmistas, sensacionalistas, moralistas ou emocionais, em proveito de um enfoque construtivo. É fundamental que essa informação aborde o problema em toda a sua complexidade. Analisar os conflitos e motivações individuais e sociais que intervêm no consumo, mencionar a problemática do adolescente, as pressões do grupo ou as dinâmicas intrafamiliares, tudo isso tem mais valor preventivo do que a simples informação sobre as drogas e seus efeitos (Bucher 1989).

A educação preventiva também é vista pelos professores/as como algo que deve evitar o envolvimento dos jovens com as drogas (p2, p5, p6, p8, p10), utilizando-se de ações que

permitam ao jovem refletir e, a partir disso, escolher não se envolver com as mesmas. A educação formal é um dos meios através do qual a conscientização, a reflexão e o desenvolvimento pessoal dos alunos podem ser trabalhados de maneira consistente e cotidiana.

Prevenir pra que ele não vá pra esse caminho, ou que ele tenha um conhecimento dessa droga, **do que a droga pode causar na vida dele e não vá por esse caminho.** Eu entendo isso. (p5)

No caso, eu penso que seria tentar trabalhar agindo pra que **evitasse que alguns alunos, que alguns jovens entrassem, caíssem nesse apelo.** No apelo que é tão grande que a gente percebe dentro da sala de aula, no ambiente escolar (p6)

E também ao mesmo tempo, desenvolver atividades que levem com que essas crianças, adolescentes **não tenham essa curiosidade de experimentar, de querer conhecer,** de querer usar droga (p10)

As informações, como visto acima, devem estar integradas a um projeto maior, de preparação para a vida, uma vez que apenas informar as pessoas dos riscos de certas práticas não necessariamente as leva a evitar as mesmas (Bucher 1989). É importante investir no incentivo à autorealização e no desenvolvimento do potencial socioafetivo, nas reflexões e capacidade crítica, bem na responsabilidade com a própria vida, levando a escolhas adequadas e sadias; à escolhas por estilos de vida nos quais as drogas sequer desperte o interesse ou então um interesse que não prejudique o jovem ou a sociedade. Luz (2000) ao analisar o papel da educação formal na prevenção ao uso e abuso de drogas, sinaliza que esta é um processo de valorização e crescimento do ser humano, tendo como foco as pessoas e não as drogas. Dessa forma, as ações devem levar a reflexões, com o objetivo de formar jovens que se antecipem aos problemas, inibindo ou reduzindo os danos.

As consequências negativas do envolvimento com as drogas aparecem como uma preocupação para os professores/as (p1, p3, p6, p10), que demonstram acreditar que o acompanhamento da escola, desde as séries iniciais, através de projetos, atividades, práticas pedagógicas, envolvimento com a família e com a comunidade (p2, p4, p8, p10), pode minimizar o envolvimento dos jovens com as drogas, bem como os danos causados por isso. Os professores/as acreditam ainda que a educação preventiva se dá através do esforço e envolvimento dos diversos atores envolvidos na comunidade escolar, sendo citados os professores/as, os funcionários e a família (p2, p4, p8).

Como eles estão próximos, e como são alvos fáceis pra essa questão do tráfico, da dependência... Pra mim, essa educação preventiva seria **alertá-los que**

tudo que se faz tem consequências, e os exemplos podem mostrar para eles que essas consequências são fatais (p6)

Então quanto mais cedo ter essa prevenção, a **conversa** com ele, uma consciência do que é e o mal que faz, eu acho que, **logo desde cedo, logo novinho**, porque sabe que quando chega nessa faixa de 09, 10 anos, eu acho que eles ficam mais vulneráveis (p2)

Educação preventiva às drogas **envolve uma série de atitudes com relação ao professor. Em sala de aula e também com relação a todos os funcionários da escola, a comunidade escolar e até mesmo a família.** Algumas **práticas pedagógicas** que o professor precisa realizar em sala de aula pra prevenir o uso de drogas (p4)

Eu acho, que seria **escola e família, mobilizada** pra trabalhar isso ai (...) Então, eu acho um papel importante da escola, mas feito com a família (...) acho que a escola sozinha, ela não faz nada. Então, a educação preventiva é **quando a escola fizer um projeto onde traga a família pra tentar fazer algo pra prevenir** uma situação assim de aluno no meio das drogas (p8)

Schenker e Minayo (2005) chamam a atenção para a complexidade dos fatores que envolvem o uso e abuso de drogas, apontando a relação entre os contextos individual, familiar, escolar, grupos, mídia e comunidade, e a necessidade de que todos eles estejam sendo trabalhados e considerados no trabalho com a temática. Araldi et al (2012) corroboram ao apontar que tal problemática exige a interação e a articulação da escola, desde as séries iniciais, de forma continuada, com outros setores da sociedade, contemplando medidas de enfrentamento a fim de buscar adequações promissoras às propostas de prevenção, adequando-as às realidades locais e às especificidades de cada escola.

O trabalho preventivo deve estar vinculado a uma proposta abrangente, no qual o uso de drogas seja discutido em contexto mais amplo de saúde. A ética, a pluralidade cultural, o meio ambiente, a saúde, a orientação sexual, o mundo do trabalho, a sociedade de consumo são alguns temas que podem ser abordados em sala de aula no sentido de levar o jovem a refletir sobre as várias dimensões da vida (Araldi et al, 2012, p. 143).

Para tanto, é importante que outros apoios do ambiente externo também estejam atuando, como por exemplo, pessoas de grupos religiosos, de grupos de ajuda, amigos, que promovam bons relacionamentos, que atuem como modelos e referências seguras ao jovem em desenvolvimento. Outros aspectos importantes são a participação familiar e a ausência/minimização de negligência dentro do contexto no qual residem os jovens, a presença de pelo menos um adulto com grande interesse por ele, a presença de laços afetivos no sistema

familiar e/ou em outros contextos que ofereçam suporte emocional em momentos de estresse (AMPARO ET AL, 2008).

A vulnerabilidade dos jovens - associada à influência dos pares, à inserção em uma comunidade imersa no tráfico de drogas, ao aliciamento por parte dos mais velhos para o uso ou entrada no mundo do tráfico - é apontada pelos professores/as como algo que deve ser considerado no trabalho da educação preventiva (p2, p6), uma vez que esta, segundo eles, pode fornecer ferramentas para que esses jovens sejam capazes de resistir à essas pressões vivenciadas cotidianamente em seus contextos.

Então quanto mais cedo ter essa prevenção, a conversa com ele, uma consciência do que é e o mal que faz, eu acho que logo desde cedo, logo novinho, porque sabe que quando chega nessa faixa de 09, 10 anos, eu acho que **eles ficam mais vulneráveis**. Que os mais velhos vão lá e tentam convencer ele.... Aí, mais tarde, se alguém tentar colocar ele nesse ramo, ele já vai saber as consequências e já vai ter mais um pouco de cuidado (p2)

No caso, eu penso que seria tentar **trabalhar agindo pra que evitasse que alguns alunos, que alguns jovens entrassem, caíssem nesse apelo**. No apelo que é tão grande que a gente percebe dentro da sala de aula, no ambiente escolar. Como eles estão próximos, e como **são alvos fáceis pra essa questão do tráfico, da dependência...** (p6)

De acordo com Sposito e Corrochano (2005), os jovens são pessoas em desenvolvimento que experienciam mudanças e constâncias ao longo de seus ciclos vitais, tanto individualmente quanto em grupo. No caso de jovens em situação de risco social e pessoal, os efeitos cumulativos das mudanças frequentes ou o simples fato de estarem em risco constantes trazem influência no desenvolvimento psicológico, trazendo vulnerabilidades e fragilidades. Os fatores de risco que envolvem os jovens podem ser identificados em todos os domínios da vida deles: neles próprios, nas famílias, nas escolas, nas comunidades, em qualquer lugar de convivência socioambiental; e tais fatores de risco não acontecem de forma estanque, eles estão sempre se relacionando e influenciando. A educação aparece então nesse contexto, como um lugar de destaque, que pode auxiliar os sujeitos no desenvolvimento de autocuidado, preservação da saúde, combate à violência, aos maus tratos, uso e abuso de drogas, entre outros. E a escola, segundo Amparo et al (2008), enquanto lugar de formação e de socialização, e como fonte de apoio social e afetivo, tem um lugar de destaque na prevenção.

Percebe-se nesse primeiro momento, que os discursos dos professores/as se aproximam e é possível observar que as concepções apresentadas estão mais voltadas ao que a educação

preventiva pode proporcionar, em termos de ações e consequências, do que a um conceito teórico bem apropriado.

Tabela 5. O papel da escola na prevenção

Papel da Escola na Educação Preventiva	Frequência
Reconhecer a importância da família	06
Desenvolver ações de conscientização	06
Desenvolver uma educação afetiva com diálogo, escuta, acolhimento, aproximação, vínculo de confiança.	05
Papel fundamental como espaço protetivo e responsável pelos alunos	05
Desenvolver habilidades pessoais, trabalhando a personalidade dos alunos	02
Envolver uma equipe multidisciplinar, estudiosos e comunidade	01
Atentar para a diferença entre combate às drogas e prevenção	01

Fonte: Dados de pesquisa da autora (2017).

A escola é considerada pela maioria dos professores/as como um espaço de fundamental importância na educação preventiva (p4, p6, p7, p8, p9), uma vez que se trata de um espaço onde os jovens estão diariamente e passam a maior parte do tempo, e por isso os sinais podem ser percebidos. Além disso, os professores/as apontam a escola como um espaço protetivo, no qual os alunos encontram abertura para dialogar e falar de questões da sua vida cotidiana. Colocam ainda a escola como um lugar responsável pelos alunos, considerando que em função da inserção em uma comunidade vulnerável e de contextos familiares envolvidos com a droga e/ou com dificuldades pra lidar com essa problemática, a escola passa a ser um dos poucos ambientes favoráveis ao desenvolvimento deles.

(...) A escola é **fundamental**, na minha opinião, pra prevenir o uso de drogas. (p4)

A própria família já seja também um espaço em que a droga já domina. Então, resta pensar que, talvez, **a escola seja o único espaço** que possa ajudá-los nessa situação, a tirá-los ou... a tirar é um pouco difícil, mas pelo menos evitar que entre, pode se tentar fazer alguma coisa que ajude (p6)

(...) **a escola é protetiva e até mais que a família**, porque na própria família o aluno se encontra nesse meio. Então a escola é esse espaço. (...) O espaço é esse, onde o aluno tem um tempo da vida dele aqui dentro e **que a gente tem uma responsabilidade muito grande** (...) (p8)

Então, assim, o único lugar que eles têm, mesmo, de proteção não é em casa, é na escola. Eu considero assim, aqui um espaço bem protetivo

mesmo. Até no momento que eles têm abertura, mesmo, de conversar. Eu percebo assim. (p9)

Araldi et al (2012) ressaltam a importância da instituição escolar como um lugar de grande potencial para atuar na prevenção, uma vez que alcança a maioria das crianças e exerce um papel norteador na formação dos sujeitos, em função do seu caráter socializador. Amparo et al (2008) ressaltam que a escola pode se constituir como uma importante rede de proteção, desde que sejam desenvolvidas nos jovens atitudes positivas de confiança e interesse, envolvendo os amigos, professores/as e pais. Destacam ainda que os seus atores podem atuar como contexto de valorização para o desenvolvimento dos jovens enquanto seres singulares, por meio do estabelecimento de relações de apego seguras e do cumprimento de tarefas com sucesso, que podem influenciá-los a exercer sua cidadania dentro de uma visão ética de mundo, amenizando assim os fatores de risco advindos das vulnerabilidades vivenciadas. Realizando ações que procurem amenizar fatores de risco, implementando ações que promovam e estimulem as habilidades sociais, a visão positiva de si próprio, a cooperação, as relações afetivas, o compromisso consigo mesmo, além da auto confiança no que se refere à competência social e emocional, a escola pode reduzir os impactos negativos no desenvolvimento dos alunos, encorajando-os a uma atuação para o enfrentamento das limitações, assumindo o papel como cidadãos responsáveis. Dalbosco (2013) corrobora os autores acima, afirmando a importância da escola, ao trazer que a escola precisa compreender o seu papel sistêmico e apropriar-se de sua função enquanto matriz formadora social, trazendo o jovem para perto, auxiliando-o na construção do seu projeto de vida, criando formas de aprendizagem que valorize a produção de sentidos.

Ao falar do papel da escola na prevenção, os professores/as ampliam as suas concepções, trazendo em seu discurso a família desses alunos, sejam estas pontuadas como fatores de risco (p6, p8, p9, p10) ou como pontos de investimento e de apoio (p1, p7, p10). Como fatores de risco, estão aquelas famílias que estão envolvidas com as drogas, seja pelo uso, seja pela inserção no tráfico, tendo casos inclusive de alunos com pais cumprindo pena em função desse envolvimento. Por outro lado, as famílias também são citadas como potenciais instrumentos de apoio à prevenção, quando inseridas no contexto escolar, participando das atividades propostas pela escola e proporcionando um ambiente acolhedor para os jovens.

A família já não está conseguindo mais... Talvez não perceba o que acontece ou talvez a família... A própria **família já seja também um espaço em que a droga já domina.** (p6)

A escola é protetiva e até mais que a família, porque na própria **família o aluno se encontra nesse meio**. Tem certas famílias que os pais estão presos, a mãe. Eu que trabalho no presídio, mesmo. Conheço **mães e pais que estão lá presos**, os dois, então, imagino o filho desse casal. (p8)

Pela escola está inserida num bairro, altamente violento que é constatado o tráfico, mesmo, de drogas, meninos que vem de famílias, com **o tráfico, mesmo, entranhado nas famílias**. Então, assim, o único lugar que eles têm, mesmo, de proteção não é em casa, é na escola. (p9)

A escola tem que se aproximar mais dos alunos, se aproximar mais da família dos alunos e, a partir dessa aproximação, criar projetos, **criar atividades que possam esclarecer mais aos pais**, mais aos próprios alunos (p7)

Primeiro tem que conhecer pra saber. E depois... levar um tempo também confiar nos pais, professores/as. (...) Então, a escola tem que ter muita segurança (...) As escolas estão precisando de psicólogo, de psicopedagogo, de assistente social, precisa se **trabalhar também muito a família**. (p10)

A família, segundo Araldi et al (2012) pode ser apontada como um fator de risco no momento em que promove e/ou consente com o uso e abuso de drogas, ou quando é pouco participante na vida escolar dos filhos, deixando toda a tarefa de educar e prevenir com a escola. Porém, ela não pode ser isoladamente responsabilizada, pois há outros fatores implicados no uso de substâncias. Ainda segundo os autores, frequentemente os educadores fazem um representação negativa da família, que apontam a fragilidade dessa instituição, bem como o pouco potencial de proteção da mesma. Por isso, há a necessidade de fortalecer a família, incluindo-a nos projetos de prevenção da escola, recebendo apoio profissional da sociedade e das instituições em geral, a fim de que possam promover um ambiente seguro e afetivo de cuidado com os filhos, constituindo-se assim como alicerces importantes na formação dos jovens. Carlini-Cotrim e Rosemberg (1990) apontam para a necessidade de descentralização do papel da instituição escolar no processo de prevenção, uma vez que a gênese da questão abarca outras instituições e que portanto sua solução não deve ser buscada de forma setorializada. Chamam a atenção para a necessidade de inclusão da família nesse processo, em todos os momentos, desde a prevenção, e não apenas nos momentos em que as drogas se tornam um problema, como no caso de flagrantes de uso entre os estudantes.

As ações citadas na categoria 1 pelos professores/as, como: conscientização, levar informações, proporcionar conhecimento, alertar sobre as consequências das drogas, foram apontadas aqui pela maioria deles, como ações possíveis de serem desenvolvidas dentro da escola, para que esta se torne um ambiente que desenvolva a educação preventiva e minimize o envolvimento dos jovens com as drogas (p1, p2, p3, p5, p7, p10). Para tanto, foram propostas

ações como: palestras, eventos, avaliação diagnósticas, discussão em sala, oficinas, e projetos que discutam a temática das drogas com os alunos e suas famílias, buscando apoio da comunidade (p1, p2, p3, p7).

É estar **conscientizando os jovens** a respeito das drogas. **Buscar apoio junto à comunidade, à família.** Estar fazendo, assim, **realizando palestras**, solicitando também as pessoas, assim, entendidas no assunto para que venha a escola para estar realizando esse tipo de evento junto com os alunos, com a comunidade(...) (p1)

Fazendo esses tipos de trabalho, essas divulgações, fazendo trabalho na oficina com eles, mostrando, conhecendo que realmente a droga, efeito... Fazendo cartazes e tudo e ser publicado, **fazer oficinas** com eles (p2)

Elaborando **projetos** com base nesse tema. Com base nas **consequências** que a droga pode trazer pros alunos. Fazendo, assim, **avaliações diagnósticas** de aluno. Que possam, que estejam nesses caminhos, **trabalhando, individualmente**, com eles. (p3)

Informando. Escola, eu acredito e vejo, que a escola sempre fez isso e faz, continua fazendo. (...) **pra que ele não venha a um dia usar.** E saiba o que isso vai trazer pra vida dele. A palavra mais gritante, assim, é a **informação.** Venha trazer informação pra ele. **Conhecimento**". (p5)

A escola tem que se aproximar mais dos alunos, se **aproximar mais da família** dos alunos e, a partir dessa aproximação, criar **projetos**, criar **atividades** que possam esclarecer mais aos pais, mais aos próprios alunos (p7)

Fonseca (2006) traz que educar para prevenir é um desafio que se impõe a escola na contemporaneidade, e que esta é uma alternativa plausível para o enfrentamento do consumo de drogas entre os estudantes, uma vez que pode tenta impedir ou pelo menos reduzir o consumo. A instituição escolar deve promover um estilo saudável nos alunos, desde criança, perpassando por todos os ciclos do desenvolvimento. Nesse caso, a prevenção deve priorizar a formação de valores, a valorização da vida, bem como o conhecimento da natureza, dos efeitos e das consequências das substâncias psicoativas. Bucher (2007) sinaliza o papel da escola como um despertar para o potencial socioafetivo e criativo do jovem, para levá-lo a efetuar opções conscientes e responsáveis pela sua saúde. Noto e Moreira (2006) colocam a escola como uma instituição capaz de promover a formação integral do jovem, principalmente se incluir o oferecimento de alternativas esportivas, culturais e incentivar o protagonismo. Ela também deve buscar um modelo de gerenciamento que favoreça a participação coletiva e responsável, acolhendo e envolvendo a família, promovendo encontros para discutir as questões relativas à temática, bem como pensar modos de prevenção junto à comunidade. Deve ainda viabilizar aos educadores de cursos, seminários e reciclagem sobre o tema; e ainda criar uma rede de

informações entre escolas, buscando promover um intercâmbio de conhecimentos no campo da prevenção.

Para além das atividades pedagógicas e teóricas, os professores/as também apontam o diálogo, o estabelecimento de um vínculo de confiança, a escuta, o aconselhamento, a observação atenta de sinais, bem como uma aproximação maior com os alunos e a família, como fatores importantes para a construção da escola como um ambiente propiciador de prevenção (p1, p6, p7, p9, p10). Apontam o desenvolvimento de habilidades pessoais e o trabalho com a personalidade dos alunos como ações que podem ser trabalhadas na escola para prevenir o envolvimento com as drogas, uma vez que isso pode prepará-los para lidar com os eventos do seu cotidiano que ocorrem também fora do espaço escolar, estejam eles presentes em seus contextos familiares ou na sociedade em geral (p4 e p10).

Se tornando um ambiente aberto pra o **diálogo**, principalmente. O diálogo, chegar perto pra falar na linguagem deles. E tentar **cativá-los**, nesse sentido. Primeiro tem que se criar **a confiança**, porque é um assunto um pouco delicado (...) Então a gente vai **percebendo os sinais** e no perceber esses sinais seria o momento de estar próximo para criar meios de ter uma conversa, trazer o tema para a sala pra se discutir abertamente e nessa conversa ir aconselhando. Eu acho que **o aconselhamento** seria o principal, pra início”(p6)

Eu trabalho com fundamental I, então eu tenho um contato diário, com eles, de segunda a sexta. Então na realidade, eles passam a maior parte do tempo comigo. Então, assim, eu sinto que eles têm **essa confiança**, em mim (p9)

Também **ensiná-las. Assim... Se defender**. De pessoas. Que a criança não vive... Criança não vive não é só no espaço da escola, quando ela sai da escola, ela vai pra sua casa, ela fica exposta a pessoas inescrupulosas. Que fica cooptando criança. Então, **ensiná-las também a reconhecer**. As intenções dessas pessoas, a se **defender**, a ter o hábito do diálogo com os pais, conversar. **Criar suas defesas** e isso tem que ser no **diálogo**. No conhecimento. (...) também confiar nos pais, professores/as. (p10)

Porque desde a educação básica até o ensino médio a gente pode estar modificando algumas coisas, até mesmo **na personalidade do jovem**”(p4)

Tais ações estão presentes no que Fonseca (2006) denomina de educação afetiva, uma abordagem educativa que busca trabalhar a personalidade do aluno, priorizando o desenvolvimento de fatores pessoais positivos, que podem atuar como fatores de proteção, diminuindo a probabilidade do envolvimento com drogas. Entre estas habilidades sociais, estão o autoconhecimento, a autoafirmação, autoestima, habilidade de lidar com a ansiedade e com a pressão de grupos, a autonomia e o respeito aos valores. Concomitantemente, as ações devem focar na diminuição da vulnerabilidade e dos estigmas e preconceitos. Quando a escola

preocupa-se com o desenvolvimento pessoal do aluno, para além das questões intelectuais e cognitivas e conteudistas, a educação afetiva mostra-se presente como uma forte base para a educação preventiva. Dessen e Polonia (2007, p. 22) apontam a escola como uma instituição fundamental para “desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social”. Ela deve ser pensada como um espaço efetivo para a aprendizagem e o desenvolvimento humano, dado o seu caráter diversificado em termos de conhecimentos, atividades, regras e valores, bem como conflitos, problemas e diferenças. Essas interações contínuas e complexas, se bem trabalhadas, podem promover a construção de laços afetivos e o preparo para inserção na sociedade.

“Como um microsistema da sociedade, ela não apenas reflete as transformações atuais como também tem que lidar com as diferentes demandas do mundo globalizado. Uma de suas tarefas mais importantes, embora difícil de ser implementada, é preparar tanto alunos como professores/as e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo” (Dessen e Polonia, 2007, p. 25).

De acordo com Amparo et al (2008), a escola passa a ser também um importante fator contextual de apoio, quando promove o bom relacionamento com amigos, professores/as ou pessoas que assumam papel de referência segura. Sendo ela um referencial estruturante em uma fase importante da formação da personalidade, pode se constituir como fator de proteção, se os seus atores realizarem ações que procurem amenizar fatores de risco, estimulando o desenvolvimento de habilidades sociais, a visão positiva de si mesmo, a cooperação e as relações afetivas, além da auto confiança no que se refere à competência social e emocional. Isso pode ser desenvolvida a partir de ações, projetos e trabalhos de relativamente fácil execução que visem a construção e afirmação de uma identidade de pertencimento, bem como a visão crítica e politizada do mundo compreendido em suas diferentes dimensões. Os jovens, por meio de temas condutores, por exemplo, podem debater questões que reflitam desde o contexto mais amplo até aspectos específicos de sua experiência subjetiva.

Um dos professores/as (p7) chama a atenção para a necessidade da cautela ao se desenvolver a educação preventiva nas escolas, apontando para a diferença entre combate e prevenção. Seu discurso traduz o combate como algo que tem sido tentado de forma sistemática, porém sem sucesso, e traz a prevenção como uma alternativa válida a ser trabalhada na escola.

“Eu acredito que o papel da escola é importante. Agora, tem que ser feito com cautela. Tem que saber chegar a esses alunos, saber informar de forma correta aos alunos sobre as questões das drogas **porque se confunde muito a prevenção com o combate**. O combate... combate vem sendo perdido. Se

combate as drogas há muito tempo e ninguém... e não se consegue ganhar esse combate, mas a prevenção, eu acredito que é bastante válido e a escola tem um papel fundamental nisso aí (...) (p7)

Noto e Moreira (2006) chamam a atenção para o fato de que a repressão às drogas, apesar de ser uma estratégia amplamente utilizada, tem se mostrado limitada, em função de seu caráter intolerante e alarmista, que não alcança os jovens. Bucher (1989) coloca que a expansão do consumo de drogas na atualidade leva a constatação da insuficiência dos meios repressivos, apontado para a necessidade de apostar na educação dos jovens, visando responsabilizá-los pelas escolhas na sua vida, a partir da inclusão de medidas preventivas. Segundo Dalbosco e Pereira (2013), quando considera-se a questão das drogas como uma questão social complexa, entende-se que a mesma demanda intervenções que vai além da segurança pública, ações de prevenção e de cuidado com o usuário. Dessa forma, passa-se de um modelo focado unicamente na repressão para um que privilegia as ações de saúde e educacionais de prevenção.

Outro professor (p10) aponta para a mudança que vem ocorrendo nas escolas, comparando o seu tempo de estudante com os tempos atuais. Seu discurso traz que as escolas de hoje, principalmente as que estão inseridas em contextos de vulnerabilidade, não devem ser geridas apenas por um diretor e seu vice. Essas escolas, segundo a pessoa entrevistada, precisam de apoio de outros profissionais para se tornar um ambiente seguro para os alunos, como uma equipe multidisciplinar formada por psicólogos, assistente social, psicopedagogo, para trabalhar outras questões, como as familiares, por exemplo.

Agora, pra isso também, no meu entender, eu acho que **escolas muito grandes, escolas, principalmente, assim, de periferia**, ela hoje não pode mais ser gerida por um diretor... Como era no meu tempo. Que eu estudava numa escola que tinha um diretor, um vice-diretor e tudo funcionava muito bem, e hoje não... **Hoje tem que ter uma equipe multidisciplinar**. As escolas estão precisando de psicólogo, de psicopedagogo, de assistente social, precisa se trabalhar também muito a família.

Noto e Moreira (2006) chamam a atenção para o fato de que nenhuma instituição consegue dar conta do universo de necessidades de uma população, sob pena de ao tentar fazer sozinha, tornar-se ineficiente. Dalbosco e Pereira (2013) assinalam que uma vez que a escola está inserida em comunidades específicas, que possuem as suas características históricas, culturais, regionais, ela passa a ser considerada um espaço fecundo para realização de atividades de prevenção, principalmente se construir pontes que aproximem a escola e a rede, uma vez que ela não está isolada do conjunto maior da sociedade. Sudbrack e Gussi (2013) afirmam que as ações de prevenção são tarefas que devem ser desempenhadas por diferentes instâncias da

sociedade, destacando-se a escola, em função do seu contexto de socialização complementar à família na formação de valores dos jovens. Faz-se necessário fazer um mapeamento da rede a fim de estabelecer o fluxo de referência e contrareferência, proporcionando assim a articulação necessária à um projeto de prevenção. Os programas de prevenção realizados em ambiente escolar conjugados com a comunidade apontam resultados superiores, segundo os estudos desses autores. A inclusão da comunidade-alvo, desde o planejamento das ações até a implantação das mesmas traz contribuições importantes, bem como pode ser decisiva na forma como esta vai aderir ao projeto. O conhecimento e o respeito aos conceitos e as crenças da população representam um dos principais pilares da prevenção. Noto e Moreira (2006) alegam que o aumento do intercâmbio entre os responsáveis pelas políticas públicas, a população geral, as universidades, a escola, e a rede em geral traz ganhos imensos, entre eles a conscientização de que a prática preventiva, pautada na reflexão, pode acontecer em todos os setores da sociedade. Bucher (1989) traz que é fundamental a participação das instituições governamentais e a mobilização dos recursos comunitários na promoção de alternativas positivas ao uso e abuso e abuso de drogas. Araldi et al (2012) trazem que essa problemática exige a interação de todos, em um esforço coletivo, de órgãos federais, estaduais e municipais, subsidiando as escolas para o trabalho de prevenção.

A materialização de ações de promoção de saúde firma-se nos princípios da intersetorialidade, em especial, entre segmentos da educação e da saúde, como também, na articulação da rede de apoio interna e externa à escola e na compreensão das relações de complementaridade, à luz da teoria sistêmica e do pensamento complexo. Nesta direção, a drogadição é concebida como um sintoma sócio-relacional com olhar amíúde nos fatores de risco e proteção que permeiam as instituições e as pessoas envolvidas, as vulnerabilidades sociais e pessoais, peculiares a estas mesmas instituições e pessoas” Sudbrack e Gussi (2013), p. 27.

Tabela 6. Papel do Professor na Educação Preventiva

Papel do Professor na Educação Preventiva	Frequência
Desenvolver uma relação de confiança e ligação com os alunos	08
Veiculação de informações a fim de construir conhecimento sobre as drogas e suas consequências	06
Reconhecimento do papel do professor	05
Incentivar os alunos, mostrando alternativas	02
Incluir a família	01
Papel importante, porém difícil	01
Encaminhar para equipe	01

Fonte: Dados de pesquisa da autora (2017).

A escola pode constituir-se como uma instituição protetora, e uma vez que está é constituída por sujeitos, é importante pensar que são eles, em suas interações próximas e simbólicas, que constroem e consolidam essa instituição como instituição protetiva. Sendo assim, é necessário que todos os atores se façam presentes nesse processo de construção de uma escola protetiva, que promova o desenvolvimento dos sujeitos de forma integral (Amparo et al, 2008).

Para os mesmos autores, os professores/as, assim como os colegas têm sido identificados como importantes recursos emocionais no contexto escolar, uma vez que favorecem o desenvolvimento pessoal, através da interação recíproca que é estabelecida nessas relações. Os professores/as dessa escola reconhecem a importância do papel do professor na educação preventiva (p4, p5, p6, p8, p9), trazendo em suas falas a relevância disso pelo fato de serem próximos e conviverem com os alunos diariamente, o que possibilita uma observação atenta dos comportamentos, bem como o estabelecimento do vínculo de confiança.

O professor, ele como sempre está **muito próximo dos alunos**, ele é quem mais pode vir a dar essas informações. É como um pai, uma mãe, que quer o melhor do seu filho (p5)

É muito difícil, viu? Mas é muito importante, mas é muito difícil. (...) Então, eu acho que **o professor tem um papel importante**, mas precisa ser orientado, precisa de apoio, sozinho ele não faz nada (p8)

A gente como professor do fundamental I, **importantíssimo nesse papel**, porque a gente passa a tarde com o aluno. Eu não mudo de sala. Então, assim, eu **tenho contato diário com eles**. Então, assim, é bem mais fácil pra mim, porque a gente cria um... Um elo, uma **ligação muito forte**, até com as famílias. Então fica muito fácil pra mim, assim, se você me perguntar: “Quem da sua sala tem contato?” Eu sei lhe dizer quem tem (p9)

A sala de aula pode ser considerada um ambiente em que boa parte dos fatores de risco e de proteção, relacionados ao uso e abuso de drogas podem ser percebidos, e por isso os

professores/as tem um papel crucial nesse processo. Além disso, muitas vezes o professor é tido como uma referência para os alunos, e por isso ele é uma peça chave para a educação preventiva ocorrer, uma vez que as identificações positivas facilitam a adesão às práticas e propostas vinda dessa figura (Toledo et al, 2013). Fonseca (2006) acredita que a atuação do professor é de fundamental importância na educação preventiva, uma vez que estes podem ajudar os alunos a constituir um sistema de valores pessoais que os levem a adotar um estilo de vida no qual a drogas não encontre sentido. Esta afirmação encontra ressonância na fala dos professores/as (p4, p7), quando estes colocam que um dos papéis do professor é incentivar os alunos, mostrando alternativas que o afastem do uso e das consequências das drogas.

Então, ele traz alguns conhecimentos deles como ele também adquire junto com a gente em sala de aula, então a **gente pode partilhar, ajudar o aluno a ter, assim, uma... Uma condição, um convívio familiar e escolar melhor**, evitando a violência, o uso de drogas, a criminalidade, em geral (p4)

Eu acredito que o professor ele é **um mediador, né?** Ele vem facilitar o aprendizado e vem trazer aquelas informações que os alunos, às vezes, muitas vezes não têm. Ele vem **facilitar essa aprendizagem e incentivar, mostrar alternativas pra esses alunos**. Mostrar (...) um caminho que ele possa seguir, se afastando dos problemas trazidos pelas drogas (p7)

A conscientização através de palestras, pesquisas, os estudos em sala, o trabalho com textos foram colocados pela maioria dos professores/as como ferramentas importantes para a veiculação de informações e a construção de um conhecimento sobre as drogas e suas consequências, que possam vir a diminuir o envolvimento com as drogas (p1, p2, p4, p5, p7, p10). Dessa forma, a informação e a utilização dos recursos pedagógicos para esse fim, bem como as conversas informais, segundo eles, fazem parte da função do professor dentro do contexto de prevenção.

Fazendo essa conscientização, conscientizando eles, **conversando a respeito**, fazendo **palestras, pesquisas, estudos em sala**, juntamente com eles sobre esse assunto, sobre as drogas (p1)

Então, ele pode informar, ele pode **aconselhar** seus alunos (...) trazer informações que eles porventura não conheçam. (p5)

Ah! O professor, ele vai agir, exatamente **levando conhecimento...** Falo **desenvolvendo atividades**. Que vai levar ele a conhecer as drogas, os seus efeitos. (p10)

Noto e Moreira (2006) pontuam a educação preventiva como um conjunto de ações que procuram evitar o uso e abuso de drogas, a partir do fortalecimento de atitudes saudáveis e a participação dos jovens como protagonistas dessas ações, ou ainda a realização de ações que procuram evitar a ocorrência de complicações para as pessoas que fazem uso ocasional de

drogas, a partir de incentivo nas mudanças de comportamento, e/ou evitem prejuízos adicionais aos indivíduos com problemas sérios em relação as drogas. Pontuam ainda sobre as intervenções espontâneas, nas quais os educadores conseguem formar vínculos positivos e acolher alunos com alteração de comportamento, as vezes até sem se dar conta da função preventiva dessa atitude. Tais ações, segundo Araldi et al (2012) são geralmente iniciativa de professores/as que se mostram abertos à realidade social dos jovens, oferecendo uma escuta e o diálogo com estes, seus pais e seus pares. Esses educadores tendem a atuar com a complexidade da questão, potencializando um trabalho de prevenção holístico.

Assim, mais do que o uso de recursos pedagógicos e didáticos, parece haver um consenso no que diz respeito ao desenvolvimento de uma relação de ligação e confiança entre alunos e professores/as, que permita a superação de um modelo de distanciamento entre estes, bem como de um padrão de educação fria e conteudista. A maioria dos professores/as trouxeram elementos relacionais para falar do papel do professor na educação preventiva, entre os quais: estabelecer diálogos, conversas e aconselhamentos (p1, p2, p3 e p5); estar atento, observar e conhecer o comportamento dos alunos (p6, p9, p10); mediar, alertar, apoiar (p1, p3, p5, p7); promover elos de ligação com a família e os alunos (p9); trabalhar a vida dos alunos, preocupando-se com os mesmos para além da sala de aula (p2).

É isso aí, é trabalhando textos, fazendo trabalho com eles, é conversando com eles, **procurando saber assim... Entre aspas, da vida deles.** Procurando saber: “e aí, como foi seu dia hoje?” (p2)

O professor, ele vai ser o mediador. O papel dele? Aconselhamento. Acho que o professor também, além de ser professor, ele tem que ser um mediador, aconselhador, sempre está **dialogando com os meninos** (p3)

(...) o professor precisa estar primeiro, atento... **atento para perceber a necessidade**, ele precisa também ter um certo saber como agir nessa situação (...)
(...) o mais próximo pra ele é realmente o professor. Criar aquele **vínculo de confiança** pra trabalhar com os meninos (p6)

(...) a gente cria um... **Um elo, uma ligação muito forte**, até com as famílias, não é? Então fica muito fácil pra mim, assim, se você me perguntar: “Quem da sua sala tem contato?” Eu sei lhe dizer quem tem (p9)

A ênfase no clima afetivo saudável, de acordo com Amparo et al (2008), tem sido descrito como um importante fator de proteção, e o contexto da escola apontado como um ambiente favorecedor de relações que contribuem para o desenvolvimento da competência social e da aquisição de habilidades essenciais para o desenvolvimento afetivo e sociocognitivo, que por sua vez, potencializa a capacidade para enfrentar positivamente as demandas do

ambiente. Sudbrack e Gussi (2013) afirmam que a escola é um espaço que vai além do compartilhamento de conhecimentos, pois atua na formação de opinião, valores, atitudes e é capaz de instigar a noção de pertencimento. A forma como a escola se organiza pode favorecer a diminuição da vulnerabilidade dos jovens em relação ao uso e abuso de drogas. Isso ocorre quando os educadores facilitam o desenvolvimento de posturas autônomas e responsáveis, através da criação de um clima acolhedor e afetivo, no qual os vínculos são favorecidos e os alunos são reconhecidos como pessoas, quando estes são valorizados e respeitados em suas culturas e crenças. (Albertani, 2013). Nesse sentido, o contexto afetivo proporcionado pelos professores/as extrapola a delimitação do ambiente físico, agrupando o ambiente social e de aprendizagem, e a educação passa a ser reconhecida como maior do que lidar com a cognição, acrescentando o afeto e as variadas formas de expressão do jovem por meio da ação. Segundo Albertani (2013), dessa maneira algumas habilidades e posturas podem ser trabalhadas pelo conjunto de educadores que trabalham na perspectiva da educação afetiva, buscando o fortalecimento de comportamentos conscientes para manejo de situações e desafios cotidianos, e o desenvolvimento de pessoas autônomas capazes de fazerem escolhas responsáveis em quaisquer âmbitos da vida. Entre essas habilidades, as autoras citam: o desenvolvimento e manutenção de vínculos interpessoais, da capacidade de reflexão, de uma visão crítica da realidade, o fortalecimento da autoestima, a capacidade de manejar emoções e de tomar decisões, a habilidade de resolver problemas e a construção de um projeto de vida. Araldi et al (2012) apontam que tais ações de prevenção são geralmente iniciativas de professores/as que demonstram uma abertura maior à realidade social dos jovens e que atuam considerando a complexidade das questões que envolvem a juventude e o contexto na qual está inserida; quando a educação afetiva ocorre, o trabalho de prevenção é potencializado.

Um dos professores/as (p4), inclui a família no seu discurso ao falar sobre a educação preventiva. Segundo ele, o papel do professor se dá em conjunto com a família, e um dos papéis do professor é também promover um bom convívio familiar e escolar. Segundo Araldi et al (2012) há também a necessidade de fortalecer a família para atuar na prevenção, pois os pais são alicerces importantes e uma base de apoio para os estudantes, por isso a presença dos pais na escola é uma construção coletiva.

Como eu já falei antes, o papel do professor, **junto com a família**. Não só os pais, mas a família como um todo, é um papel muito importante, porque o professor... então a gente pode partilhar, ajudar o aluno a ter, assim, uma... Uma condição, **um convívio familiar e escolar melhor**, evitando a violência, o uso de drogas, a criminalidade, em geral.

Um dos professores/as entrevistados (p8), relata que apesar de considerar o professor como um elemento importante na educação preventiva, entende também como algo difícil, apontando a necessidade de orientação e capacitação para os professores/as, e de apoio, uma vez que estes podem não se sentir preparados para lidar com a questão.

É muito difícil, viu? Mas é muito importante, mas é muito difícil. Por que... Você vai lidar... Agora mesmo eu respondi o questionário dizendo que eu não fiz curso sobre o assunto. Então, você vai lidar com uma coisa que é nova na sua vida (...) É difícil. **O professor, ele precisa muito ter uma orientação, uma capacitação,** por que... Às vezes, até **o medo... O medo afasta ele de fazer alguma coisa por esses alunos,** em querer se envolver. Então, eu acho que o professor tem um papel importante, mas **precisa ser orientado, precisa de apoio,** sozinho ele não faz nada (p8).

Araldi et al (2012) assinalam que muitos professores/as apresentam sentimentos de descrença quanto às possibilidades de fazer um trabalho preventivo em sala de aula, em função de não se sentirem capacitados a abordar a questão, pois julgam ter dificuldades e entraves para lidarem com problemas que fazem parte do cotidiano dos jovens. Podem ainda sentir-se impotentes diante dos estímulos externos à escola, como o grupo de amigos e a sedução do tráfico. Apontam ainda que grande parte dos educadores tem ciência da importância de ações voltadas para a prevenção, tecendo críticas ao modelo tradicional, embasados na repressão, porém demonstram pouca atuação e envolvimento com a questão, ou por resistência à problemática ou porque sentem que não tem estratégias para abordarem o tema. A falta de formação e informação, o preconceito atribuído aos usuários de drogas, a sobrecarga de trabalho, o medo de ameaças ou represálias por parte dos traficantes, a insegurança são fatores que podem contribuir para dificultar a realização de um trabalho efetivo de prevenção. Dalbosco(2013) afirma que muitas vezes os professores/as podem sentir-se paralisados, não sabendo como agir diante da problemática das drogas, principalmente quando as situações-problema estão presentes dentro do próprio espaço escolar. Dalbosco e Pereira (2013) sinalizam que dentro das escolas inseridas em comunidades ligadas ao consumo ou tráfico de drogas, que trabalham com alunos que já se encontram em situação de risco ou vulnerabilidade, faz-se necessário fomentar um espaço para fortalecer os educadores para enfrentar esses assuntos, que geralmente é gerador de medos, preconceitos e dificuldades de abordagem.

Tabela 7. Identificação e análise dos resultados das práticas

Ações preventivas identificadas pelos professores/as em sua prática na escola.	Frequência
Conversa/Aconselhamento/Alerta	08
Inclusão do assunto “drogas” na prática pedagógica	06
Desenvolvimento de uma relação próxima, de amizade com os alunos	02

Fonte: Dados de pesquisa da autora (2017).

O discurso dos professores/as denota que todos eles se percebem realizando ações de cunho preventivo dentro da escola, seja a partir de uma abordagem afetiva, seja incluindo o assunto em suas práticas pedagógicas. O fato é que esses professores/as parecem estar bastante atentos as demandas que emergem dessa problemática, demonstrando um desejo de poder contribuir de forma significativa na diminuição dos danos consequentes do envolvimento da juventude com as drogas. Todos demonstram ter consciência da importância do seu papel nessa questão, ao tempo em que se mostram sensíveis às questões pessoais vivenciadas por seus alunos, além de considerar bastante o contexto de vulnerabilidade social e/ou familiar no qual estes estão inseridos.

A maioria deles aponta como ações preventivas da sua prática cotidiana o aconselhamento, o diálogo e os alertas sobre o envolvimento com as drogas e suas consequências (p1, p2, p3, p5, p6, p8, p9, p10), mantendo-se atentos aos sinais de envolvimento ou de problemas pessoais, apostando no diálogo como uma forma de ajudar os alunos a fazer escolhas acertadas. Os professores/as acreditam que promovendo lugares de acolhimento e escuta, os alunos podem sentir-se a vontade para tratar de assuntos que não são conversados em outros espaços. A inclusão do assunto “drogas” na prática pedagógica aparece em seguida como uma importante ação de cunho preventivo realizado pelos professores/as (p1, p2, p3, p5, p6, p8). Eles acreditam ser necessário incluir a temática nas atividades de sala de aula, acreditando que essa prática pode ser um gatilho para uma conversa, para exposição de opiniões, bem como para fazê-los pensar e significar essas questões em suas próprias vidas.

A gente **conversa** com eles. Está sempre **aconselhando** para não seguir os caminhos errados, é o que a gente pode fazer, está tentando fazer na sala. Às vezes, assim, com vídeos, textos que falam sobre o assunto, incluindo na **prática pedagógica** (p1)

(...) os textos que eu trabalho com eles também é voltado a adolescência, ao poder do jovem, que eles acham que tem todo poder, e no fundo, no fundo não tem, então eu trabalho assim, **conversas, textos** (p2)

(...) e aí, assim, de uma **forma amigável**, começo... **Converso com eles** sobre o assunto. Falo com eles sobre os riscos, **aconselho**, acho que sim, quando a gente trabalha, a gente tem que sempre está **colocando esses assuntos dentro da nossa prática** também (p.3)

Aconselhamento. Aulas... Sobre o tema. Incentivando a leitura, de textos que tenham essas informações pra ele e trazendo até **vídeos** de pessoas que já estiveram, já usaram (p.5)

(...) eu utilizo o texto que pode ser encontrado nas literaturas, que pode ser encontrado em material de comunicação, pra poder trazer pra sala e aquilo ali ser **um gatilho pra puxar uma conversa** e eles se sentirem a vontade, pra falarem o que pensam... (p.6)

Sim. Me vejo fazendo uma prática preventiva com eles. Desde o momento que eles **conversam comigo sobre o assunto** e quando eu **abordo** também com eles esse assunto (p.9)

Dessen e Polonia (2007) afirmam que através do desenvolvimento de atividades sistemáticas que promovam a articulação dos conhecimentos, bem como a exploração e apropriação da experiência acumulada, é possível lapidar as formas de pensar, agir e interagir no mundo, proporcionando assim recursos psicológicos para a evolução intelectual, social e cultural do aluno. Dessa forma, a escola deve promover atividades ligadas aos domínios afetivo, motor, social e cognitivo, compreendendo o aluno de forma holística, integral, integrando as trajetórias de vida. Sudbrack e Gussi (2013) afirmam a escola é posta como contexto de promoção de saúde com potencialidades que precisam ser fortalecidas. Como possibilidade concreta que leve ao alcance dessa meta, tem-se a integração de temas sociais que promovam o desenvolvimento do aluno no planejamento das atividades escolares e a inserção das ações de prevenção do uso e abuso de drogas no projeto político-pedagógico da escola.

Dois dos professores/as (p4 e p6) apontam o desenvolvimento de uma relação próxima, de amizade com os alunos como uma prática preventiva presente no seu trabalho com os jovens, que pode levar a resultados positivos.

Primeiro, eu tento manter assim um **relacionamento** não só de professor e aluno. Eu tento me aproximar desses alunos. Eu convivo aqui com muitos alunos com esse perfil. Alunos que a gente percebe, assim, que traz pra sala de aula uma série de problemas familiares. E até mesmo sociais de forma em geral. E eu já detectei em alguns alunos aqui, aí, a partir do momento que me aproximei, tentei, assim, manter um relacionamento, assim, **de professor amigo**, eu já consegui conquistar algumas coisas, aqui na escola. Aí, na minha opinião, através disso, dessa **relação de amizade entre aluno e professor** a gente pode conseguir o restante, que é a aprendizagem. (p4)

(...) pra poder trazer pra sala e aquilo ali **ser um gatilho pra puxar uma conversa e eles se sentirem a vontade**, pra falarem o que pensam... Da muito

espaço pra eles falarem o que pensam. E eu procuro fazer isso nas aulas de língua portuguesa (p6)

Fonseca (2006) traz que a atuação dos professores/as na educação preventiva deve se pautar no desenvolvimento de habilidades e experiências de efeito protetor. Entre elas, a promoção de autoconceito, realizada através da criação de um clima de confiança, de amizade e de respeito em sala de aula; o desenvolvimento de uma atitude autônoma, através da participação ativa em aula, facilitando as interações pessoais, a aprendizagem por descoberta, análise de situações que promovam o contraste de opiniões, o exercício da argumentação e contra argumentação, e o respeito às diferenças; o alcance da competência social, estimulada a partir de práticas que estimulem a tomada de decisão responsável, a aptidão para negociar e ao mesmo tempo resistir às pressões grupais; o fortalecimento de lidar com conflitos e de valorizar a autopreservação diante de riscos desnecessários; a promoção da afetividade, através do exercício do diálogo, do reforço das atitudes positivas; a criação de ambientes que estimulem a comunicação e o fortalecimento de vínculos. Isso pode ser feito através da introdução no próprio currículo, de conteúdos significativos de prevenção, ou ainda na utilização de metodologias ativas que incluam simulação, debate, dinâmicas de grupos, onde as situações-limites ou de risco podem ser trabalhadas de forma vivencial, levando à formação de reflexões de questões cotidianas, desenvolvendo assim a aquisição de habilidades e experiências que tenham efeito protetor.

O professor p7 aponta a insuficiência e as limitações das ações, acreditando que pode-se fazer mais, principalmente se houver um projeto continuado dentro da escola, que vá além das ações pontuais já realizadas.

Mas aquela... Aquela situação, na escola pública nós temos **várias limitações**, apesar de que, a atitude é que é... É o principal. Nós temos algumas atividades, mas acredito que ainda é insuficiente, eu acredito que a gente pode fazer muito mais e principalmente com os projetos. Projetos que possam incentivar os alunos a ter uma nova visão... Uma visão diferente das drogas (...) mas a gente ainda não conseguiu **fazer um projeto continuado...Nós fizemos alguns projetos pontuais.**

Albertani (2013) afirma que a eficácia do trabalho preventivo será maior se for realizado coletivamente, e inserido no currículo, desenvolvido ao longo da escolaridade e não apenas de forma pontual em momentos específicos, favorecendo a participação ativa dos alunos, bem como a promoção da reflexão e do diálogo. Carlini-Cotrim e Rosemberg (1990) trazem que a ação preventiva deve se dar em sala de aula, incorporada aos currículos das disciplinas de forma natural. Sudbrack e Gussi (2013), corroboram ao trazer que a prevenção do uso de drogas é

uma temática transversal que deve ser integradas ao currículo no conjunto de disciplinas, como também devem estar presentes nas diferentes séries da carreira escolar, contemplando o desenvolvimento da cidadania responsável, integrando o projeto de educação para saúde e envolvendo a rede social da qual ela é parte integrante. Para que esta consigna tenha o alcance almejado, duas ações devem caminhar par e passo: enquanto o currículo integra os conteúdos, a escola dá movimento a estes conteúdos integrando pessoas. Noto e Moreira(2006) alegam ainda que quando as intervenções não são sistematicamente avaliadas, há uma dificuldade de produzir conhecimentos a partir dessas iniciativas. Martini e Fugerato (2008) concordam com os autores acima, quando assinalam que a prevenção é um processo permanente e estratégico, que deve começar cedo e permear tudo o que se faz no decorrer do ano escolar.

Um dos professores/as (p10) chama a atenção para o cuidado que deve-se ter ao tratar dessa questão na escola, uma vez que a mesma encontra-se inserida em contexto de violência e tráfico de drogas, que pode fazer com que esse trabalho se torne perigoso.

(...) agora a gente **precisa ter cuidado** Porque aqui, é um colégio que está inserido em uma área que é reconhecidamente muito perigosa, de muita violência que... Existe o tráfico, e a gente também **não pode se expor muito**. Mas sempre alertando com muito jeito. Porque a gente sabe que aqui tem meninos que são envolvidos. E ai, pode **ficar muito perigoso**.

Dalbosco (2013) relaciona algumas questões com as quais o professor pode se deparar e para as quais precisa estar preparado: dificuldade de aproximação com os jovens e com a rede familiar, situações de violência, medo e ameaças pela presença do tráfico na comunidade e dentro da escola, falta de apoio da rede, o consumo de drogas na família e na comunidade, ou ainda dentro da própria escola. Todos esses fatores foram identificados nas falas dos professores/as, demonstrando o reconhecimento que os mesmos têm sobre o contexto de risco ao qual estão expostos.

As considerações sobre o contexto de risco continuam na fala dos professores/as. Alguns (p6, p8, p9, p10) mostram-se bastante atentos ao contexto de vulnerabilidade social e familiar no qual os alunos estão inseridos, apontando-o como um dificultador dos resultados das ações preventivas. Apontam ainda para o fato de que muitos dos alunos são perdidos para o mundo das drogas e do tráfico.

A gente ter que ter sempre um comportamento otimista. (...) O importante seria que **a gente conseguisse alcançar mais** (...) Porque as estatísticas elas mostram. As estatísticas mostram muito a gente perdendo... **Perdendo os jovens e perdendo para o tráfico**, perdendo para as drogas (p6)

(...) Embora, muitos casos aqui no bairro, **de alunos mortos por causa da violência, por causa de drogas**. A gente tem muitos casos de alunos que entraram aqui, alunos viciados, mesmo, que não se controlava, aquele aluno terrível (p8)

(...) É tão entranhado; a droga já está tão... Já consumiu como eu digo assim, a família, de um jeito, e **a gente não consegue resgatar esse aluno. A gente perde pro mundo do tráfico mesmo** (...) Quando eles saem muito, assim, da mão da gente, eles se tornam donos de si. (p9)

(...) A nossa clientela, não vou lhe dizer que 100% esteja livre, **a gente tem perdido muito alunos... Morreram mesmo**. Por envolvimento com drogas, outros que estão no presídio (p10)

A atenção e sensibilidade dos professores/as à esse contexto é de extrema importância, pois esse é um dos primeiros passos para a construção de um projeto de prevenção. Sem essa consideração, a intervenção pode tornar-se ineficiente. Bucher (2007) aponta a necessidade de se conhecer e respeitar a realidade na qual se pretende intervir, levando em conta o contexto sociocultural, a fim de adequar as metas e as atividades e capacitar-se para atuar nas demandas existentes. Carlini-Cotrim e Rosemberg (1990) corroboram, ao assinalar a importância da consideração do contexto no qual se vai intervir para o sucesso de um trabalho de prevenção. Afirmam que a credibilidade de um programa de prevenção depende do conhecimento das especificidades do padrão de consumo da população alvo, bem como de suas características sociodemográfico, ou seja, dos seus hábitos, problemas, organizações e modos de inserção na sua realidade maior. Para que a educação preventiva possa ocorrer de maneira eficiente é necessário primeiro evidenciar o cenário que vai ser palco do projeto de intervenção, pensando uma proposta executável e calcada nas demandas da escola e em especial, dos estudantes. Para que um programa de prevenção não corra o risco de ser ineficiente é necessário ter como requisitos fundamentais objetivos claros, planejamento e treinamento dos profissionais envolvidos.

Quanto aos resultados dessas práticas, a maioria dos professores/as avalia positivamente as suas ações, dizendo visualizar mudanças em comportamentos e a diminuição do envolvimento dos alunos com as drogas (p2, p3, p4, p6, p7, p8). Outros, um pouco reticentes, falam timidamente dos resultados, trazendo que não conseguem dizer ao certo sobre eles ou que veem pouca efetividade, considerando as dificuldades relacionadas ao contexto em que esses alunos estão inseridos (p1, p5, p9, p10).

Tem sim. **Totalmente positivas**. Totalmente positivas. Aqui a gente já consegue perceber em muitos alunos **a mudança** (p.4)

Então tem **consequências sim**, porque eu acho que a gente... Quando não atinge a todos, **mas a gente pode atingir aquele que não entrou ainda**, que aliás, o trabalho da prevenção seria justamente pra isso (p.6)

Surtem... Surtem... Surtem... Porque eu tenho... Embora, muitos casos aqui no bairro, de alunos mortos por causa da violência, por causa de drogas. A gente tem muitos casos de alunos que entraram aqui de... De... Sabe? Alunos viciados, mesmo, que não se controlava, aquele aluno terrível. De noite mesmo tenho vários casos assim e que hoje em dia são meninos bons. É... Se eles usam ainda... Drogas, porque é muito difícil você parar... Pelo menos a gente percebe que... Houve uma **mudança no comportamento**, que “tá” tendo uma tentativa, que às vezes, pra pedir conselho... Então, eu acho que surte um efeito (p.8)

Às vezes. Às vezes sim, às vezes não. Às vezes surte algum efeito. **Na maioria das vezes não, né?** Pois é! (...)Eu acho que falta também o apoio da família. A família junto da escola. “Tá” faltando (p1)

A gente não tem muito como saber se isso deu resultado. Mas tem que se fazer. A gente pode não ver, mas eu acho, acredito, que tenha resultados sim. Em algum momento ele vai dizer: “olha, aquilo que a pró me falou, né? Eu vou por esse caminho aqui, porque ela me disse que esse caminho não é o bom, eu vou pelo outro caminho”. Acho que é importante (p5)

Olha! **De trazer, traz.** Agora assim, a gente... A nossa clientela, não vou lhe dizer que 100% esteja livre, **a gente tem perdido muito alunos...** (p.10)

Todos os professores/as, mesmo os reticentes quanto aos resultados, concordam que tais ações, independente do número de alunos que alcance, precisam continuar.

Assim... De imediato eles não tomam muita importância, mas acredito que eles... Um momento eles vão parar pra refletir. **A gente só não pode parar.** A gente só não pode parar, mas acho que um momento eles param pra refletir p3

Se... Eu não tenho muito... A gente não tem muito como saber se isso deu resultado. **Mas tem que se fazer.** p5

A gente tem que ter sempre um **comportamento otimista.** Tem consequências, agora a **gente sempre deseja que tenha mais,** O importante seria que a gente conseguisse alcançar mais... Quando não atinge a todos, mas a **gente pode atingir aquele que não entrou ainda**, que aliás, o trabalho da prevenção seria justamente pra isso. p6

(...) mas também tem muitos alunos que são vencedores. Estão aí... Fazendo universidade, já formaram, pós, mestrado.. Tem até ex-aluno que está fazendo doutorado, está mais do que eu. Mas também tem aqueles que não estudaram, mas são pessoas boas, honestas, trabalhadeiras, pai de família, já. Inclusive eu já ensino a muitas crianças que são filhos de ex-alunos. Tem muita gente boa. Aí tá com seu emprego, honesto, já casaram, formaram família, então, de certa forma, a escola, juntamente também com a família deles, a gente não vai tirar esse mérito. Que mesmo ele vivendo num bairro que é muito discriminado aqui na cidade, **eles têm obtido sucesso na vida**, claro e com fé em Deus há de obter muito mais (p10)

Percebe-se na fala dos professores/as que eles se vêem como agentes de prevenção, ao tempo em que desejam que essas ações surtam efeitos, mesmo que em algum momento o contexto se apresente como um grande dificultador. Eles acreditam que, de alguma forma, mesmo que de maneira tímida, as suas práticas podem valer como força formadora para seus alunos. Isso denota a percepção que os professores/as têm da repercussão de seus trabalhos na vida destes. Ferreira et al (2010) baliza isso ao sinalizar que os discursos, os comportamentos e as atitudes dos professores/as são importantes porque podem servir como referência e base para a definição de personalidade de seus alunos. E isso tornar-se efetivo quando esses agentes de prevenção conseguem atuar respeitando as características psicológicas e sociais dos estudantes. Assim, é importante que o professor esteja atento às repercussões de suas práticas, a fim de observar quais os aspectos que necessitam de modificação para ampliar o alcance de suas ações. De modo geral, a maioria dos professores/as dessa escola denota saber da necessidade e importância das práticas preventivas no ambiente escolar, e da relevância de sua atuação nessa tarefa.

Diante da análise dos dados dessa pesquisa foi possível apreender as RS dos professores/as do Colégio Paulo VI acerca da educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas, bem como estas influenciam em suas práticas cotidianas. A síntese desses resultados será tratada na sessão a seguir.

2.4.3 O modelo das representações sociais dos professores/as do Colégio Paulo VI acerca da educação preventiva à drogas nas escolas

Essa pesquisa buscou desvelar as RS presentes nos discursos dos professores/as acerca da educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas, considerando que é importante pensar a forma como os professores/as a significam, pois isto pode ter impacto em suas práticas e nas consequências delas. Os resultados dessa pesquisa nos mostram que as RS dos pesquisados perpassam por diversas dimensões: dos saberes, do afeto e da informação, construídos e veiculados, a partir dos sentimentos estabelecidos e das identidades construídas nas relações sociais dentro da escola, bem como pelas crenças estabelecidas nos dois grupos: professores/as e alunos. A escola é significada pelos professores/as como um espaço apropriado para a EP, onde os alunos se sentem a vontade para abrir as suas questões ou mesmo dividir os seus sentimentos. Alegam que devido ao contexto sociofamiliar no qual os alunos estão

inseridos, a escola, no caso de muitos, é o único espaço onde eles podem se sentir protegidos e buscar referências seguras. Martini e Fugerato (2008) colocam que as escolas têm sido apontadas, historicamente, pela sociedade, como espaços privilegiados de prevenção, mas que para que ela possa desenvolver ações bem sucedidas, precisam envolver a família e a comunidade. Além disso, precisam construir espaços onde os jovens possam pensar e refletir de maneira crítica a sua realidade, trabalhando as suas escolhas, medos, frustrações, desejos e futuro. Dalbosco (2013) aponta que, embora se saiba que não é apenas a partir da escola que a sociedade será transformada, pode-se dizer que as mudanças produzidas nesse espaço podem influenciar em determinadas relações sociais.

As questões apontadas pelos professores/as permitem refletir sobre a multicausalidade do envolvimento com as drogas, e vê-se que suas RS estão organizadas em torno da contextualização dos fatores presentes na problemática, o que aponta para uma consciência acerca da complexidade e multifatorialidade da questão, ao considerar os aspectos familiares, sociais e emocionais de seus alunos. O discurso central dos professores/as em relação ao uso e abuso de drogas gira em torno das consequências das mesmas, trazidas de forma negativa; e dos motivos ou sentimentos associados ao uso. As RS dos professores/as encontram ressonância no estudo de Martini e Fugerato (2008), que apontam que o uso e abuso de drogas não pode ser visto como decorrência de um único fator, e sim como o resultado de combinação de diversos elementos, que vão desde a questão genética, perpassando pelos fatores psicológicos, familiares, culturais e socioeconômicos. Há de se considerar a questão como sendo de alta complexidade, que não pode ser reduzido a apenas uma dimensão, nem tampouco assumido por uma única esfera da sociedade; tal complexidade exige ações intersetoriais, envolvendo o estudo das situações locais.

Uma coisa importante que chama a atenção no discurso dos professores/as é que as RS que eles fazem sobre o uso e abuso de drogas fala de um uso descontrolado, problemático, associado a consequências catastróficas; isso pode ser uma questão delicada, uma vez que os olhares estarão voltados apenas para os usuários abusivos, não alcançando os usuários experimentadores ou ocasionais, o que pode levar a intervenções ineficazes com esses em particular.

As RS construídas pelos professores/as acerca da EP estão organizadas em torno de ações e sentimentos envolvidos. Os professores/as compartilham da ideia de que a informação e o conhecimento sobre as drogas são fundamentais para a EP, porém faz-se necessário também

voltar-se para as vivências pessoais desses alunos e oferecer-lhes apoio, afeto e cuidado, denotando uma abertura para a consideração de suas ideias e sentimentos. Há uma sensibilidade e a disponibilidade para o cuidado, mesmo dos que não se sentem tão preparados para isso, ao tempo em que está presente o desejo de que suas práticas alcancem de forma positiva os seus alunos. Dessa forma, a EP é significada por eles como uma ferramenta através da qual, além do trabalho com os conteúdos programáticos, pode-se também trabalhar a personalidade dos jovens, a fim de torná-los menos vulneráveis ao envolvimento com as drogas. Os professores/as representam as suas práticas através do uso de atividades pedagógicas e da abordagem afetiva e suas RS apontam para a consciência dos mesmos sobre a importância do seu papel. De acordo com Amparo et al (2008) as práticas preventivas que incluem a educação afetiva podem favorecer a consciência sobre as dificuldades pessoais de cada um, e assim mobilizar recursos na busca de realização pessoal, desenvolvendo estudantes conscientes de si, do mundo e capazes de resistir às pressões do grupo em relação a temas e situações que não são do seu interesse. Dessen e Polonia (2007) corroboram ao afirmar que as práticas educativas escolares têm um cunho eminentemente social, uma vez que permitem a ampliação e inserção dos indivíduos como cidadãos e protagonistas da história e da sociedade; sendo assim, a educação torna-se um instrumento importantíssimo para enfrentar os desafios do mundo globalizado e tecnológico.

A finalidade passa a ser então, formar pessoas que sejam capazes de conviver com a realidade das drogas, fazendo escolhas adequadas para sua vida. A educação deve possibilitar um maior nível de autoconhecimento, de conhecimento de sua realidade e do mundo, a adoção de comportamentos com menor probabilidade de riscos e danos, buscando assim uma redução de vulnerabilidade em relação ao uso e abuso de drogas (Albertani, 2013). Bucher (1989) alega que a educação preventiva tem mais efeito quando suas ações se concentram no uso racional e responsável de drogas e/ou quando enfatizam as vantagens de uma vida isenta de drogas do que quando focam nos perigos do uso. Os professores/as dessa escola compartilham da ideia de que a EP é possibilitadora de transformação da vida dos alunos, levando a novas perspectivas e ao desenvolvimento da autonomia e responsabilidade. Segundo eles, a EP pode atuar minimizando as pressões vivenciadas em seus contextos, e o papel do professor é o de ser um mediador e incentivador do projeto de vida dos alunos, mostrando-lhes alternativas e caminhos positivos.

Observa-se que os professores/as, através de suas RS, trazem a importância de seu papel, levando em consideração a proximidade com os alunos, proporcionada pela convivência diária

com eles, o que permite a observação de sinais e comportamentos que sinalizam a necessidade de alguma intervenção, seja de cunho pedagógico ou afetivo. Tais representações são afirmadas por Martini e Fugerato (2008), quando estes trazem que os professores/as podem ser capacitados para perceber os sinais de envolvimento com drogas que os alunos dão, através da expressão de seus sentimentos e emoções. Isso pode conduzir à adequação e ao aperfeiçoamento das atividades, propondo modalidades de intervenções contextualizadas. Dalbosco (2013) afirma que o professor, ao assumir uma postura relacional e dialógica, pode atuar com consciência e sensibilidade, transformando a informação em conhecimento e em consciência crítica.

A educação preventiva aponta como um desafio a ser encarado na contemporaneidade, envolvendo um trabalho conjunto entre a escola, a família e demais instituições responsáveis pela proteção à juventude (Dalbosco, 2013). Isso aparece nas redes de associação dos professores/as, quando os mesmos apontam a necessidade da responsabilidade compartilhada, através do envolvimento da família e da comunidade, denotando que as suas RS acerca da EP incluem o fazer coletivo e a percepção de que a escola, embora seja um espaço protetivo, precisa de ajuda e não pode fazer muita coisa sem o apoio de uma rede. Martini e Fugerato (2008) afirmam que o trabalho de prevenção deve ser pautado no conhecimento interdisciplinar e intersetorial, possibilitando a realização de ações que reforcem a responsabilidade coletiva e considerem a complexidade da temática.

As RS dos professores/as perpassa também pelo contexto de vulnerabilidade social e violência no qual a escola está inserida. Ao mesmo tempo em que a EP é concebida como uma estratégia para minimizar os impactos desse contexto, ela também é vista como algo que pode ser perigoso, caso venha a incomodar os traficantes da região, ou os próprios alunos que usam e/ou traficam dentro das escolas. Nesse sentido, os próprios professores/as apontam para a necessidade de capacitar os mesmos, tanto tecnicamente quanto emocionalmente, para que possam fazer uma abordagem efetiva.

Os resultados das práticas avaliadas pelos professores/as corroboram as suas RS sobre a EP, esta tida como uma prática fundamental. A maioria dos professores/as avaliam as práticas como positivas, mesmo quando não atinge a todos. De acordo com eles, considerando o contexto onde a escola está inserida, alcançar e modificar a realidade de pelo menos um aluno, já faz a diferença e é positivo. Assim, segundo eles, essas ações precisam ser contínuas, independente do número de alunos que alcance. Martini e Fugerato (2008) corroboram essas

RS, ao afirmarem que a prevenção deve começar cedo e permear tudo o que for feito durante o ano escolar: “Prevenção é estilo de vida, é um processo permanente e estratégico” (p.06).

Os resultados dessa pesquisa indicam que as RS dos professores/as acerca da educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas trazem impactos significativos em suas práticas, e que estas, se apoiadas e compartilhadas pela rede de apoio, constituída pela escola, comunidade, poder público, mídia, universidades locais, entre outros, podem se tornar cada vez mais efetivas na vida dos jovens, proporcionando a formação de cidadãos críticos, aptos a lidar com suas realidades e a vislumbrar alternativas saudáveis para suas vidas. A capacitação dos professores/as, a educação afetiva, as ações de prevenção continuadas e a responsabilidade compartilhada, segundo as redes de significações construídas pelos professores/as, parecem ser as respostas viáveis para a efetividade de práticas preventivas dentro das escolas.

Pela superposição das imagens reveladas pelas palavras e pelo discurso de professores/as, podemos afirmar que os resultados apontam para uma compreensão das drogas na dimensão afetiva, evocando os sentimentos de tristeza, depressão, solidão, desamparo; e nessa perspectiva as pessoas envolvidas no processo como a família, os amigos e professores/as tornam-se importantes, uma vez que podem se tornar referências positivas para esses sujeitos. Ancorado à essa imagem das drogas, a educação preventiva se revela como uma forma positiva e eficaz na medida em que ações como aconselhamentos, diálogos, palestras e informações, bem como relações de afetividade, nas esferas intersetoriais podem minimizar o envolvimento dos jovens com as drogas. Logo, podemos dizer que a educação afetiva, associada à disseminação das informações, é a base fundante para a estruturação do pensamento dos professores/as sobre o objeto social da representação, podendo trazer consequências para a vida dos jovens, como transformação, autonomia e mudança. Nessa perspectiva, a imagem construída sobre a educação preventiva sobre as drogas está alicerçada em três pilares: incentivo, informação e mobilização. Portanto, esse constructo nos permite apresentar elementos que orientem as práticas de professores/as em educação preventiva na escola para os jovens nas seguintes dimensões do desenvolvimento: da autoestima e do senso de responsabilidade em relação à própria vida; das condutas sadias, oferecendo meios necessários para escolhas conscientes; das atitudes e valores considerados como positivos, encorajando o desenvolvimento da personalidade e criatividade; da disseminação de informações que permitam níveis de reflexões críticos e autônomos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo investigar as representações sociais dos professores/as acerca da educação preventiva ao uso e abuso de drogas, e como o conteúdo destas poderiam contribuir para a promoção e/ou consolidação da educação preventiva na escola. Os resultados nos mostraram que esses professores/as concebem a educação preventiva como uma ferramenta de extrema importância na sua atuação, principalmente pela possibilidade desta minimizar as consequências das vulnerabilidades sociais e familiares vividas pelos seus alunos, e principalmente na diminuição do envolvimento dos mesmos com as drogas. As RS que fazem sobre a EP refletem nas suas práticas cotidianas, seja através da utilização de recursos pedagógicos para tratar a temática das drogas, seja pela criação de um ambiente acolhedor e afetivo que permita aos alunos construir um vínculo de confiança, onde encontram espaço para expor suas dúvidas e sentimentos.

A teoria das RS nos permitiu compreender como ideias e saberes que são compartilhados por um grupo no mesmo espaço podem estar influenciando mutuamente os atores que os constitui. Os discursos dos professores/as se aproximaram, bem como as disponibilidades para o fazer preventivo dentro de suas práticas. Foi possível perceber que as RS, formadas a partir de elementos como informações, crenças, opiniões, valores, entre outros, exercem uma grande influência na forma como esses atores atuam em suas práticas cotidianas. O conceito de educação preventiva, estudado aqui nessa pesquisa, pôde ser visualizado nos discursos dos participantes, que mesmo sem conseguir formular teoricamente uma concepção acerca dela, puderam trazer o seu conhecimento empírico, através do seu fazer cotidiano. Dessa maneira, pode-se dizer que a EP é legitimada dentro dessa escola, não através de uma reafirmação teórica, e sim do saber empírico, de uma expertise construída pelos professores/as, a partir de um olhar sensível e contextualizado das problemáticas vivenciadas cotidianamente por seus alunos. Eles aprenderam na prática, em cima de uma necessidade explícita, urgente. Apesar de nenhum deles ter feito um curso sobre educação preventiva (como pôde ser visto nos dados colhidos no questionário sociodemográfico), todos, em alguma medida demonstraram ter uma familiaridade prática com a temática, e a partir de seus valores, atitudes, vivências e informações foram construindo e compartilhando as suas RS acerca dela.

Esse trabalho buscou também construir um enfoque interdisciplinar em relação à educação preventiva ao uso e abuso de drogas, tentando responder aos desafios do GIPRES, grupo de pesquisa ao qual estou vinculada, no que diz respeito à aplicabilidade do conteúdo das

representações sociais, nesse caso relacionado à educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas construídas pelos professores/as estudados. Procurou situar a educação no contexto da contemporaneidade, esta tida como uma possibilitadora de formação de pessoas em todos os níveis: intelectual, cognitivo, emocional, afetivo e social. Educação esta que ultrapassa a lógica conteudista para entender o sujeito com alguém que precisa ser preparado para lidar com as demandas que a sociedade contemporânea apresenta. Assim, a temática das drogas e a forma como a educação pode contribuir para o manejo desta, traz em seu bojo a necessidade de se pensar uma educação que rompa com a ideia da mera proibição, e leve os alunos à reflexões sobre a vida e suas escolhas; dessa forma a escola surge como um espaço privilegiado de prevenção ao uso.

Nesse contexto, é importante reconhecer o educando como um sujeito em desenvolvimento, a escola e a família como formadores de valores, ao tempo em que é necessário intermediar processos para reconhecer as potencialidades da escola e de seus atores, integrando temas sociais que favoreçam o desenvolvimento do aluno, este visto como um sujeito transformador, protagonista e cidadão no contexto sociofamiliar. É essencial tomar a realidade e o cotidiano dos sujeitos como base para elaborar os projetos, criar espaços para exploração das questões emocionais da juventude, canais de comunicação e participação com atividades alternativas, esporte, cultura, artes.

É preciso amadurecer essa discussão, buscando conhecer o potencial preventivo das escolas, as estratégias adotadas pelas mesmas e as parcerias acionadas para a resolução das questões. Construir políticas públicas permanentes, que colaborem efetivamente para a prevenção do uso e abuso de drogas no âmbito escolar, fortalecendo esses espaços.

Desde o primeiro momento, os coordenadores, diretores e professores/as do Colégio Paulo VI mostraram-se abertos e disponíveis para acolher a pesquisa, demonstrando inclusive bastante interesse pelo tema. Encontramos algumas dificuldades em conseguir encontrar os professores/as em um horário único que permitisse a utilização do grupo focal, o que nos fez optar pela mudança de instrumento para levantamento de informações, optando-se assim pela entrevista semi-dirigida, individualmente. Dessa forma, a levantamento de informações transcorreu de maneira tranquila, respeitando os horários disponibilizados pelos professores/as.

A realização desse estudo permitiu concluir que a educação preventiva é concebida pelos professores/as como uma temática de grande relevância no cenário atual, visto que ela aparece como uma alternativa viável para o enfrentamento do envolvimento dos jovens com as

drogas. Revelou também a consciência dos mesmos acerca da responsabilidade da escola na formação dos sujeitos, assim como a participação essencial deles nessa tarefa. Os professores/as têm papel fundamental na implantação de estratégias preventivas nas escolas, por isso há a necessidade de compreender as concepções destes sobre a questão e um investimento maior na capacitação deles, bem como no fortalecimento da rede em todos os níveis, conscientizando todos os envolvidos sobre a importância da articulação, em um esforço coletivo para um enfrentamento adequado da problemática em questão. Faz-se fundamental a preparação de todos os envolvidos no processo de educação para um desempenho eficaz diante desse problema. Para tanto, percebe-se a necessidade da criação de projetos continuados, que estejam passando por sistemáticas avaliações, a fim de potencializar os resultados das ações preventivas dentro das escolas.

A construção de um ambiente preventivo através da disseminação de informações, bem com a criação de espaços afetivos, com a presença de diálogos e canais de comunicação, além da devida contextualização acerca do envolvimento com as drogas, faz da escola estudada e de seus professores/as um espaço com grande potencial de prevenção. Algumas questões precisam ser lapidadas para potencializar esse espaço, como o investimento sistemático e aprofundado na formação dos professores/as como agentes de prevenção, tanto tecnicamente quanto pessoalmente, para que os mesmos possam criar estratégias pedagógicas consistentes e contínuas, ao tempo em que possam se preparar para lidar com as questões decorrentes do contexto vivenciado por seus alunos, especialmente nos âmbitos social, familiar e educacional. Faz-se necessário investir na capacitação dos professores/as, uma vez estes já trazem consigo ferramentas humanas e pessoais indispensáveis ao processo de prevenção: a sensibilidade, a abertura ao diálogo, a percepção de sinais em sala de aula, a compreensão do fenômeno das drogas de maneira holística, a preocupação com a vida de seus alunos, a disponibilidade para atuar na formação pessoal destes. Cabe agora apoiá-los e investir neles tecnicamente para que possam atuar de forma consciente no espaço escolar, com ferramentas apropriadas e planejadas. Cabe ainda incluir a discussão sobre a temática de forma continuada no currículo escolar, iniciando o trabalho preventivos desde as primeiras séries, para que essa prevenção seja capaz de trazer resultados permanentes e duradouros na personalidade e formação dos sujeitos, auxiliando-os no desenvolvimento de uma vida autônoma e responsável.

Nesse sentido, essa pesquisa contribui para a ampliação do olhar para a EP, muitas vezes relegada a um segundo plano, ou realizada de maneira amadora e ineficiente; bem como chama

a atenção para a importância da preparação dos professores/as, que podem ter as suas práticas potencializadas a partir da adequada capacitação e acompanhamento. Acredita-se que quando essas questões são debatidas de forma aprofundada, as chances de desenvolver ações que de fato tragam a possibilidade de transformação de vida dos jovens, é maior.

Por fim, acredita-se que essa pesquisa pode e deve ser ampliada para outras escolas que vivenciam o mesmo contexto, a fim de proporcionar a possibilidade de trabalhar as representações da educação preventiva, e a partir disso ampliar as possibilidades de atuação nesse contexto. Para tanto, sugere-se novos estudos empíricos nas universidades, nos grupos de pesquisa, em particular no próprio GIPRES, a fim de ampliar os resultados e subsidiar as políticas públicas de prevenção. Acredita-se que os resultados dessas pesquisas podem servir como base para propor e desenvolver práticas no contexto escolar, que incluam atuações intersetoriais, que possam potencializar o caráter preventivo das ações, a partir de uma rede de interlocução entre as escolas e as redes de apoio, trabalhando a responsabilidade compartilhada.

4. REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C.; GUIMELLI, C.; MOLINER, P.; RATEAU, P. Teoria das Representações Sociais. Tradução: Claudia Helena Alvarenga. In: Van Lange, P.A.M.; Kroglanski, A.W.; Higgins, E.T. (Org.). **Handbook of theories of social psychology**, v.2. London: SAGE, 2012.
- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. **Estudos interdisciplinares de representação social**, v. 2, n. 1998, p. 27-38, 1998.
- ABRIC, J. C. La recherche sur Le sreprésentations sociales: l'étude expérimentale des représentations sociales. DESCHAMPS, J. C.; BEAUVOIS, J. L. (dir.). **Des attitudes aux attributions: sur la construction de la réalité sociale** (p. 158-161). Grenoble: PUG, 1996.
- ABRIC, J-C. Central system peripheral their functions roles in dynalics of social representations. **Papers on Social Representations**, 2, 75-78. 1993.
- ABRIC, J. C., GUIMELLI, C., & Abric, J. C. (1994). A organização das representações sociais: sistema central e sistema periférico. Guimelli CH. Structures et transformations des représentations sociales. Lausanne (CH): Delachaux et Niestlé, 73-84.
- ALBERTANI, H. M. B. O professor e a prevenção do uso de drogas: em busca de caminhos. In: **Prevenção ao uso de drogas: a escola na rede de cuidados**. Ministério da Educação. Ano XXIII, nº 23, nov. 2013.
- ALMEIDA, A. M. de O. Abordagem Societal das Representações Sociais. In: **Sociedade e Estado**, v.24, n. 3, p. 713-737, set. / dez. 2009.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. In: **Revista Múltiplas Leituras**, v. 1, n. 1, p. 18-43, jan/jun 2008.
- AMPARO, D. M, et al. A escola e as perspectivas educacionais de jovens em situação de risco. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2008, 12.1: 69-88.
- ARALDI, J.; NJAINE, K.; OLIVEIRA, M. C.; GHIZONI, A Representações sociais de professores/as sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola. In: **Interface Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, n.40, janeiro-março, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 2013.
- BAUMAN, Z. **Ética pós moderna**. Paulus: São Paulo, 1997.
- BOMFIM, N. R., Campos e abordagens da pesquisa em representações e educação: desafios e perspectivas do GIPRES. In: Artigo produzido, de modo original e inédito, para a Banca de Progressão e Promoção Funcional de Professor Titular B para Professor Pleno, na Universidade do estado da Bahia (UNEB), 2015.

BOMFIM, N. R. Uma perspectiva educacional da relação entre cultura e ambiente. In: **Terceiro Encontro de estudos multidisciplinares em cultura**. Salvador: UFBA, 2007

BOMFIM, N. R. As representações sociais do espaço a serviço da geografia escolar. **Revista ciência geográfica, ano X**, v. 10, n. 11, p. 252-253, 2004.

BUCHER, R.. A abordagem preventiva do uso indevido de drogas. In: BUCHER, R. (org). **Prevenção ao uso indevido de drogas**. UNB, 1989.

BUCHER, R.; OLIVEIRA, S. O discurso do "combate às drogas" e suas ideologias. **Revista de Saúde Pública**, 1994, 28.2: 137-145.

BUCHER, R. A ética da prevenção. **Psicologia: teoria e pesquisa**, 2012, 8.3: 385-398.

CAMPOS, P. H. F. ROUQUETTE, M. L. Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, n. 3, p. 435-445, 2003.

CARLINI-COTRIM, B., & ROSEMBERG, F. (2013). Drogas: prevenção no cotidiano escolar. *Cadernos de Pesquisa*, (74), 40-46.

CARLINI-COTRIM, B., & PINSK, I. (2013). Prevenção ao abuso de drogas na escola: uma revisão da literatura internacional recente. **Cadernos de Pesquisa**, (69), 48-52.

CONTE, M. V. M. et al . Consumismo, uso de drogas e criminalidade: riscos e responsabilidades. **Psicologia ciência e profissão**. Brasília, v. 27, n. 1, Mar. 2007.

DALBOSCO, C. As situações-problema relacionadas ao uso de álcool e outras drogas presentes na escola. In: **Prevenção ao uso de drogas: a escola na rede de cuidados**. Ministério da Educação. Ano XXIII, nº 23, nov. 2013.

DALBOSCO, C; PEREIRA, A. L. D. Introdução. In: **Prevenção ao uso de drogas: a escola na rede de cuidados**. Ministério da Educação. Ano XXIII, nº 23, nov. 2013.

DENIS, M. **Image et cognition**. France : PUF.1989.

DESSEN, M. A; POLONIA, A. da C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, 2007, 17.36: 21-32.

DOWBOR, L. Educação e desenvolvimento local. In: MAFRA, J. et al (orgs). **Globalização, Educação e Movimentos sociais: 40 anos da Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Editora Esfera, 2006.

DOISE, W. Attitude et représentations sociales. In : D. Jodelet (ed.), **Les Représentations Sociales**, pp. 220-238. Paris Presses Universitaires de France. 1989.

ERALY, A. **L'expression et la représentation: une théorie sociale de la communication**. France: L'Harmattan.2000.

ESTEBAN, M. P. S; SANDIN, Paz. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERREIRA, T. C. D., Sanchez, Z. V. D. M., Ribeiro, L. A., Oliveira, L. G. D., & Nappo, S. A. Percepções e atitudes de professores/as de escolas públicas e privadas perante o tema drogas. **Interface (Botucatu)**, v. 14, n. 34, p. 551-62, 2010.

FONSECA, M. S. "Como prevenir o abuso de drogas nas escolas? **Psicologia Escolar e Educacional** 10.2 (2006): 339-341.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GUIMELLI, Ch. **La pensée sociale**. Paris : PUF, Collection « Que sais-je ? ».1999.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In : D. Jodelet (Org.). **Les représentations sociales** (p. 31-61). Paris: PUF.1989.

LEFEBVRE, H. La production de l'espace. **L'Homme et la société**, v. 31, n. 1, p. 15-32, 1974.

LEIRO, A. C. R. **Educação e mídia esportiva: representações sociais das juventudes**. 2004. 290 f. 2004. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

LIBÂNEO, J. C. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas: Alínea, p. 19-63, 2005.

LIMA, T. C. S., e MIOTO, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katalysis**, 10(n. esp.), 37-45.

LUZ, A. A. Educação e prevenção ao abuso de drogas: limites e possibilidades. **Educar em Revista**, 2001, 17: 223-226.

MACHADO, L. V.; BOARINI, M. L. Políticas Sobre Drogas no Brasil: a Estratégia de Redução de Danos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 33, n. 3, p. 580-595, 2013.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2002.

MARQUE, S. C.; OLIVEIRA, D. C. de; FRANCISCO, M. T. R. Abordagem estrutural das representações sociais sobre a aids entre os servidores de um hospital universitário. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**, v. 7, n. 2, p. 186-195, 2003.

MARTINI, J.G; FUREGATO, A.R. Representações sociais de professores/as sobre o uso de drogas em uma escola de ensino básico. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, maio-junho, 2008 .

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5, n. 6, p. 5-14, 1997.

MEUNIER, J.-P. Image et cognition. In : J.-P. Meunier et D. Péraya (Org.). **Re-cherches en communication**, (10), Université Catholique de Louvain.1998.

MOREIRA, F. G.; SILVEIRA, D. X.r da; ANDREOLI, S. B.. Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2006, 11.3: 807-816.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse : son image et son public**. France : PUF.1961.

MÜLLER, A. C.; PAUL, C. L.; SANTOS, N. I. S. dos. Prevenção às drogas nas escolas: uma experiência pensada a partir dos modelos de atenção em saúde. **Estudos de psicologia (Campinas)**. Vol. 25, n. 4 (out./dez. 2008), p. 607-616., 2008.

NOTO, A.R; MOREIRA, F.G. Prevenção ao uso indevido de drogas: conceitos básicos e sua aplicação na realidade brasileira. In: Silveira DX, Moreira FG. **Panorama atual de drogas e dependências**. São Paulo: Atheneu; 2006. p. 313-8.

PIAGET, J. et INHELDER, B. **L’image mentale chez l’enfant : étude sur le développement des représentations imagées**. Paris : PUF.1966.

SAVIANI, D. et al. Formação de professores/as: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 143, 2009.

SAVIANI, D.. Educação e democracia. **Introdução à administração educacional**, 1983.

SCHENKER, M.; MINAYO, MC de S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciênc Saúde Coletiva**, 2005, 10.3:

SODELLI, M. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. **Ciência & Saúde Coletiva**, 15(3), 637-644, (2010).

SUDBRACK, M. de F. O.; GUSSI, M. A. Prevenção do uso de drogas: a construção de uma política pública a partir da formação de educadores. In: **Prevenção ao uso de drogas: a escola na rede de cuidados**. Ministério da Educação. Ano XXIII, nº 23, nov. 2013.

TOLEDO et al. A escola e sua inserção no enfrentamento às drogas. Trabalho de iniciação científica. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2013.

WACHELKE, J. Beyond Social Representations: the Conceptual Bases of the Structural Approach on Social Thinking. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 47, n. 1, p. 131-138, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A

**CARTA À DIRETORA DA ESCOLA
E
DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)**

Feira de Santana, 01 de setembro de 2016.

**Prezada Diretora
Ana Verena Rodrigues Amorim**

Eu, Ariana Bitencourt, sou estudante do Mestrado em Educação da Universidade do Estado da Bahia e trabalho no Projeto intitulado **Representações sociais de professores/as acerca da educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas**, que tem como objetivo compreender como o conteúdo das representações sociais (RS) sobre a educação preventiva de professores/as pode contribuir com/para a promoção e/ou consolidação da Educação preventiva no espaço escolar. Para atender nossos objetivos, nós vamos proceder da seguinte maneira: recrutaremos e selecionaremos os professores/as, que inicialmente responderão a um questionário sociodemográfico. Em seguida, eles participarão de duas etapas dessa pesquisa: a primeira, que consiste na aplicação de um questionário de evocação livre; e a segunda, que consiste em uma entrevista semidirigida, realizada de forma individual, conforme os horários disponibilizados por eles. Os resultados deste estudo podem contribuir para a elaboração de propostas que visam a promoção e/ou consolidação da Educação preventiva no espaço escolar.

Nós escolhemos esta escola pois ela está situada em um bairro que está inserido em um contexto de vulnerabilidade social, mas também pela inserção anterior que tivemos, que nos possibilitou observar a implicação dos gestores e professores/as com o desenvolvimento dos alunos. Ademais, já temos uma certa familiaridade com essa escola, devido ao acompanhamento do trabalho desta nas Comunidades de Atendimento Socioeducativo de Feira de Santana, onde atuei como coordenadora técnica.

Todas as informações colhidas nessa pesquisa serão consideradas sigilosas, no tocante a identidades desses professores/as/as, e outras que serão utilizadas, apenas, para o cumprimento dos objetivos desse estudo.

Expressamos os melhores dos nossos sentimentos,

Atenciosamente,

Ariana Bahia Bitencourt

Avenida Silveira Martins, 2555 Cabula, Salvador.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Natanael Bomfim'. The signature is fluid and cursive, with a large initial 'N' and 'B'.

Natanael Bomfim

Avenida Silveira Martins, 2555 Cabula, Salvador.

DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA

Declaro para os devidos fins que, eu Prof^a. **Ana Verena Rodrigues Amorim**, na condição de diretor, concordo que o Colégio Paulo VI participe como Escola Parceira, do estudo intitulado “**Representações sociais de professores/as acerca da educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas**”, a ser realizado pela pesquisadora Ariana Bahia Bitencourt, sob orientação do Prof. Dr. Natanael Reis Bomfim, Departamento de Educação, Campus I, UNEB/SSA.

Feira de Santana, 01 de setembro de 2016.

Ana Verena Rodrigues Amorim

Diretora

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCEL) PARA PROFESSORES/AS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)

PROJETO DE PESQUISA: Representações sociais de professores/as acerca da educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo Convidado(a) como voluntário(a) a participar da Pesquisa: **Representações sociais de professores/as acerca da educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas**. Este estudo visa compreender as ideias, pensamentos e crenças dos professores/as acerca dessa temática.

Para a ciência, a pesquisa é justificada, quando o que vocês pensam sobre “uso e abuso de drogas” e “educação preventiva” pode nos ajudar a ampliar esse conceito e, também, pensar na orientação de práticas que possam auxiliar a escola a se constituir como um espaço protetivo para a juventude. Logo, o **objetivo dessa pesquisa** é compreender como o conteúdo das representações sociais (RS) sobre a educação preventiva de professores/as pode contribuir com/para a promoção e/ou consolidação da Educação preventiva no espaço escolar.

Observações:

1. Estas atividades não trarão nenhum desconforto e risco mínimo para você;
2. Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar;
3. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios;
4. O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.
5. Os resultados deste estudo serão aplicados na elaboração de propostas que visam a promoção e/ou consolidação da Educação preventiva no espaço escolar.

6. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia e outra será fornecida a você.

7. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu, _____ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. A pesquisadora Ariana Bahia Bitencourt certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Em caso de dúvidas poderei chamar a pesquisadora Ariana Bahia Bitencourt pelo e-mail **ariana.bitencourt@gmail.com**.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO, EVOCAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS E HIERARQUIZAÇÃO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)

PROJETO DE PESQUISA: Representações sociais de professores/as acerca da educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas.

Questionário sociodemográfico

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: Mas. () Fem. ()

Formação/Tempo de formação: _____

Tempo de trabalho nessa escola: _____

Atua nos anexos: () Sim () Não

Se sim, em qual (is): () Presídio () CASE Zilda Arns

Cursos e especializações: _____

Já fez algum curso sobre a temática das drogas? Sim () Não ()

Se sim, qual: _____

Já fez algum curso sobre a Educação preventiva nas escolas? Sim () Não ()

Se sim, qual: _____

Obrigada!



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)**

PROJETO DE PESQUISA: Representações sociais de professores/as acerca da educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas.

EVOCAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS E HIERARQUIZAÇÃO

Vamos ao questionário! Ele é chamado de evocação livre de palavras e hierarquização.

ETAPA 1

Faremos assim: Durante 2 minutos, feche os olhos e se imagine em qualquer lugar...

Bom, vamos lá! Agora, escreva cinco palavras que lhe venham em mente quando você pensa na expressão “Uso e abuso de drogas”:	Muito bem! Agora você vai enumerar, de 1 a 5 , sendo 1 a mais importante e 5 a menos importante:

ETAPA 2

Agora, escreva cinco palavras que lhe venham em mente quando você pensa na expressão “Educação Preventiva”.	Muito bem! Agora você vai enumerar, de 1 a 5 , da mais importante para menos importante.

Muito obrigada!



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)**

PROJETO DE PESQUISA: Representações sociais de professores/as acerca da educação preventiva ao uso e abuso de drogas nas escolas.

Roteiro da Entrevista Semi-dirigida

1. Na sua concepção o que é Educação preventiva ao uso e abuso de drogas?
2. Como você percebe a escola nesse contexto?
3. Qual o papel do professor nas práticas preventivas?
4. Você se percebe realizando práticas preventivas na escola? Caso sim, quais?
5. Você percebe resultados nessas ações?